

1197800443



UMA ANÁLISE METODOLÓGICA DA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES



Fundação Getúlio Vargas
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
Biblioteca



443/78



1197800443

mcc

Escola de Administração de Empresas de São Paulo	
Data 29.11	N.º de Chamada 65.01 C376a
N.º Volume 443/78	Registrado por for

lis.
v.1
e.1

SP-00021173-0

Dissertação de Mestrado apresentada a
Escola de Administração de Empresas de São Paulo
da Fundação Getúlio Vargas

Devo agradecer ao Prof. Carlos Osmar Bertero, meu orientador, à gentileza que sempre encontrei no Prof. Mauricio Tratemberg, no Prof. Carlos José Malferrari e na Profa. Yolanda F. Balcão.

A muitos colegas do Curso de Mestrado, a professores e funcionários da EAESP, devo apoio, incentivo e calorosa amizade.

Quero, porém, dedicar esta dissertação a

Ana Helena Pompeo de Toledo

Eneida Serpe Dorsa e

Nair Cecília Ayres

porque sempre compartilharam comigo minhas preocupações com a Escola.

E ao Prof. Ilkka Heiskanen, da Universidade de Helsinki, que, tão prontamente, enviou-me seu trabalho, colocando-se a meu inteiro dispor.

Dezembro de 1977

À memória de meu pai que queria ver este
trabalho terminado.

A meus familiares.

Compuseram a Banca Examinadora desta Dissertação os seguintes professores da Fundação Getúlio Vargas:

Prof. Carlos Osmar Bertero, Ph. D (orientador)

Prof. Vilmar Evangelista Faria, Ph. D

Prof. Maurício Tratemberg, Dr.

A apresentação foi feita na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas no dia vinte e nove de maio de mil novecentos e setenta e oito.

Quando retomei o meu Curso de Pós-Graduação, após uma prolongada interrupção, voltei a frequentar as aulas de Metodologia de Pesquisa do Prof. Esdras Borges Costa, a quem devo a inspiração deste trabalho. Mais tarde, divergimos seriamente, sobre o modo de conduzi-lo. As diferenças ideológicas e de opinião tornaram-se, profundamente, inconciliáveis. Mas, as formas de minha perseverança e muitas das soluções encontradas ao longo do trabalho lhe são devidas.

Isto talvez prove que acima da conciliação, permanece o exemplo.

UMA ANÁLISE METODOLÓGICA DA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES

MARLY CAVALCANTI

VOLUME I

Dissertação de Mestrado

EAESP/FGV

Í N D I C E

<u>Capítulo</u>	<u>Página</u>
Introdução	01
I Epistemologia e Metodologia	
Tema I : A metodologia como codificação da prática de pro dução de conhecimentos	06
Tema II : O positivismo lógico - A Escola de Viena. Karl Popper - A lógica da descoberta científica	28
Tema III : Thomas S. Kuhn - A psicologia do conhecimento.	44
Tema IV : A epistemologia marxista	61
Tema V : Epistemologia e Metodologia - Conclusões	68
II Ideologia e Ciência	
Tema I : Considerações introdutórias	77
Tema II : A dialética	80
Tema III : Karl Mannheim	87
Tema IV : A epistemologia de Durkheim - A divisão do tra- balho social e o problema da ciência e do traba lho científico	95
Tema V : A Escola de Frankfurt - Uma postura de auto-crí- tica filosófica	100
Tema VI : Possibilidade de uma teoria geral das ideolo- gias	109
Tema VII : Em busca do critério de demarcação	117
Tema VIII : Críticas à pretensão positivista de consti- tuir a experiência sensorial como nível últi mo de evidência	128
Tema IX : Ideologia e Ciência - Conclusões	138

III	O individualismo Metodológico nas Ciências Sociais	
	Tema I : Problemas de formação conceptual nas ciências so- ciais	141
	Tema II : A controvérsia entre Nagel e Popper. A rivalida- de entre o individualismo metodológico e o redu- cionismo psicológico	149
IV	A Teoria das Organizações como Ciência	
	Tema I : O Behaviorismo como paradigma dominante na Teo- ria das Organizações	155
	Tema II : O individualismo metodológico na Teoria Organi- zacional	192
	Tema III : Os pressupostos filosóficos da Teoria Organiza- cional	206
	Tema IV : O deslocamento do problema da objetividade	220
V	Problemas de Mensuração	
	Tema I : A estratégia contextual proposta por Ilkka Heiskanen	229
	Tema II : As conseqüências do relativismo weberiano	243
	Tema III : Os pressupostos de aplicação e seu impacto so- bre a Teoria Organizacional	249
	Tema IV : As teorias da burocracia	260
	Tema V : Possibilidades de ampliação da Teoria Organiza- cional	266
	Tema VI : Problemas de mensuração - Conclusões	286

VI	Análise Comparativa das Teorias Organizacionais	
	Tema I : Identificação de uma teoria de comportamento que tenha fundamentado toda a teorização sobre orga- nizações.....	295
	Tema II : Problema epistemológicos envolvidos pela esco- lha de uma teoria específica de comportamento - organizacional	301
	Tema III : Análise Comparativa - Conclusões	306
	Conclusões Gerais	312
	Bibliografia	

INTRODUÇÃO

A análise metodológica defronta-se sempre com o problema da escolha entre duas estratégias metodológicas alternativas. A primeira sugere que se eleja um dos paradigmas existentes e se procure ampliá-lo e articulá-lo, de tal modo, que os problemas metodológicos no interior deste paradigma sejam 'resolvidos' ou superados.

A segunda alternativa consiste numa tentativa de assumir uma postura meta-analítica, comparando e analisando paradigmas científicos rivais, através de algumas dimensões metodológicas que deem conta das possibilidades destes paradigmas no tocante a solução dos problemas metodológicos propostos.

Em geral, na maioria das análises metodológicas, esta segunda alternativa se constitui numa defesa 'ex-ante' do paradigma escolhido de antemão, neste caso, as 'soluções' encontradas apenas procurarão reforçar a escolha.

Parece-nos que a Teoria Organizacional já acumulou razoável produção científica para que não mais exista lugar para os radicalismos, seja em direção do empirismo extremado do positivismo vulgar, seja em direção aos ideologismos, ambos geradores de controvérsias tão inúteis quanto desnecessárias. Torna-se, portanto, tarefa dos estudos metodológicos encontrar e desenvolver uma classificação metodológica que possibilite a comparação e a avaliação dos paradigmas existentes, mas, e sobretudo, é importante que a discussão metodológica propicie as condições de ampliação das teorias organizacionais existentes, através do exame de suas premissas básicas e da lógica interna de sua explanação científica.

Em razão deste propósito importa caracterizar a ciência como um empreendimento racional que se dá historicamente, importa buscar um critério de demarcação que distinga a ciência de outros empreendimentos humanos, e sobretudo é necessário circunscrever o 'problema' ideológico.

Estes passos se constituem nas premissas de identificação dos paradigmas que permitem a Teoria Organizacional se articular como empreendimento científico.

Porém, a simples identificação dos paradigmas, apenas inicia o trabalho metodológico que se propõe dar conta das fronteiras destes paradigmas e de modo crucial tenta ampliar os limites impostos às teorias organizacionais.

Duas questões metodológicas frequentemente debatidas, a saber, a questão da intromissão dos valores no trabalho científico e das possibilidades da ciência dotada de uma neutralidade axiológica, e a questão da congruência dos achados da pesquisa científica irão perdendo sua importância ao longo do trabalho, deixando lugar para os problemas metodológicos mais complexos e mais técnicos preocupados em dar conta da articulação das proposições teóricas. Subjacente à aparente incongruência dos resultados das pesquisas empíricas e mesmo das hipóteses em teoria organizacional - procuraremos identificar a existência de profundas articulações ao nível de complementaridade dos trabalhos científicos desenvolvidos neste campo de conhecimento. Além disto, o contacto com alguns dos mais cruciais problemas da filosofia da ciência, desde logo desmistificará a questão dos valores, ou as posturas que de modo simplista ou ingenuo pretendem - constituir a ciência em mais uma ideologia.

Importante, no entanto, é não deixar de observar que estas duas questões tornadas superficiais e incompletas à medida que desenvolvemos um estudo metodológico, tendem a retornar sempre como indagações fundamentais nas quais o pensamento se debate. As reflexões, contudo, não podem permanecer neste nível filosófico e regras para o trabalho científico devem ser encontradas, porque não obstante estas questões, a ciência se faz e se articula. Os debates weberianos a respeito da "Wertfreiheit", em que se se, sua perfeição estética e seu conteúdo moral dão lugar à visão institucional da ciência. As preocupações ao nível de integração das hipóteses e conclusões da teoria organizacional perdem sua relevância diante da noção mais ampla de paradigma, o qual comporta em seu interior contravérsias e discussões e até mesmo rupturas.

Todo trabalho metodológico é, na verdade, um trabalho de descoberta e reclassificação dos fundamentos da produção científica, identificando substratos comuns, isolando diferenças substanciais, investigando as autocategorizações dos autores num determinado campo do conhecimento, estabelecendo as relações entre o sujeito e o objeto do conhecimento, sujeito que não se confunde com a figura do pesquisador individual, objeto que transcende de muito à produção empírica.

A produção científica é essencialmente crítica, consistindo em conjecturas corajosas, controladas por uma crítica permanente e uma das tarefas cruciais do trabalho metodológico consiste, justamente, em investigar a incomensurabilidade de linguagens científicas diferentes, estando alerta

para identificar e reprimir dogmas perigosos que possam insistir na impossibilidade de tradução das linguagens científicas.

A escolha deste tema resultou de uma opção pessoal muito intensa e das pressões que sofri de um ambiente estimulante, mas crivado de ideologias. Minhas impressões iniciais sobre o caráter que devia emprestar a esta monografia foram, claramente, acentuadas durante a realização dos cursos oferecidos pelo Prof. Vilmar E. Faria, no Mestrado de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em suas aulas, este professor expos rigorosamente, os riscos envolvidos na combinação do instrumental analítico de diferentes escolas de pensamento e mesmo, de diferentes disciplinas. Mas, sua firme convicção sobre a possibilidade de uma reaproximação de paradigmas 'rivais' e mesmo, da necessidade de sua combinação, e sua sinceridade pessoal, serviram-me de suporte para o fortalecimento de minhas próprias convicções e amenizaram um pouco, minhas preocupações particulares, quanto à incomensurabilidade das linguagens científicas.

Este trabalho se propõe, primeiro, identificar os princípios da epistemologia e da metodologia contemporâneas, demonstrando que, em sua totalidade, as posturas são dialetizantes da relação sujeito-objeto. A segunda parte do trabalho se preocupará com os problemas surgidos da dicotomia ideologia e ciência, e sobretudo, com a possibilidade da emergência de uma teoria crítica da sociedade e de uma teoria geral das ideologias. A terceira parte indagará dos problemas de formação conceitual nas ciências sociais, demonstrando a relevância do princípio do individualismo metodológico, e a importância do reducionismo psicológico nas ciências sociais.

A quarta parte iniciará a identificação do paradigma dominante na teoria das organizações e discutirá as propostas do positivismo e do pragmatismo.

A quinta parte referir-se-á, basicamente, ao trabalho do Prof. Ilkka Heiskanen, analisando as questões da ampliação do conteúdo informativo e aplicação das teorias organizacionais.

A sexta parte identificará uma teoria de comportamento que tem fundamentado toda a teorização sobre organizações e discutirá as consequências epistemológicas desta escolha, enfatizando a necessidade urgente de uma preocupação, por parte dos teóricos organizacionais, com a construção de uma teoria de sociedade e uma teoria geral das ideologias, sem o que a teoria das organizações permanecerá confinada por limites estreitos. Não

tem este trabalho o objetivo de propor soluções, apenas com o auxílio de uma bibliografia de alto nível, são apresentados problemas que surgem em diferentes campos do conhecimento social e que repercutem na teoria organizacional. Ensaia-se demonstrar a coerência paradigmática dos resultados das pesquisas organizacionais, ao longo do tempo e das escolas de pensamento, e sobretudo a necessidade de transcender filosoficamente a uma teoria de comportamento atomista, racionalista, cuja contribuição, não obstante, sua extrema importância, limita a análise teórica. Este trabalho propõe, portanto, um abandono da ênfase empírica, por uma volta às raízes filosóficas da teoria das organizações. Longe de acreditar que a teoria das organizações seja mera ideologia, buscamos seu aprimoramento como ciência.

'I do admit that at any moment we are prisoners caught in the framework of our theories; our expectations; our past experiences; our language. But we are prisoners in a Pickwickian sense: if we try, we can break out of our framework at any time. Admittedly, we shall find ourselves again in a framework, but it will be a better and roomier one; and we can at any moment break out of it again. '

Karl Popper

Normal Science and its Dangers

(Lakatos & Musgrave, Eds.)

I - Epistemologia e Metodologia

Tema I :

A metodologia como codificação da prática de produção de conhecimentos.

A epistemologia científica moderna se constitui a partir de uma separação e de uma exclusão dos problemas ontológicos que constituíam a teoria do conhecimento clássico. A lógica moderna excluiu do campo epistemológico o problema geral do conhecimento para se concentrar, exclusivamente, sobre o exame de suas condições formais de validade e acumulação. A exclusão do 'problema do conhecimento' não resolveu, nem dissolveu a questão clássica das possibilidades do conhecimento, mas certamente ao estreitar os limites epistemológicos transformou a própria epistemologia numa metodologia geral, em uma lógica aplicada.

Duas orientações epistemológicas modernas encontram-se em oposição, embora partilhando os pressupostos contemporâneos, ambas se propõem a definir as condições de acumulação do conhecimento, uma, o positivismo lógico, de uma maneira francamente normativa, outra, definindo-se por uma ênfase meramente explicativa, expressa no trabalho de Popper, e numa tradição seguida pelo próprio Kuhn, Feyerabend, Lakatos e outros metodólogos contemporâneos. O objetivo epistemológico do néo-positivismo lógico do Círculo de Viena era realizar uma clarificação conceitual a uma unificação lógica da ciência, de modo a excluir toda a ambigüidade e a excluir do discurso científico todo o conceito ou proposição metafísica. Dois postulados regem este empreendimento: 1) somente é científica a proposição que se pode exprimir de uma forma lógica, e 2) uma proposição não possui significado, a não ser que seja redutível a julgamentos elementares da experiência, julgamentos atomísticos de percepção (sentenças observacionais) e descrições protocolares de observação (relatórios observacionais). Assim, para o positivismo lógico o discurso científico se compõe de tautologias, deduções lógicas, e constatações empíricas. O ideal científico proposto obriga a construção de um sistema lógico, no qual, todas as expressões correspondam a constatações empíricas, de tal modo que uma teoria científica deve estar axiomatizada e operacionalizada ao extremo de suas possibilidades. Isto leva ao monopólio da significação e da objetividade que coincidem necessariamente. Segundo esta concepção o universo objetivo da ciência coincide com a totalidade do fenômenos diretamente redutíveis a julgamentos de percepção. A primeira proposição do Tractatus de Wittgenstein afirma que 'o mundo é uma totalidade de fatos, não de coisas, sendo fatos as ocorrências experimentais relatadas por uma observação exaustiva'.

O positivismo identificou rigorosamente a epistemologia à metodologia, deixando a seus críticos a indagação da necessidade, e mesmo

da simples possibilidade, de uma axiomatização sistemática das teorias científicas, e do mérito metodológico da operacionalização dos conceitos e hipóteses científicas.

O ponto crucial das exigências positivistas está na possibilidade de criação de uma 'linguagem da ciência', através da qual, todas as proposições, hipóteses e evidências científicas sejam formuladas. Linguagem que deve possuir entre outros atributos, um vocabulário de observação, claramente delimitado, dotado de termos que designem atributos observáveis relativos a fatos ou eventos, que designem as propriedades observáveis dos objetos. Isto exclui toda a construção teórica, tornando-a destituída de significação e vazia.

Hempel ilustra bem as preocupações desta corrente ao defender o estabelecimento de uma teoria geral da confirmação e ao referir-se ao 'dilema do teórico'.

Resta aos críticos desta posição perguntar que 'atributo observacional' não é o produto de uma construção teórica, e aos positivistas a defesa, não mais da forma lógica do discurso científico, conferida pela axiomatização, e sim de uma lógica imanente da experiência, puramente implícita e que precede a formalização teórica. O que reintroduz a metafísica que tão cautelosamente pretenderam eliminar. Não é de causar admiração que o positivismo tenha gerado uma outra corrente que, simplesmente, de um modo pragmático, se referirá à necessidade do consenso quanto à prática científica, abdicando de qualquer pretensão ao rigor metodológico absoluto.

O esforço positivista parece indicar a necessidade de pressupostos de axiomatização e formalização que contemporaneamente, não foram atingidos, mas que poderão vir a sê-lo no futuro. Portanto, de modo algum tal esforço carece de validade ou importância, ou mesmo foi superado com a passagem do tempo. O problema da construção de uma linguagem observacional continua sendo crucial para o entendimento da produção científica.

Karl Popper representando uma das grandes correntes do pensamento epistemológico desenvolve uma 'dialética do discurso científico', ao construir uma teoria que põe em evidência o caráter negativo dos procedimentos de validação empírica das proposições científicas. Seu ponto de partida consistiu na rejeição do princípio de indução propondo, em seu lugar, a teoria do método do teste empírico das proposições dedutivas, segundo o qual, a linha de demarcação entre uma proposição metafísica e

uma proposição teórica objetiva, tem origem na submissão desta última, de modo irrestrito, a um procedimento de caráter empírico sistemático. Desse modo, a ciência objetiva se constitui por um conjunto de hipóteses empiricamente falseáveis, porém não efetivamente falseadas. Compatibilidade e contradição são as duas classes complementares da lógica popperiana. Seguindo-se esta lógica as hipóteses científicas se prestam à falsificação, mas não à verificação.

O problema científico não está na verificação empírica de suas teorias, o que é logicamente impossível, mas na invalidação destas teorias, e mesmo esta invalidação não se dá, em caráter absoluto, uma vez que hipóteses 'ad hoc' podem refutar a invalidação.

Tal método científico admite a necessidade de recorrer à adoção de certas convenções metodológicas, deste modo, uma hipótese aceita não pode ser rejeitada, a menos que uma de suas conseqüências seja falseada, ou que a própria hipótese possa ser substituída por outra mais falseável. Além disto, uma hipótese de falsificação deve estar também sujeita às regras de falseabilidade. Isto conduz a adoção sistemática da atitude de racionalismo crítico, na qual o momento propriamente científico decorre, exclusivamente, entre dois limites bem claros, a introdução de uma hipótese dotada de universalidade e coerência teórica, e a aceitação consensual de suas afirmativas.

A epistemologia não se ocupa, diretamente, nem com os pressupostos dos julgamentos universais (introdução de hipóteses), nem com julgamentos existenciais (aceitação consensual), mas unicamente com a relação julgamento universal e julgamento existencial.

A epistemologia contemporânea adota de divisa calvinista 'post tenebras lux', rejeitando e excluindo de seu campo o real considerado como processo de produção.

O evento fundamental que caracteriza os trabalhos epistemológicos modernos é uma concepção de ciência em desenvolvimento e, não mais definitiva. Assim, a filosofia da ciência se torna uma fenomenologia do conhecimento, descrevendo a rivalidade e a cooperação entre o esforço teórico e a pesquisa empírica. Isto possibilita a existência de um perpétuo conflito de métodos e talvez mesmo, a primeira tentativa de aproximação de interpretações científicas rivais. O debate sobre a neutralidade axiológica cede seu lugar à discussão, propriamente, epistemológica da neutralidade metodológica.

A complexidade essencial da filosofia científica se apoia, pa

ra Bachelard em duas atitudes filosóficas fundamentais, associadas num ecletismo tranqüilo, e que podem receber os 'nomes provisórios' de racionalismo e realismo.⁽¹⁾ A ciência é o produto do espírito humano, produzido segundo as leis do nosso pensamento e adaptado ao mundo exterior. O pensamento científico conduz à substituição das metafísicas intuitivas e imediatas por metafísicas discursivas objetivamente retificadas. A ciência cria, com efeito, a filosofia científica de base dualística, a qual não guarda, nem a pureza, nem a unidade de uma filosofia especulativa. Esta ambigüidade requer que todo pensamento científico seja interpretado numa linguagem realista e numa linguagem racionalista, numa espécie de polarização epistemológica. Se trata, contudo, de um realismo de segunda posição, de um realismo de reação contra a realidade usual, polemi-
zando contra o imediato.

O discurso sobre o método científico torna-se um discurso de circunstância, pois todo o pensamento científico carrega consigo uma novidade metafísica essencial. A epistemologia não-cartesiana interpreta o pensamento científico contemporâneo, para o qual nem o realismo, nem o racionalismo isolados podem, por si só, constituir a prova científica. O real imediato aparece como um simples pretexto para o pensamento científico e os liames entre teoria e experiência são considerados tão estreitos que qualquer método, não importa sua excelência, é obrigado a renovar seu objeto.

Contemporaneamente, não é possível discutir a objetividade, se-
não através da exposição discursiva e detalhada dos métodos de objetiva-
ção.

A epistemologia das ciências contemporâneas reconhece que a observação científica é sempre uma observação polemica, que ao confirmar ou infirmar uma tese anterior, um esquema preliminar, um plano de observação, hierarquiza as aparencias, transcende o imediato, reconstroi o
real.

Uma rede de compromissos, tanto metafísicos, quanto metodológicos diz aos cientistas que tipos de entidades o universo contém ou não contém, determinando que leis últimas e explanações fundamentais terão validade. Teorias, métodos, padrões de pesquisa encontram-se amalgamados

(1) Toutefois le sens du vecteur épistémologique nous paraît bien net. Il va sûrement du rationnel au réel et non point, à l'inverse, de la réalité au général comme le professeaient tous les philosophes depuis jusqu'à Bacon. Autrement dit, l'application de la pensée scientifique nous paraît essentiellement réalisante.
G. Bachelard (1946:4).

de um modo, usualmente, inextrincável.

A própria história da ciência demonstra que as conciliações, sejam experimentais, sejam teóricas, não se apresentam como sínteses, mas como compromissos, onde uma espécie de pedagogia da ambigüidade permite ao espírito científico a compreensão de novas doutrinas. Assim, os conceitos e os métodos perdem sua fecundidade à medida que se distanciam das condições experimentais em que foram formulados.

A expistemologia cartesiana repousava sobre uma doutrina de naturezas simples e absolutas. Descartes acreditava na existência de elementos absolutos no mundo objetivo, e mais ainda, que estes elementos absolutos são conhecidos em sua totalidade e de modo direto. A ciência contemporânea, ao contrário, está impregnada de um ideal de complexidade, dito de outra forma, substitui a claridade em si, por uma espécie de claridade operatória. Longe de ser o ente que ilustra a relação, é a relação que ilumina o ente.⁽²⁾ a dúvida constitui um traço essencial e não mais provisório da estrutura do espírito científico.

'L'heure n'est sans doute plus à un Discours de la Méthode. Déjà Goethe à la fin de sa vie, écrivait : 'Descartes a fait et refait plusieurs fois son Discours de la Méthode. Cependant, tel que nous le possédons aujour d'hui, il ne peut nous etre d'aucun secours' Je ne serais pas si sévere que Goethe. Mais les regles générales de la méthode cartésienne sont désormais des regles qui vont de soi. Elles représentent pour ainsi dire la politesse de l'esprit scientifique ; elles sont, pour un Congres comme le notre, les habitudes évidentes de l'homme de bonne compagnie'. (Ob. Cit. 1972:38).

Talvez a maior objeção que se pode fazer a Bachelard advém do fato de que sua preocupação epistemológica está dirigida exclusivamente às ciências naturais, podendo ser, portanto, bem menos aplicável aos problemas específicos das ciências sociais. Mas, por seu turno, é inegável que a epistemologia moderna se constitui em razão do desenvolvimento e questionamento no interior das ciências naturais. E, além disso, os pressupostos metodológicos das ciências naturais contituem os fundamentos de um dos paradigmas de análise social mais bem desenvolvidos, o behaviorismo. E, então também, incorporados às análises sistêmicas e funcionalistas da sociedade.

(2) En réalité, il n'y a pas de phénomènes simples ; le phénomène est un tissu de relations. Il n'y a pas de nature simples, de substance simple ; la substance est une texture d'attributs.

G. Bachelard (1946:148).

Bachelard crê que o racionalismo aplicado, síntese que se dá na ciência moderna, toma posição central entre as filosofias do conhecimento científico.



Desde que se interprete, sistematicamente o conhecimento racional como constituição de certas formas, como um conjunto de fórmulas próprias para 'informar' qualquer experiência científica, temos um formalismo. É o início de uma filosofia do conhecimento destinada a enfraquecer o papel da experiência. A comodidade das convenções torna-se um arbítrio. Por fim, o idealismo estabelece uma filosofia da natureza e se contenta em ordenar as 'imagens' desta natureza, perdendo toda a possibilidade de dar conta do pensamento científico moderno.

Por outro lado, a partir do positivismo, a inércia progressiva do pensamento conduz ao realismo, a uma concepção da realidade que é sinônimo de irracionalidade. O positivismo perde os princípios da necessidade, e apoiado nos julgamentos de utilidade, já se inclina para o pragmatismo, e as receitas do empirismo.

Parece indiscutível que as diversas tonalidades filosóficas - assinaladas formam um espectro que se aplica às ciências físicas. Sendo possível o estabelecimento de outros espectros para a sociologia, psicologia e demais ciências. Sendo, também verdade, que no interior de cada ciência, nem todas as suas partes gozam do mesmo grau de maturidade filosófica.

O materialismo técnico não é de forma alguma uma espécie de realismo filosófico, pois corresponde essencialmente a uma realidade transformada, retificada, a uma realidade que recebeu precisamente a mar

ca humana por excelência, a marca do racionalismo. O racionalismo aplicado procura, através das negações dialéticas, tornar mediato o que a percepção toma por imediato.

Da contradição entre o consenso da experiência vulgar e o consenso da experiência científica, até a prodigiosa diferenciação do pensamento científico o cientista enfrenta uma forma de conhecimento dupla , constituída pela intuição sensível e pela intuição intelectual.⁽³⁾

O racionalismo aplicado trabalha numa esfera em que as provas são o progresso e o progresso uma prova. Não é mais o tempo de dizer sim ou não à teoria a partir da experiência. O que o racionalismo conhece é o grau de aproximação particular das melhores verificações.

'Il n'y a de science que de ce qui est caché'. (Ob. cit.1966:38). O axioma da epistemologia pode ser lido como : descobrir é a única maneira ativa de conhecer. Por correlação, fazer descobrir, o único método de ensinar.

Esta descoberta não pode permanecer contingente, mas deve ser repensada para se afirmar nas ligações racionais. O pensamento racional é um pensamento em constante reorganização e não, a simples descrição de uma organização. Tal reorganização é evidenciada pela evolução das ciências modernas. O conceito hegeliano de 'razão observante' parece inadequado ao racionalismo contemporâneo que em suas aplicações técnicas ultrapassou o estágio de observação. Para o racionalista que pensa sobre um campo específico da experiência, a disponibilidade do exame não é mais a simples expectativa do observador que se prepara para tudo receber. A pesquisa procura destacar os traços do fenômeno que a experimentação deve 'fazer aparecer'. Para Husserl ao dado correspondia no espírito uma faculdade de receber. Este dualismo não parece, tão sistematicamente, recíproco para Bachelard que substitui a faculdade de receber pela faculdade de recepcionar, pois, nem tudo que é dado é pressupostamente, existente para o sujeito.

Quanto à questão da redução do racional ao lógico, as condições lógicas, admitidas portodas as filosofias, inscritas nas regras da linguagem, não desempenham nenhuma ação positiva particular no desenvol-

(3) La formation de l'esprit scientifique est non seulement une réforme de la connaissance vulgaire, mais encore une conversion des intérêts.
G. Bachelard (1966:24).

vimento do pensamento científico. A intersubjetividade do pensamento racional repousa não só num acordo quanto aos seus fundamentos, mas sobretudo numa admiração mútua da fecundidade da organização racional, animada pela dialética das novidades.⁽⁴⁾

A simples referência ao sentimento de admiração oferece o flanco às críticas de psicologismo, que Bachelard descarta ao falar de uma admiração refletida, reabsorvida, onde se deu a redução dos valores psicológicos aos caracteres objetivos da experiência.⁽⁵⁾

Sem dúvida, na filosofia da ciência moderna dá-se a transposição da ontologia da intuição imediata de um 'cogito' inicial à lenta e progressiva pesquisa de uma ontologia discursiva, na qual o ser se consolida pelo seu conhecimento. No estágio atual das ciências contemporâneas não é mais possível o xeque radical, pois estas ciências tornaram-se auto-polemicas, e portanto tornaram também impossível o sucesso definitivo.

A grande tese de Bachelard substitui a historicidade da cultura pela reorganização da cultura. E o mundo destruído pela dúvida universal de Descartes pelo mundo retificado. 'L'univers cartésien pourrait dire au philosophe : tu ne me retrouverais pas si tu m'avais vraiment perdu'. (Ob. Cit. 1966:51).

O problema científico se põe a partir de uma correlação de leis. 'Mais il y a un siècle l'expérience exigeait déjà un long commentaire, une mise en valeur car elle représentait une valeur épistémologique éminent. Elle était plus qu'un fait historique, plus qu'un fait qui résulte d'une constatation. Elle résolvait un problème. Dans ces conditions, un monde qui a déjà une sécurité objective se présente à nous comme une avenue de problèmes bien définis'. (Ob. Cit. 1966:53)

(4) Elle détermine non pas un orgueil de savoir - cet orgueil serait un signe de la clôture du savoir - mais un goût jamais apaisé d'apprendre.
G. Bachelard (1966:45)

(5) D'ailleurs nous donnons facilement le flanc à une autre attaque. La seule référence à un sentiment d'admiration semble en effet nous engager sans réplique dans le psychologisme et même dans le psychologisme du plus mauvais ton, celui qui conduit à confondre la chaleur d'une conviction et la clarté d'une démonstration. Mais nous opérons ici comme dans tous les moments de culture : nous associons à la pensée rationaliste toutes les valeurs psychologiques annexes, puis nous réduisons ces valeurs psychologiques pour ne garder que des caractères objectifs. C'est donc une admiration réfléchie, et comme résorbée, que nous visons.
G. Bachelard (1966:45).

Em ciência as verdades se agrupam em sistemas, enquanto os erros se perdem num magma informe.

A principal afirmação do discurso epistemológico contemporâneo reassegura que não existe conhecimento por justaposição. O empirismo e o racionalismo mantêm um diálogo constante.⁽⁶⁾ A medida que a epistemologia procurou desembaraçar-se das complexidades essenciais da metodologia positivista, descartando a questão de linguagem observacional, foi se reforçando a convicção de que o método que se tornasse um hábito perderia suas virtudes.⁽⁷⁾

A par disto, a filosofia contemporânea fundou um existencialismo imediato, singular, enraizado na originalidade do ser, e pouco espaço restou para a filosofia da ciência, pois o pensamento científico não possui a permanência e a coesão de uma existência.

Bachelard, Popper, Kuhn, e em geral todos os estudiosos dos problemas epistemológicos e metodológicos contemporâneos, tem afirmado que as ciências amadurecidas fazem de seus métodos, um estratagema de novas aquisições, e não perdem sua estabilidade fundada num consenso sobre algumas regras de objetividade científica. 'C'est que tout crise profonde dans la méthode est immédiatement une conscience de la réorganisation de la méthode'. (Ob. Cit. 1972:42).

A reorganização está na própria definição do pensamento racional. Desta forma, as crises reforçam a própria metodização da ciência, para combinar a cadeia de razões e a trama das experiências.⁽⁸⁾

Bourdieu procurando ultrapassar os debates acadêmicos que se travam sobre a aplicação do método das ciências exatas às ciências humanas submete a prática científica a uma reflexão aplicada, não à ciência feita, mas à ciência em processo. Tal tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir na prática científica as condições em que é possível separar o verdadeiro do falso, passando a estágios de conhecimento cada vez mais verdadeiros, através de aproximações que Bachelard defi

(6) Il faut toujours qu'un fait juge une méthode, il faut toujours qu'une méthode ait la sanction d'un fait.
G. Bachelard (1966:65).

(7) Le réel est une masse d'objections à la raison constituée. Et la pensée rationnelle est un système questionnant vis-à-vis d'une réalité endormie.
G. Bachelard (1966:66)

(8) On n'organize rationnellement que ce que l'on reorganise.
G. Bachelard (1972:50)

niu como retificações. Nas ciências humanas, as críticas ao positivismo mecânico sempre reafirmaram o caráter subjetivo dos fatos sociais e sua irreducibilidade aos métodos rigorosos das ciências físicas, conduzindo às conclusões de Hayek, inteiramente, favoráveis ao individualismo metodológico. Bourdieu assegura que nas ciências humanas a filosofia do trabalho científico como 'action polémique incessante de la raison' deve definir os princípios de um 'racionalismo regional', próprio da ciência sociológica, evitando a obediência incondicional a um organon de regras lógicas que tende a produzir um efeito de 'fermeture prématurée' ao fazer desaparecer a característica que Freud chamou de 'elasticidade das definições' e Hempel a 'disponibilidade semântica dos conceitos' que constituem, ao menos, em certas fases da história de uma ciência, as condições de invenção e construção científicas.

Entretanto, não se pode negar que a formalização lógica consiste num dos mais eficazes instrumentos de controle epistemológico. 'Le rigorisme technologique qui repose sur la foi en une rigueur définie une fois pour toutes et pour toutes les situations, c'est-à-dire sur une représentation fixiste de la vérité ou, parlant, de l'erreur comme transgression de normes inconditionnelles s'oppose diamétralement à la recherche des rigueurs spécifiques, qui repose sur une théorie de la vérité comme théorie de l'erreur rectifiée'. (Ob. Cit. 1968:28).

Não existe, portanto, uma lógica anterior e exterior à história de uma ciência.

A exortação insistente da perfeição metodológica se esquece da observação de N. Campbell, de que todas as proposições compreendidas entre certos limites são equivalentes, e se afasta precisamente da vigilância epistemológica. Aceitar a postura de Bachelard, pela qual, o fato científico é conquistado, construído e constatado, é recusar de vez o empirismo que reduz o ato científico à constatação e ao convencionalismo que apenas admite o preâmbulo da construção. O imperativo da constatação, contrário à toda tradição especulativa da filosofia social, tornou a comunidade sociológica indiferente a hierarquia epistemológica dos atos científicos que subordina a constatação à construção e a construção à ruptura.

Na sociologia, a força das noções comuns, ou das prenoções durkheimneas é tão intensa que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas no processo de ruptura.

Desde Marx e Durkheim, a sociologia rompe com a ilusão da

transparência, ao exigir que o cientista penetre no mundo social como em um mundo desconhecido.

A ciência não se reduz jamais a uma simples leitura do real e se a sociologia como ciência objetiva é possível, isto deve-se a existência de relações exteriores, necessárias, independentes das vontades individuais e que sendo inconscientes não apreendidas através de reflexão simples serão compreendidas apenas pela observação e experimentação objetivas. 'Si le principe de la non - conscience n'est pas que l'envers du principe du primat des relations, ce dernier principe doit lui-meme conduire à recuser toutes les tentatives pour définir la vérité d'un phenomene culturel indépendamment du systeme des relations historiques et sociales dans lesquelles il s'insere', Bourdieu (Ob. Cit. 1968:42).

A elaboração, aparentemente científica, de evidências públicas e a utilização de uma linguagem de múltiplos registros, que justapõe palavras comuns e palavras técnicas num discurso de aparência esotérica e que na realidade serve às funções exotéricas de uma empresa profética, compõem a sociologia espontânea com a qual é preciso romper. 'Si, comme dit Bachelard, 'tout chimiste doit combattre en lui l'alchimiste', tout sociologue doit combattre en lui-même le prophète social que son public lui demande d'incarner', (Ob. Cit. 1968:49).

Doutra parte, os teóricos contemporâneos da sociologia deveriam concordar com Whitehead, quando afirmou que uma ciência deve esquecer seus fundadores, pois o imperativo da cumulatividade pode ser apenas uma reinterpretação do imperativo escolástico da conciliação dos contrários. Bourdieu oferece, como exemplo, desta atitude a lógica de 'teoria' de Parsons, ao elaborar, indefinidamente, os elementos teóricos extraídos artificialmente de um corpo de autoridades em sociologia, ou mesmo a obra de Gurvitch preocupada com vastas confrontações de autoridades contraditórias.

É inegável que Bourdieu adota posição semelhante a Kuhn e Feyerabend quanto a questão da não-cumulatividade científica. (9)

(9) En autres termes s'il est vrai que toute théorie scientifique s'applique au donné comme un code historiquement constitué et provisoire qui, pour une époque, constitue le principe souverain d'une distinction sans équivoque entre le vrai et le faux, l'histoire d'une science est toujours discontinue parce que le raffinement de la grille de déchiffrement ne se poursuit jamais à l'infini mais s'achève toujours dans la substitution pure et simple d'une grille à une autre.
P. Bourdieu (1968:53).

Whitehead observou que a lógica classificatória que se situa a meio caminho entre a descrição do objeto concreto e a explicação sistemática procurada pela teoria, procede sempre, de uma abstração incompleta, não conseguindo escapar aos esquemas 'abstratos-concretos' análogos em sua função e funcionamento aos generos e espécies da classificação aristotélica, com isto, ignorando que a verdadeira acumulação pressupõe rupturas.

Uma ciência não se define por um domínio do real que lhe pertence, mas como observou Marx é um produto do pensamento. Este mesmo princípio epistemológico, instrumento de ruptura contra o realismo ingenuo, foi formulado por Weber, ao afirmar que não são as relações reais entre as coisas que constituem o princípio da delimitação entre diferentes domínios científicos, mas as relações conceituais entre problemas.

Durkheim, no segundo prefácio das Regras, referindo-se ao princípio, segundo o qual 'il faut trait les faits sociaux comme des choses', explicitou este princípio como uma atitude mental e não ontológica. A posição de Bourdieu não se diferencia das posturas atuais da filosofia da ciência ortodoxa, para a qual a definição do trabalho científico como diálogo entre hipóteses e experiência não pode assumir para estes dois elementos papéis perfeitamente simétricos e intercambiáveis, pois o real não responde a não ser que o interroguem. Para a filosofia da ciência atual não existe a imortalidade científica dos fatos e uma vez abandonada uma teoria os fatos que esta teoria reuniu retornam à poeira dos dados de onde a teoria os havia retirado e onde permanecerão até que, quem sabe, outra teoria os retire. Mas, lembremo-nos que esta teoria ao retirá-los lhes estará atribuindo, inexoravelmente, numa nova interpretação.

O problema da construção do objeto científico, também, é central na tradição mais clássica da filosofia da ciência. Também, a este respeito, Bourdieu não acrescenta nada, praticamente, ao que já fora dito. A medida e os instrumentos de medida e, mais geralmente, todas as operações de prática sociológica, são teorias em ato, procedimentos de construção, dos fatos e das relações entre os fatos.

'En nommant méthodologie, comme on fait souvent, ce qui n'est jamais que le décalogue des préceptes technologiques, on escamote la question méthodologique proprement dite, celle du choix entre les techniques (métriques ou non par référence à la signification épistémologique du traitement que les techniques choisies font subir à l'objet et à la signification théorique des questions que l'on entend

poser à l'objet auquel on les applique'. (Ob. Cit. 1968:66)

O debate, sem fim, sobre a neutralidade axiológica, obscurece a discussão propriamente epistemológica sobre a neutralidade metodológica, conduzindo à ilusão que infere a neutralidade epistemológica a partir da neutralidade axiológica.

Bourdieu combate as posições positivistas do século XIX. Ora, nós sabemos que qualquer um dos grandes teóricos da sociologia, facilmente escapará as críticas de Bourdieu, isto torna estas críticas, por demais vagas, pois não conseguem, sequer classificar, metodologicamente, as posturas sociológicas construídas com maior rigor. Desta falha, certamente, não padecem os estudos de Piaget, como ainda veremos.

Bourdieu limita-se a afirmar que a construção do objeto científico pode ser bem representada pelo modelo ideal weberiano, que se apresenta como verdadeiro guia para a construção de hipóteses científicas. Qualquer modelo teórico deve, portanto, ser reconhecido pelo seu poder de ruptura e seu poder de generalização, ambos inseparáveis.⁽¹⁰⁾

Bourdieu propõe a desconsideração do ciclo de fases sucessivas de uma pesquisa (observação, hipóteses, experimentação, teoria, observação, etc.), de fins meramente didáticos, pela ordem lógica dos atos epistemológicos, ruptura, construção, prova dos fatos, os quais não se reduzem jamais à ordem cromológica das operações concretas de pesquisa.⁽¹¹⁾

Neste ponto, o valor de um modelo formal decorre como função do grau de observação dos preambulos epistemológicos da ruptura e da construção. Esta hierarquia dos atos epistemológicos condena o intuicionismo, o formalismo e o positivismo que dissociam as operações de pesquisa.⁽¹²⁾

(10) Ainsi, c'est à son pouvoir de rupture et à son pouvoir de généralisation, les deux étant inséparables, que l'on reconnaît le modèle théorique : épure formelle des relations entre les relations qui définissent les objets construits, il peut être transposé à des ordres de réalité phénoménalement très différents et suggérer par analogie de nouvelles analogies, principes de nouvelles constructions d'objets.

P. Bourdieu (1968:84)

(11) Dire que le fait est conquis, construit et constaté, ce n'est pas dire qu'a chacun de ces actes épistémologique correspondent des opérations successives, armées de tel ou tel instrument spécifique. Ainsi comme on l'a vu, le modèle théorique est inséparablement construction et rupture, puisqu'il faut avoir rompu avec les ressemblances phénoménales pour construire les analogies profondes et que la rupture avec les relations apparentes suppose la construction de nouvelles relations entre les apparences.

P. Bourdieu (1968:90)

(12) C'est avant tout en inversant le rapport entre théorie et l'expérience que le rationalisme appliqué rompt avec l'épistémologie spontanée. P. Bourdieu (1968:91)

Toda a experiência, bem construída, tem por efeito intensificar a dialética da razão e da experiência, sob a condição de que se possa pensar adequadamente os resultados, mesmo negativos e indagar suas razões.

Este movimento dialético, entre razão e experiência, permite romper com o positivismo ingenuo, mas assume, claramente, as posturas do neo-positivismo que dominam a sociologia empírica.

Se, as operações da prática de pesquisa valem o que vale sua teoria fundamentadora, a teoria assume a posição no topo da hierarquia das operações, porque é a teoria que realiza o primado epistemológico da razão sobre a experiência, constituindo a condição fundamental de ruptura, de construção e experimentação, em virtude da sistematicidade que a define. Só a teoria científica pode opor às solicitações da sociologia espontânea e às falsas sistematizações da ideologia, a resistência organizada de um corpo sistemático de conceitos e relações. (13)

O positivismo ingenuo, privado dos recursos teóricos, está condenado a se apropriar das noções da sociologia espontânea, para traduzi-las em índices refinados, permitindo à intuição casual a formulação dos princípios de concepção das hipóteses ou dos esquemas de interpretação dos resultados quantitativos.

A leitura de certos clássicos da sociologia positivista basta para convencer Bourdieu do intuicionismo das versões positivistas, apenas, mascarado pelo refinamento tecnológico dos instrumentos de pesquisa.

É necessário lembrar contudo, que existem no positivismo avançado correntes não-intuicionistas, ou meramente formalistas, às quais as críticas de Bourdieu não alcançam, mas bem, ao contrário, às quais se explicação metodológica de Bourdieu serve.

Para Piaget, a lógica, a metodologia e a teoria do conhecimento, ou epistemologia são formas distintas de conhecimento, sendo a lógica uma forma precisa, a epistemologia um campo delimitado e a metodologia uma forma intermediária que ora, se aproxima da lógica, ora da epistemologia.

(13) On voudrait pouvoir dire de la sociologie ce que Bachelard disait de la physique expérimentale : 'Le temps des hypothèses décousues et mobiles est passé, comme est passé le temps de expériences isolées et curieuses. Désormais l'hypothèse est synthèse.

A lógica ocupa-se com as condições formais da verdade, sendo puramente normativa. Os problemas da natureza geral das relações de conhecimento entre sujeito e objeto pertencem a epistemologia.

A epistemologia é o estudo da constituição de conhecimentos - válidos. Como um processo, o conhecimento no interior de uma disciplina é diacronico ou histórico. (14)

Portanto, para determinar com precisão as partes respectivas de sujeito e do objeto, no 'rapport' cognitivo é indispensável conhecer as condições de acesso ao conhecimento, pois, o conhecimento acabado torna opaco o papel do sujeito. A contribuição do sujeito se impõe, com evidência, nos períodos de formação do conhecimento, daí a importância dos métodos histórico-críticos e genéticos em epistemologia.

A definição genética de epistemologia - 'L'étude du passage des états de moindre connaissance aux états de connaissance plus poussée' - admite que a constituição de conhecimentos válidos nunca assume a forma acabada. O conhecimento científico, portanto, adquire sempre maior objetividade através de um duplo movimento de adequação ao objeto e descentralização do sujeito individual, em direção ao sujeito epistêmico. (15)

(14) Le problème central de l'epistémologie est, en effet, d'établir si la connaissance se réduit à un pur enregistrement par le sujet de données déjà tout organisées indépendamment de lui dans un monde extérieur (physique ou idéal), ou si le sujet intervient activement dans la connaissance et dans l'organisation des objets, comme le croyait Kant pour lequel les rapports de causalité étaient dus à la déduction rationnelle et les rapports spatio-temporels à l'Organisation interne de nos perceptions sans que nous sachions ce que sont les objets indépendamment de nous.
J. Piaget (1967:5)

(15) Nous parlerons, d'une part, de 'sujet epistémique' pour désigner ce qu'il y a de commun à tous les sujets d'un même niveau de développement, indépendamment des différences individuelles : par exemple les activités de classer, d'ordonner et de dénombrer sont communes à tous les adultes normaux, de telle sorte que la série de nombres entiers est la même chez tous ces individus (sans pour être nécessairement tirés des objets. Nous parlerons, d'autre part, de 'sujet individuel' pour désigner ce qui reste propre à tel ou tel individu : par exemple chacun peut symboliser cette série de nombres par une image mentale particulière (suite de traits verticaux, escalier, disques empilés, etc.) qui diffère d'un individu à l'autre.

J. Piaget (1967: 15)

Piaget constroi uma tricotomia destinada a mostrar que não existe epistemologia independente das ciências particulares, de vez que a pergunta, 'como a ciência é possível?', só pode ser respondida no interior destas ciências.

Nesta perspectiva, é possível classificar as teorias de conhecimento em três grandes categorias: as que partem de uma reflexão sobre as ciências e tendem a se prolongar em uma teoria geral do conhecimento - teorias do conhecimento meta-científicas; as que se apoiam numa crítica às ciências e procuram uma forma de conhecimento não-científico - teorias do conhecimento para-científicas; e finalmente, as que permanecem no interior de uma reflexão sobre as ciências, teorias do conhecimento, científicas.

É, apenas, com Descartes que a epistemologia moderna descobre a existência do sujeito, não mais contemplativo, mas capaz de construções, introduzindo um paralelismo entre espaço e pensamento, oferecendo uma teoria de causalidade, resultante da aplicação da dedução matemática a modelos reais.

Kant afastou-se de vez, do realismo das aparencias, para situar no sujeito não apenas a necessidade dedutiva, mas as diversas estruturas, espaço, tempo, causalidade que constituem a objetividade e que tornam a experiência possível. Descobriu o papel das categorias apriori e a possibilidade dos juízos sintéticos apriori que reúnem as simples ligações lógicas ou julgamentos analíticos apriori a uma estrutura compatível com a dedução matemática.

Tais epistemologias fazem sua reflexão sobre ciências já construídas e são, neste sentido, metacientíficas. Igualmente, metacientíficas são as epistemologias que foram elaboradas antes da constituição positiva das ciências, em antecipação às mesmas. A psicologia antecipada pelos empiristas ingleses e a sociologia antecipada pela dialética hegeliana. 'Mais, seus cette boutade, nous croyons apercevoir une vérité, et même assez grave: à vouloir tirer les leçons épistémologiques d'une science qui n'existe pas encore, en risque d'être contredit par les résultats de cette science une fois qu'elle est constituée', (Ob. Cit. 1967:24).

O irracionalismo, da segunda metade do século XIX e do século XX, desencadeia as correntes epistemológicas paracientíficas, onde a epistemologia bergsoniana é particularmente significativa, com sua preocupação em conservar certos valores sociais e morais contra os perigos do materialismo e do positivismo dogmático, procurando traçar os limites da

ciência e da razão. A fenomenologia de Husserl apresenta como idéia central a intuição das essências que não são separáveis dos fenômenos ou fatos. A passagem do fato à essência se faz, através de um processo de redução ou conversão de sujeito, após a liberação de suas limitações "naturais", de tal forma que o sujeito de parte ou setor do mundo natural se converte em seu fundamento. Tal conhecimento eidético pode-se comparar ao modelo platônico, só que imanente à natureza e não mais, radicalmente, destacado dela. 'L'originalité d'une telle doctrine est donc, non pas seulement de lier le phénomène aux essences, mais de postuler, sur le terrain transcendantal une interaction fondamentale entre le sujet (le moi pur obtenu par réduction) et l'objet (les essences)'. Piaget (Ob. citada, 1967:36). Uma metodologia peculiar fundamenta as epistemologias científicas que consideram o conhecimento científico o único possível ou a sua especialidade. Isto não significa, que sejam mais verdadeiras que as anteriores.

As epistemologias científicas procedem de três fontes. A primeira assume um caráter moralizador, pois em presença de transformações contínuas e inquietantes da ciência, procura fixar os princípios destas, segundo um sistema de normas 'ne varietur', as tendências positivistas de Comte, o neo-positivismo vienense e anglo saxão, são os exemplos. A segunda, procura na filosofia da ciência, informações e reflexões sobre as transformações do conhecimento. São exemplos, Cournot, Brunschvicg e Cassirer. A terceira fonte consiste na reflexão dos cientistas destinadas não a fazer filosofia, mas a suplantar crises no interior de suas ciências.

Quanto à ciência positiva de Comte - 'Il est par conséquent illusoire de chercher à opposer les sciences et la métaphysique par la nature même des problèmes; leur différences ne tiennent qu'aux méthodes employées et à la manière dont les sciences parviennent à délimiter les questions au lieu de les aborder en bloc en vue de rendre compte de l'expérience totale (y compris les valeurs affectives)'. (Piaget, Ob. Cit. 1967:45). O neo-positivismo saído do Círculo de Viena, particularmente, do fenomenismo sensorial de Mach e do logicismo de Schlick, bem como da primeira parte da carreira de Wittgenstein e generalizado nos países anglo-saxões pelo empirismo lógico significou por sua vez a total desvalorização da dialética que a epistemologia genética procura reabilitar.

A epistemologia contemporânea, portanto, se dá no interior das ciências. Crises e conflitos se produzem, em consequência da marcha in-

terna das construções dedutivas ou da interpretação de dados experimentais, tornando necessário submeter à crítica os conceitos, métodos, ou princípios utilizados, até determinar-lhes seu valor epistemológico. 'En de tels cas, la critique épistémologique cesse de constituer une simple réflexion sur la science: elle devient alors instrument du progrès scientifique en tant qu'organisation intérieure des fondements, et surtout en tant qu'élaborée par ceux-là mêmes qui utilisèrent ces fondements et qui savent donc de quoi ils ont besoin, au lieu de les recevoir du dehors à titre de présents généreux, mais peu utilisables et parfois encombrants'. (Piaget, Ob. Cit. 1967:31).

As três condições do conhecimento contemporâneo são : a impossibilidade de discutir métodos ou noções fora do interior de uma dada disciplina; não sendo possível ignorar as técnicas e os métodos comumente aceitos como específicos das questões de validade formal; e o fato que toda a análise epistemológica reencontra uma série de problemas de fato relativos ao papel e a atividade do sujeito do conhecimento.

Assim, os métodos da epistemologia contemporânea podem classificar-se em método que atende a primeira condição; método que atende as duas primeiras condições; e método que atende às três condições.

Os primeiros são métodos de análise direta do processo de conhecimento, separando-se do conhecimento específico as estruturas do sujeito, a experiência e a construção dedutiva. Os segundos são métodos de análise formalizantes, peculiares ao empirismo lógico, que agregam à análise direta dos processos de conhecimento, um exame das condições de sua formalização e a coordenação entre esta formalização e a experiência. Como exemplo, temos as análises de Frank sobre a noção de causalidade, procurando estabelecer se a causalidade constitui uma ligação puramente dedutiva e por consequência analítica ou se engloba uma ligação tirada da experiência e, por consequência, sintética. Por último, os métodos de epistemologia genéticos procuram compreender os processos de conhecimento, em função do seu desenvolvimento, ou mesmo, de sua formação, sendo possível distinguir uma sociogênese do conhecimento relativa a seu desenvolvimento histórico e transmissão cultural e uma psicogênese das noções e estruturas operatórias elementares, o que conduz ao método histórico-crítico, o qual tem negligenciado as considerações de formalização, e à epistemologia genética que procura relacionar a análise das condições psicológicas de formação de conhecimentos elementares ao estudo das condições de formalização. (16)

(16) L'événement fondamental qui caractérise les travaux épistémologiques
-continua-

O empirismo lógico compreendeu a necessidade da análise da formalização como forma de renovar todas as análises epistemológicas. 'A cet égard, la lacune centrale du positivisme logique n'est pas de s'en être tenu aux exigences de la logique, du langage et de l'expérience : elle est d'avoir conduit toutes ses analyses d'un point de vue exclusivement synchronique ou statique, en oubliant l'autre dimension fondamentale de l'étude épistémologique, c'est-à-dire la diachronie ou la construction historique et génétique. J. Piaget, (Ob. Cit. 1967:94). A crítica ao positivismo lógico restitui ao sujeito a importância epistêmica de suas ações e operações. Piaget julga indispensável que a epistemologia analise os fatos psicológicos, porque, contrariamente, à lógica, a epistemologia não trata da simples validade formal da ciência, mas das relações de conhecimento entre sujeito e objeto. A epistemologia genética se propõe a analisar as formas de conhecimento em função de seu desenvolvimento, não se confundindo, porém, com a psicologia genética, pois a análise epistemológica ultrapassa o funcionamento da inteligência individual. Assim, a epistemologia como estudo da constituição de conhecimentos válidos se preocupa com as condições de acesso ao conhecimento e condições, propriamente, constitutivas ou relações cognitivas entre o sujeito e o objeto. A análise dos papéis respectivos do sujeito e do objeto de conhecimento conduz ao exame das relações entre genese e validade. Contudo, a análise genética deve ser combinada às análises diretas, formalizantes e histórico-críticas, em razão da dialética entre genese e estrutura. A dialética entre a genese e a estrutura surge com Hegel, está presente em Marx e no pensamento positivista. Significa que não existe genese sem estrutura, porque toda genese é produto de uma estrutura anterior, através de uma transformação progressiva diante de novas situações, e toda a genese leva à construção de uma nova estrutura à medida que seus desequilíbrios parciais vão dando lugar ao reestabelecimento de um novo equilíbrio. Reciprocamente, toda estrutura comporta a possibilidade de novas geneses. Tal dialética marca o pensamento ocidental. Do hegelianismo ao positivismo. E resulta na impossibilidade de utilizar a análise genética, sem uma referência constante às estruturas. Ou estudar as es-

-
- (16) dont il va s'agir est alors que, nés d'une réflexion en quelque sorte obligée sur l'évolution de sciences conçues de plus en plus comme ouvertes et non plus définitives, ils deviennent toujours plus intérieurs à ces sciences elles-mêmes, et, en cas de crises locales affectant telle ou telle forme de connaissance scientifique, ils sont même parfois promus au rang de moments indispensables intervenant dans la marche effective de la science. J. Piaget (1967:42).

truturas sem uma perspectiva histórica ou genética. Piaget incorpora esta dialética no plano epistemológico e discute a dualidade entre validade e fato. A análise da validade passa a necessitar de uma análise da constituição da validade, supondo-se uma coordenação interna das questões de norma e de fatos. Daí, a necessidade de agregar análises formalizantes, às análises histórico-críticas e a análise genética. Reciprocamente, o estudo das questões empíricas, no que se refere ao estudo das interações entre sujeito e objeto não permanecem somente a nível empírico. Mesmo no terreno, puramente, experimental as questões de fato estão, perpetuamente, imbricadas às questões de validade, necessitando uma coordenação análoga entre métodos de formalização e reconstituição histórico-crítica.

Cabe a epistemologia uma posição difícil, porque o conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto obrigando uma interpenetração entre as condições causais da inteligência do sujeito e as propriedades dos objetos. Deste modo, a epistemologia disputa um objeto de estudo da psicologia e uma preocupação das ciências particulares com seus objetos de conhecimento. Quanto às epistemologias internas de cada ciência, existem tendências peculiares a cada disciplina. Algumas acreditam que a inteligibilidade reside nas estruturas, outras confiam numa redução que vai do complexo ao simples e ainda outras privilegiam uma construção progressiva das estruturas. Quanto aos métodos de abordagem cognitiva, temos o recurso a intuições 'primitivas', à composição atomística e ao método relacional. Parece haver um parentesco entre a posição do antireducionismo estático que procura justificar o caráter irredutível das estruturas, enquanto totalidades e o recurso a intuições consideradas como primitivas, com a exceção aparente, da teoria da Gestalt. Quanto às relações entre o reducionismo e o método de composição atomístico, elas são por demais evidentes, se definirmos este método pela tendência de explicar as propriedades dos sistemas a partir de seus elementos não-inerentes às totalidades, enquanto tais. Por fim, às tendências construtivistas corresponde, mais ou menos, um método que podemos chamar de relacional ou dialético e que consiste na introdução de uma dupla relatividade, em função das interações sincronicas e das preocupações com a composição de relações, que não partem de elementos isolados, nem de totalidades. O método dialético, em sua forma estrita (tese, antítese e síntese), é uma forma particular do método relacional e em sua forma generalizante se confunde a este método. Os três aspectos principais do método dialético são, a interação de elementos distintos ou opostos, a totalização como processo e a consideração dinâmica, em negação a toda consideração está-

tica. Uma terceira tríada de atitudes epistemológicas internas consiste no primado das estruturas sobre as geneses, podendo conduzir a um estruturalismo sem genese, e no primado inverso, podendo levar, a um geneticismo sem estrutura. A coordenação destas duas perspectivas, conduz à concepção de toda estrutura como produto de uma genese e de toda genese como procedente de estruturas anteriores. Em suas grandes linhas, esta terceira tríade corresponde às procedentes.

A epistemologia interna das ciências preocupa-se em integrar os resultados destas ciências, por sua vez, a epistemologia derivada das ciências apela às demais ciências ou às suas epistemologias, para se dar conta dos problemas de determinação das partes respectivas do sujeito e do objeto, no modo particular de conhecimento que caracteriza esta ciência, referindo-se a situações correspondentes em outras disciplinas. Introduzindo-se uma dimensão própria das epistemologias derivadas, ou seja, conhecimento a partir do objeto, conhecimento a partir do sujeito, e interação sujeito-objeto, às tríades que constituem as epistemologias internas, Piaget propõe um quadro de dupla entrada compreendendo nove possibilidades. (Vide pág. 27).

O problema reside, em examinar, se esta classificação é natural, ou seja, se corresponde a convergências ou diferenças efetivas e se as nove possibilidades estão sustentadas, realmente, em doutrinas históricas ou atuais.

A posição construtivista destrói as fronteiras entre sujeito e objeto, pois considera o conhecimento como uma ação que modifica o objeto e que não é atingido senão, após, transformações introduzidas por esta ação. Tal situação pode explicar a instabilidade das epistemologias dialetizantes.

Para orientar a escolha entre as nove possibilidades é necessário retirar a hipótese epistemológica do contexto limitado que lhe deu origem e verificar se ela não contradiz os dados histórico-críticos, nem os dados genéticos, neste caso, por exemplo, faltaria ao empirismo lógico uma perspectiva genética. 'Objetivation et interiorisation, d'une part, progression et rétroaction, d'autre part, tel est donc le quadruple aspect des constructions propres aux divers types du savoir. Elles ne se distribuent ainsi jamais sur un plan uniforme qui serait celui d'un accroissement additif de connaissances ou d'un déroulement linéaire des déductions mais elles attestent la présence de continuelles oppositions à dépasser et de perpétuels obstacles, extérieurs, à surmonter! Piaget (1967:1264)

	Antireducionismo (estruturas sem genese)	Reducionismo (genese sem estrutura)	Construtivismo (estruturas e geneses)
Objeto	1- Platonismo	4- Empirismo	7- Dialética de natureza
Sujeito	2- Apriorismo	5- Nominalismo e Convencionalismo	8- Relativismo histórico
Interação sujeitoxobjeto	3- Fenomenologia	6- Identificação (empirismo lógico)	9- Dialética

(Piaget - Logique et Connaissance Scientifique - 1967: 1240)

Tema II :

O positivismo lógico - A Escola de Viena.

Karl Popper - A lógica da descoberta científica.

O positivismo lógico originou-se no Círculo de Viena, em 1920 e espalhou-se durante a década de 30. Estigmatizava os pronunciamentos metafísicos, teleológicos e éticos como carentes de significado cognitivo. Sua primeira fase decorreu, sob a influência de Ludwig Wittgenstein e Rudolf Carnap. Seu fundador Moritz Schlick em seu "Allgemeine Erkenntnislehre", (1918), antecipou muitas formulações centrais, mais tarde, desenvolvidas por Wittgenstein e Carnap.

O panfleto "Wissenschaftliche Weltauffassung : Der Wiener Kreis", (1929), rompe com a filosofia tradicional e é apresentado a Schlick por Carnap, Hahn, Neurath, Waismann e Feigl. Tal como Hume, considerava significativas, apenas, as afirmações das relações de idéias (lógica e matemática) ou sobre fatos (ciência empírica). Os positivistas excluíam questões que à luz da análise lógica eram irrespondíveis. Tal enfoque tinha muito em comum com o pragmatismo do americano de Pierce, interessado nas consequências observáveis das proposições. Popper, numa crítica ao positivismo lógico, apontou que não pode haver verificação conclusiva de uma hipótese ou teoria. Assim, o significado factual das afirmações empíricas repousa na sua testabilidade. Em filosofia da ciência, a atitude do Círculo, era claramente empiricista. Schlick, na sua "Teoria Geral do Conhecimento" propôs que a tarefa genuína da filosofia era a clarificação dos conceitos lógicos e metodológicos básicos e dos princípios das ciências. Esta tarefa seria de reconstrução lógica não importando o contexto de descoberta de uma teoria. Traçando uma distinção entre "Erleben" (Kennen) e "Erkennen". A verdade das afirmações factuais consiste numa correspondência, um-a-um, dos nomes dum sentença aos objetos e propriedade ou relações denotadas por estas palavras. O conceito de definição semântica da verdade foi, posteriormente, sistematizado por Tarski, (1936) e Carnap, (1942).

Schlick e Russel seguiam a Hume, quanto à imediatidade do mundo, quanto à existência das coisas em si. Carnap formulou as duas teses da 'unidade da ciência', no início da década de 30. Estavam estas teses baseadas na escolha de uma linguagem observacional intersubjetiva e no fisicalismo como fontes de reconstrução lógica da ciência.

As proposições eram consideradas significativas, apenas, se fossem confessadamente lógicas, e portanto, tautológicas ou inconsistentes, ou ainda genuinamente empíricas, neste caso, seu valor semântico de veria advir da possível ou real observação ou 'Protokolsätze'. 'The fundamental dichotomy between empirical propositions and logical ones was accepted as absolute and exhaustive: whatever could not be expressed

in either form was not truly a meaningful proposition'. (Toulmin, in Achinstein, 1969).

O uso lógico e epistemológico das 'Protokolsätze' foi afastado do Wittgenstein do Círculo de Viena, pois, desde o 'Tractatus' compreendera que o relacionamento entre linguagem e realidade não era e não poderia ser 'lógico'. Pode-se demonstrar o relacionamento, mas não se pode descrevê-lo e menos ainda, dar-lhe uma definição formal, ('gezeigt aber nein gesagt').

Para Mach, professor de filosofia das ciências indutivas, na Universidade de Viena, o relacionamento entre palavras e mundo era fundamental para a epistemologia das ciências naturais e sem as definições, nenhuma forma de garantia era possível. Entre Mach e Wittgenstein, os positivistas escolheram o primeiro, embora seguissem o que Wittgenstein apresentara como proposição conclusiva do 'Tractatus' - 'Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen' - Para Toulmin, o sistema híbrido do positivismo lógico reescreveu a metafísica de Hume e Mach, no simbolismo de Russell e Whitehead. Para Wittgenstein restava misterioso como sensações podiam construir uma linguagem e providenciar os 'hard data' requeridos pela epistemologia, pois tal como Kant, afirmara - percepções sem conceitos são cegas -.

A segunda fase do pensamento de Wittgenstein o conduz a análise das contingências humanas na operação da linguagem. Tais contingências representam escolhas e estas, quer feitas a milênios, quer individualmente, durante o aprendizado, formam uma segunda natureza, produto de um consenso. E é preciso determinar em que condições este equilíbrio intelectual repousa.

O positivismo lógico, através de obras como "Language, Truth and Logic" de Ayer, "Logische Aufbau der Welt", de Carnap, "Tractatus Logico-Philosophicus", de Wittgenstein e "Principia Ethica", de G. E. Moore, procurou por um fim aos modos tradicionais de fazer filosofia e mesmo, em alguns casos, extinguir a filosofia como uma disciplina independente. A partir de trabalhos, como os de Von Neumann sobre a lógica matemática, desenvolveram-se alguns ramos científicos. E o movimento, em sua preocupação com a linguagem, daria origem a nova teoria linguística de Chomsky e seus associados.

O positivismo lógico se dá conta das teorias científicas exigindo a direta referência empírica dos dados do sentido ou da 'linguagem das coisas', exigindo afirmações observacionais que são diretamente veri-

ficáveis ou falseáveis. Por outro lado, a ciência emprega predicados teóricos que não tem referência empírica direta e aos quais deve ser dado um sentido. E utiliza afirmações teóricas que são apenas, indiretamente, confirmáveis ou falseáveis, através de suas relações lógicas com as afirmações observacionais. Isto pressupõe, evidentemente, uma clara distinção entre predicados observacionais e teóricos. Carnap inicia seu estudo clássico 'Testability and Meaning' (1936), com a sentença "Two chief problems of the theory of Knowledge are the question of meaning and the question of verification". (M. B. Hesse, in Achinstein e Barker, 1969:88). Como sabemos, se as teorias são verdadeiras? Para o positivismo lógico, não sabemos, porque sua verdade ou falsidade não podem ser decididas, diretamente, pela observação. A verificabilidade é um requisito muito forte. Teorias podem, porém, ser confirmadas pela observação. Assim, os predicados teóricos podem ser confirmados pela sua redutibilidade aos predicados observacionais e a confirmabilidade das sentenças teóricas é a confirmabilidade de todos os seus predicados descritivos.

Apenas um dos positivistas lógicos influentes tinha um conhecimento especializado em ciências sociais : Otto Neurath, economista e sociólogo. Karl Popper, apesar de um intenso intercâmbio com alguns dos mais influentes positivistas lógicos, jamais considerou a si mesmo, senão como um crítico do movimento.

Neurath possuía uma concepção das ciências sociais que era, basicamente, materialista. Sem ser contudo um marxista dogmático, opunha-se, radicalmente, à metafísica. Uma sociologia estritamente científica deveria descrever o comportamento, costumes, modos de vida e produção em afirmações, puramente fisicalísticas. O treinamento desde a infância deveria evitar as locuções metafísicas e as ciências empíricas deveriam criar uma linguagem fisicalística unitária. Diante da ciência social já existente, Neurath recomendava que as sentenças não-redutíveis à afirmações observacionais fossem interpretadas como metafóricas e transformadas em afirmações fisicalísticas. Evitando-se desta forma o empobrecimento do texto.

A predição dos fenômenos empíricos é, para Neurath, o principal objetivo do empreendimento científico, para tanto, leis deveriam ser estabelecidas pela ciência unitária. Explicar ou predizer é subsumir leis. Até que ponto, o comportamento de grupos sociais pode ser derivado dos indivíduos que o constituem é algo a ser verificado. Portanto, Neurath não adotou a postura do individualismo metodológico, embora se referisse as limitações das previsões em ciência social. Neurath recebe

o apoio decisivo de Carnap para quem a construção lógica do mundo não re quer uma base fenomenalística, contudo esta construção pode ser atingida a partir do fisicalismo. Neste ponto, superior ao fenomenalismo, especialmente pela sua intersubjetividade. O argumento de Carnap, em apoio a tese fisicalista, procura mostrar que, para qualquer sentença de uma ciência empírica, existe uma sentença na linguagem física que implica as mesmas sentenças protocolares e tem o mesmo conteúdo. Ou seja, o fisicalismo procura estreitar ainda mais o critério de significado, pois o critério mais amplo simplesmente qualificava uma sentença como tendo significado empírico, se ao menos, em princípio, fosse testável por meio de dados observacionais, ou seja, se implicava sentenças observacionais ou protocolares descrevendo achados observacionais potenciais. Pela tese fisicalista, duas sentenças que implicam as mesmas sentenças protocolares, tem o mesmo conteúdo, podendo ser traduzidas, uma na outra. O que conduz a afirmar que sentenças que atribuem características psicológicas ou sociológicas são análogas em seu caráter lógico a sentenças referentes ao mundo físico.

A relevância do positivismo lógico para as ciências comportamentais resulta da influência de suas posições metodológicas, especialmente, sobre o operacionalismo, o behaviorismo e o dedutivismo a partir de leis empíricas.

Popper afirmou que o problema central da epistemologia, sempre foi e segue sendo, o do aumento do conhecimento. E o melhor modo de estudar este problema, é estudar o conhecimento científico. Quanto aos métodos, existe apenas um único método próprio de toda a discussão racional, o qual consiste em enunciar claramente os próprios problemas e examinar criticamente, as diversas soluções propostas. A atitude racional e a atitude crítica são equivalentes.

A ciência se faz através da proposição de enunciados ou sistemas de enunciados e do contraste passo-a-passo, destes enunciados. Cabe à lógica da investigação científica oferecer a análise de tal procedimento. Popper opõe-se à afirmação de que as ciências empíricas possam caracterizar-se pelos chamados métodos indutivos, passando dos enunciados particulares aos enunciados universais, tais como as hipóteses e teorias. Ora, desde o ponto de vista lógico, surge o problema da justificação das inferências indutivas, pois está longe de ser óbvia a inferência de enunciados universais, a partir de enunciados singulares, por maior que seja seu número. O princípio da indução não pode ser uma verdade puramente lógica, como uma tautologia ou um enunciado analítico da lógica dedutiva.

O princípio da indução tem que ser um enunciado sintético, ou seja, sua negação não deve ser contraditória, mas logicamente possível. Fundamentar o princípio da indução na experiência leva, inevitavelmente, a uma regressão infinita a princípios de indução de ordem superior. Kant escapou a esta dificuldade admitindo o princípio da causação universal, apriori, possibilitando uma justificação apriori dos enunciados sintéticos. Para Popper, as dificuldades de esboçar uma lógica indutiva são insuperáveis, mesmo na doutrina que sustenta que as inferências indutivas são inferências probabilísticas, ou seja, que apresenta os enunciados científicos como possuidores de graus de certeza, cujos limites inalcançáveis são a verdade e a falsidade.

Popper opõe ao princípio indutivo a teoria do método dedutivo de contrastar. A crença numa lógica indutiva advem de uma confusão de problemas psicológicos e epistemológicos. O trabalho científico consiste em propor teorias e compará-las. A etapa inicial, o ato de conceber ou inventar uma teoria não exige e não é suscetível de uma análise lógica de justificação e validade. Na comprovação de teorias podemos distinguir 4 procedimentos; - comparação lógica de suas conclusões, verificando-se a coerência interna do sistema; o estudo da forma lógica de uma teoria, verificando-se sua cientificidade ou comprovando uma tautologia; - comparação com outras teorias para verificar seu avanço científico; - e finalmente, análise das aplicações empíricas de suas conclusões. Este último tipo de contraste dedutivo procura descobrir, até que ponto, as novas consequências da teoria, sejam quais forem as novidades, satisfarão aos requerimentos da prática, através, de predições, cujos enunciados não sejam dedutíveis da teoria vigente, e, particularmente, das predições que se encontrem em contradição com os pressupostos teóricos em vigor. Realizando-se a comparação com os resultados das aplicações práticas e dos experimentos. Se a comparação é positiva, a teoria foi verificada, se a comparação é negativa, a teoria foi falseada. Contudo, a decisão positiva pode ser apenas temporária. Tais procedimentos não seguem, em nada, a lógica indutiva, não sendo possível estabelecer, se a teoria é verdadeira, nem ao menos, provável. Uma objeção, que se levanta a isto, é a de que, ao afastar o método indutivo, a ciência ficou sem demarcar os limites que a separam da metafísica. O problema da demarcação foi conhecido por Hume, e é o problema central da teoria do conhecimento de Kant. Os empiristas adotaram o método da indução para a solução do problema central da epistemologia, o problema da demarcação. Os antigos positivistas estavam dispostos a admitir como legítimos, apenas, os conceitos que de-

rivavam da experiência. Os modernos positivistas admitem, que a ciência não é um sistema de conceitos, mas de enunciados que são apenas legítimos, se forem redutíveis aos enunciados elementares da experiência. Afastada a lógica indutiva, o problema da demarcação se constitui no problema central da epistemologia. Para Popper, o critério de demarcação se constitui numa proposta de acordo ou convenção, pois, o objeto de discussão desta questão ultrapassa a argumentação racional, sendo inegável que algumas idéias metafísicas auxiliam o desenvolvimento da ciência.

Num sistema empírico podem ser distinguidos três requisitos ; deve ser sintético, de forma a representar um mundo não contraditório; deve satisfazer ao critério de demarcação, ou seja, não ser metafísico; e deve ser capaz de ser distinguido de outros sistemas semelhantes, resistindo a contrastes.

As teorias nunca são verificáveis, empiricamente, e a ciência empírica se caracteriza, não apenas, por sua forma lógica, mas, sobretudo, por seu método peculiar de procedimento, a experiência. O critério de demarcação não é, portanto, o da verificabilidade, mas o da falseabilidade dos sistemas teóricos empíricos. Ou seja, não é possível verificar, e sim, refutar um sistema científico empírico, através da experiência. Portanto, os enunciados deverão apresentar as condições de falseabilidade se pretendem ser científicos. Existe uma assimetria entre a verificabilidade e a falsificação, assimetria que deriva de forma lógica dos enunciados universais, que não são jamais dedutíveis de enunciados singulares, podendo estar em contradição com estes últimos. Através de inferências dedutivas é possível arguir, a verdade de enunciados singulares e a falsidade de enunciados universais. A objeção que tem sido feita ao critério de falsificação, o qual pode ser superado pela introdução de uma hipótese auxiliar 'ad hoc' é válida. Também, não é possível, a existência simultânea da verificação e da falsificação de teorias, se renunciarmos à lógica indutiva. A falseabilidade supõe apenas as transformações tautológicas da lógica dedutiva.

A objetividade dos enunciados científicos repousa no fato de que podem ser contrastados, intersubjetivamente. Experiências subjetivas, ou convicções não podem justificar um enunciado científico e permanecem no plano psicológico. Do ponto-de-vista epistemológico, tais convicções não desempenham o menor papel na justificação dos enunciados científicos. A verdade dos enunciados científicos não se reduz às nossas experiências. E, pela exigência do contraste, não há enunciado que não

possa ser refutado, deduzindo-se dele enunciados de um nível de universalidade mais baixo, 'ad infinitum'. Embora, não seja necessário haver contrastado, realmente, todo enunciado científico, contudo é necessário que este enunciado seja suscetível de contraste.

Na verdade não é possível apresentar uma refutação conclusiva de uma teoria, portanto, se considerarmos a ciência empírica unicamente, por sua estrutura lógica ou formal, não seremos capazes de excluir - do âmbito da ciência aquela forma de metafísica que eleva uma teoria científica ao nível de verdade incontroversa. Desta forma, é necessário caracterizar a ciência empírica por seus métodos. Trata-se, pois, de identificar as regras pelas quais se guia o cientista. Para os positivistas, a experiência é um programa não um problema. Para Popper, a experiência é o método da ciência empírica e em seu conceito existem, unicamente, duas formas de enunciados - as tautologias lógicas e os enunciados empíricos. As regras metodológicas, para Popper, são convenções e não podem ser colocadas no nível puramente lógico da lógica formal. O estudo das regras de jogo da ciência pode denominar-se a lógica da investigação científica. A regra metodológica primeira exige que nenhum enunciado científico esteja isento da possibilidade de falsificação.

As teorias, para Popper, são redes que lançamos para colher a quilo que chamamos 'o mundo'. Para racionalizá-lo, explicá-lo e dominá-lo. E tratamos de obter uma malha cada vez mais fina. A lógica do conhecimento científica procura construir uma teoria das teorias. Tanto os enunciados universais, como os existenciais, podem ser passíveis de prova empírica. Contudo, tais enunciados não são simétricos, pois, sempre que se encontra algo que existe verifica-se um enunciado estritamente existencial ou metafísico e pode falsear-se um enunciado universal ou científico. A negação de um enunciado estritamente universal equivale sempre a um enunciado estritamente existencial e vice-versa. As teorias científicas estão, em perpétua mudança, entretanto, os sistemas teóricos, rigorosos se encontram axiomatizados. Assim, os axiomas permitem que todos os demais enunciados pertencentes ao sistema teórico sejam dedutíveis por meio de transformações puramente lógicas ou matemáticas. Os axiomas devem satisfazer 4 (quatro) requisitos fundamentais; - não deve haver contradição interna entre os axiomas; - nenhum axioma deve ser dedutível dos demais; - os axiomas devem ser suficientes para deduzir todos os enunciados de uma teoria; - os axiomas devem ser necessários, não contendo superfluos. Num sistema teórico podemos distinguir diversos graus de universalidade, o grau mais alto corresponde aos axiomas. Desde o

ponto de vista lógico, o contraste de uma teoria depende de certos enunciados básicos que, por sua vez, se aceitam ou rejeitam, em virtude, das decisões do cientista. Assim, as decisões determinam o destino das teorias. Os enunciados básicos são convenções e tem a forma de enunciados existenciais singulares. A base empírica da ciência objetiva, como vimos, não tem nada de absoluta. É um terreno pantanoso que sustenta momentaneamente a estrutura científica. Uma teoria é falseável, se existe, ao menos, uma classe, não vazia, de enunciados básicos homotípicos proibidos por ela. Quanto mais proíbe um enunciado, mais diz, acerca do mundo da experiência. O grau de universalidade e precisão de uma teoria aumenta o seu grau de falseabilidade.

Em sua crítica a Popper, Nicholas Maxwell (Ob. Cit. 1972:131) discute a possibilidade de que as teorias científicas não possam ser refutadas, experimentalmente, com absoluta certeza, isto devido em parte à posição de Duhem, quanto ao teste experimental que apenas se aplica a um grupo de teorias e nunca a uma teoria singular e, mais geralmente, ao fato de que deveríamos ter certeza da verdade da hipótese falsificadora, e isto não pode ser feito. Existe, sempre, a possibilidade que a aplicação das regras metodológicas popperianas levem à rejeição de uma teoria verdadeira.

Para Kuhn, as regras popperianas refutam-se com evidência empírica proporcionada pelo trabalho científico. Ao que se pode argumentar, que talvez os cientistas não sigam as melhores regras metodológicas. O certo, é que uma teoria do método científico deve possuir, ao menos, algum contacto com a prática científica, embora não se justificasse o abandono desta teoria por outra, que fosse mais fiel às práticas da ciência.

Popper preocupa-se em resolver problemas de demarcação que consistem em distinguir teorias empíricas de outras formas de teorização (metafísicas, apriorísticas), modos científicos de inquirição que possam ser distinguidos de formas pseudocientíficas, e ainda, em distinguir formas de inquirição científicas de outras formas científicas de menor valor.

Popper, claramente, preocupou-se mais com este último caso de demarcação, enquanto Kuhn tem suas preocupações mais voltadas para a distinção entre ciência e pseudo-ciência. Já o trabalho dos positivistas lógicos preocupava-se em distinguir trabalhos empíricos de outras formas de conhecimento. As críticas a Popper decorrem do exame de suas regras metodológicas. Sua afirmação de que uma nova teoria deve ter maior conteúdo empírico que suas predecessoras foi criticada por ser muito severa,

pois uma nova teoria, em seu começo, pode ser uma promessa, cujo desenvolvimento, com a adição de hipóteses auxiliares conduza ao maior conteúdo empírico.

Feyerabend analisou, em "Problems of Empiricism", a possibilidade de uma teoria, cujo conteúdo empírico, nada tenha de semelhante a uma teoria existente, possuído um universo de discurso, completamente novo, servir de teste da teoria dominante.

A afirmação de que uma nova teoria deve, ao menos, explicar todos os resultados das anteriores, também, é por demais severa. Quanto à afirmação de que os testes devem ser os mais rigorosos possíveis, pode inferir-se que ao testar uma teoria nossa preocupação deve ser sempre falsificá-la. Assim, se adotamos esta postura podemos estar sacrificando, em seu início, uma teoria promissora e este também não é o propósito da ciência. Sobretudo, da ciência 'normal'. E como Lakatos - 'Criticism and Growth of Knowledge' apontou, por vezes, é mais surpreendente a corroboração de uma teoria que a sua falsificação. Outra postura de Popper requer a rejeição da teoria experimentalmente, refutada, tal postura, também, é muito drástica, pois, não é interessante repudiar uma teoria sem que no horizonte exista o que Lakatos denominou uma alternativa promissora. Popper, ainda, postula que uma teoria refutada experimentalmente, e rejeitada não deve mais ser reavivada, a objeção a esta afirmativa é a de que não podemos simplesmente voltar a uma situação teórica anterior e a teoria reaceita, sempre, o será, em consideração a uma hipótese auxiliar subsequente. Outra exigência de Popper é que seja repelida a inconsistência teórica, nesta instância, pergunta-se Maxwell, se, por vezes, não é conveniente aceitar, provisoriamente, a inconsistência teórica.

O importante é diferenciar uma estratégia a longo prazo, tal como está traçada por Popper, de uma tática de trabalho científico a curto prazo. A preocupação de Popper, em resolver o problema da demarcação o conduziu, obviamente, para questões colocadas, no longo prazo. Para Maxwell, Popper falhou ao tentar resolver o problema da demarcação, pois deveria ter provado que suas regras metodológicas realizariam seu propósito melhor que quaisquer outras regras, e isto não foi feito. Faltou, ainda, caracterizar a ciência como um empreendimento racional.

A revolução popperiana é para Maxwell, em última instância, uma revolução nos valores, pois, ao considerar o problema da indução insolúvel e, portanto, sem sentido, a questão da verificação, Popper nos está dizendo que devemos valorizar as teorias científicas 'even though they remain utterly improbable conjectures', (Ob. Cit. 1972:139). As teo

rias científicas valem pelo seu conteúdo significativo e poder explanatório e por sua vulnerabilidade a uma das mais devastadoras formas de crítica - o teste experimental. E as teorias científicas que continuamos a aceitar valem por sua habilidade de sobrevivência, neste universo científico hostil.

Popper interpreta o problema da demarcação como a busca do critério de cientificidade.

Popper, em 'The Logic of Scientific Discovery' observou, que suas regras metodológicas, simplesmente, definem as regras do jogo científico e não necessitam qualquer espécie de 'rationale', isto, entretanto, torna impossível que Popper postule a resolução do problema da demarcação. Lakatos criticou a Popper, por não ter solucionado o problema da confiabilidade, da credibilidade das teorias científicas. Maxwell o critica por não ter resolvido o problema da demarcação que era seu objetivo primário. A ciência busca verdades explanatórias, não, simplesmente, verdades. Este é seu objetivo. Para Maxwell, Popper tentou reduzir este objetivo a um ainda mais fundamental, a descoberta e a eliminação de erros, 'Thus Popper tries to reduce the search for explanations to a search for high empirical content which is in turn reduced to a search either for elimination of error or for progression towards the truth', (Ob.Cit. 1972:148).

Para Maxwell, isto constitui um erro, pois, poder explanatório não pode ser equacionado a alto conteúdo empírico. Uma vez que é possível aumentar o conteúdo empírico e diminuir o poder explanatório.

Se a questão for, demonstrar que os métodos científicos são os mais racionais na eliminação de erros, tal questão é insolúvel. Porém, se a questão for, dado o objetivo da ciência de obter o maior poder explanatório, através de suas teorias, qual o modo mais racional de realizar o objetivo proposto, a resposta se encontrará em estabelecer as razões para que às regras metodológicas favoreçam teorias com maior poder explanatório.

Criando-se um novo problema, que consistirá, em responder, por que o objetivo de obtenção de um maior poder explanatório é um objetivo racional. Esta postura contribuiria para obter as regras metodológicas de Popper com um 'rationale' que não violentasse o espírito da filosofia popperiana.

Maxwell admite, que a busca da verdade explanatória tem seu respaldo na tese metafísica da simplicidade estrutural, pois, se o mundo for terrivelmente complexo, quanto mais aproximássemos as novas teorias

de sua capacidade explanatória, tanto mais nós estaríamos afastando da verdade.

Contudo, será, inteiramente, racional basear nossa estratégia de busca da verdade explanatória na tese da simplicidade estrutural. E não é, positivamente, irracional aceitar a tese da simplicidade estrutural como, possivelmente, verdadeira.

Assim, o problema da racionalidade do empreendimento científico é resolvido mesmo que seu princípio metafísico não seja.

x x x

A discussão do problema da objetividade na filosofia da ciência contemporânea se faz através da análise dos métodos de objetivação.

E o grande problema proposto pelo empirismo lógico, a saber, a possibilidade e mesmo a exigibilidade de uma 'linguagem observacional' - não tendo sido resolvido, acabou por determinar toda uma discussão da intersubjetividade do pensamento racional, exemplificada em Bachelard, Bourdieu, e Popper. Para estes autores, as crises reforçam a própria metodização da ciência, porque reforçam esta intersubjetividade.

Piaget, seguindo a Bachelard, procura realçar a importância das chamadas epistemologias genéticas preocupadas com as condições de acesso ao conhecimento por parte do sujeito epistêmico.

Apenas Hempel retoma as preocupações com a construção de uma linguagem observacional que possibilite a edificação de uma teoria geral da confirmação.

Thomas Kuhn irá considerar a inexistência de uma linguagem observacional. Neste sentido, sua posição é irreverente. Contudo, não deixa de ser um desdobramento natural das preocupações epistemológicas contemporâneas, ao tornar a falseabilidade o momento de emergência de um novo paradigma.

As posições de Hempel e Kuhn que veremos a seguir, se constituem nos dois grandes parâmetros da filosofia da ciência contemporânea. Parâmetros que podem, perfeitamente, ser incorporados à análise epistemológica marxista, tal como desenvolvida por Habermas, em 'Knowledge and Human Interests'.

Para Hempel, o estabelecimento de uma teoria geral da confirmação é um dos mais urgentes 'desiderata' da metodologia da ciência empírica. Na realidade, um achado empírico é relevante para uma hipótese, se e somente se, constituir uma evidência favorável ou desfavorável para esta hipótese. Em outras palavras, se confirmá-la ou não. E uma definição precisa da confirmação requer a referência a alguma 'linguagem da ciência', na qual todas as observações e hipóteses são formuladas e cuja estrutura lógica possa ser precisamente determinada. Quanto mais complexa esta linguagem e mais ricos os seus meios de expressão, tão mais difícil será estabelecer regras sobre a definição adequada de confirmação.

A confirmação pode ser concebida como a relação semântica entre o relato da observação e uma hipótese, mas é possível, para certas linguagens, estabelecer apenas critérios sintáticos de confirmação. Entretanto, a confirmação seja na sua forma qualitativa, seja na sua forma quantitativa, não pode ser definida adequadamente por modos sintáticos - apenas, pois uma hipótese deve ser projetada, dos casos examinados aos não examinados, e isto, dependerá do caráter de seus predicados constitutivos.

A verificação é um caso especial de confirmação e a falsificação um caso especial de não-confirmação. O problema está na confrontação de uma hipótese com os relatos observacionais, onde a existência de hipóteses que são relativamente verificáveis ou falseáveis é um fato lógico, mas a existência de hipóteses absolutamente verificáveis ou falseáveis é altamente controversa. Ou seja, existe na ciência a possibilidade de relatos observacionais irrevogáveis? Várias considerações militam a favor da convenção. Assim, das três fases do trabalho científico, a realização da observação ou do experimento, a confrontação deste com hipóteses e a aceitação ou rejeição de hipóteses, apenas a fase de confrontação - pertence ao terreno da lógica, sendo as demais pertencentes ao plano das considerações pragmáticas. Segundo Hempel, a ciência avança ao construir taxonomias que se aprimoram, na medida em que, vão de sistemas definidos, através, de suas características observáveis, em direção a sistemas baseados em conceitos teóricos. E, na medida em que, métodos e conceitos classificatórios dão lugar a métodos e conceitos que procuram ordenar, através, de gradações a realidade. Assim, 'since each of the types distinguished in a typological theory will represent at least one quasi-linear ordering, typological systems usually provide for an arrangement of individuals along several axes, and thus replace classificatory schemes by reference 'spaces' of several 'dimensions'. - Hempel (Ob.Cit.

1965:153). Tais tipologias, quer sejam por ordenação, quer por classificação, pertencem aos primeiros estágios de desenvolvimento de uma disciplina e, no caso das ciências sociais, a construção de tipos ideais busca a passagem do estágio de descrição e 'generalização empírica', exemplificado nos diversos sistemas tipológicos descritivos, em direção aos sistemas teóricos ou modelos. Neste sentido, os tipos ideais são teorias, que devem servir como esquema explanatório e interpretativo, possuidor de uma série de regras empíricas que possibilitem a verificação da interpretação subjetiva. A simples empatia e o entendimento subjetivo não garantem a objetividade, a qual deve estar baseada no conhecimento nomológico. Neste, o fenômeno a ser explicado 'explanandum phenomenon' deve ser esperado, em virtude, de certos fatos explanatórios de duas categorias, fatos particulares e uniformidades expressas por meio de leis gerais. Numa explicação dedutiva-nomológica o 'explanandum' é a consequência lógica do 'explanans', daí, a importância de leis gerais pois, é partindo de leis gerais que os fatos particulares citados no 'explanans' adquirem relevância explanatória para o fenômeno 'explanandum'. As afirmações dedutivas de leis são as únicas que podem suportar contrafactuais e subjuntivas condicionais. Portanto, explicar é subsumir leis gerais ou princípios teóricos, dedutivamente, embora a explicação nem sempre seja causal. 'For example, the explanation of a general law by deductive subsumption under theoretical principles is clearly not an explanation by causes'. Hempel (Ob. Cit. 1965:352) E, mesmo na explicação de eventos individuais, existem leis por sucessão (causais) e leis de coexistência (não-causais). Explicações genéticas são, neste contexto, puramente descritivas em sua fase inicial e em sua segunda fase possuem explicações nomológicas interconectadas e explicadas pelas características do estágio inicial. Contudo, aceitando a rejeição de Mandelbaum da afirmativa de Hayek, de que a explicação e a predição nunca se referem a eventos individuais Hempel aceita a explicação de uma ocorrência particular como primária, só podendo se falar, derivativamente, de uma explicação teórica, em geral. Portanto, não é a singularidade da história que lhe confere caráter não-nomológico, ainda mais que seu papel explanatório é basicamente nomológico na realidade.

Homans, em 'Social Behavior, Its Elementary Forms' explicava - que era necessário trazer ao caos familiar do comportamento cotidiano alguma ordem intelectual. Tal afirmação serve, como exemplo, para Hempel afastar a noção comum que entende por explicar o tornar familiar. O funcionalismo pode, então, ser visto como um programa de pesquisa para in-

trodução de máximas heurísticas ou hipóteses de trabalho, a partir das quais possam surgir generalizações empíricas dos aspectos biológicos ou sociais. Que por sua vez possam transformar-se em teoria geral da auto-regulação de um sistema. Assumindo-se, portanto, a existência de processos não-familiares e não-observáveis diretamente. - 'Conversely, if a precise hypothesis of self-regulation for systems of a specified kind is set forth, then it becomes possible to explain, and to predict categorically the satisfaction of certain functional requirements simply on the basis of information concerning antecedent needs; and the hypothesis can then be objectively tested by an empirical check of its predictions'. Hempel (Ob. Cit. 1965:317).

Não é possível, para Hempel, atribuir ao funcionalismo um caráter "sui generis", e seu caráter teleológico pode não passar de uma fraseologia. O que é necessário, entretanto, é a precisão dos critérios empíricos de adaptação, disfunção e outras, para que a teoria possa ser testada.

A explanação nomológica exige, portanto, a predição ou dedutiva, a partir de leis gerais subsumidas, ou estatística, a partir de uma alta probabilidade. 'But the predictive power of a nomological explanation goes much farther than this : precisely because its explanans contains general laws, it permits predictions concerning occurrences other than that referred to in the explanandum. In fact such predictions provide a means of testing the empirical soundness of the explanans'. Hempel (Ob. Cit. 1965:303). Existem instâncias que afastam a explanação científica da dedução estrita, o que levanta a questão da existência exclusiva de um vocabulário observacional, conduzindo ao que Hempel denomina - 'The theoretician's dilemma' - que se consubstância, no seguinte : se os termos e princípios gerais de uma teoria servem a seu propósito, ou seja, se eles estabelecem conexões entre os fenômenos observáveis, podem ser dispensados, pois cadeias de leis e afirmativas interpretativas estabelecendo a conexão podem ser substituídas por uma lei que ligue, diretamente, os antecedentes observacionais aos seus conseqüentes. Ou, na forma clássica de dilema : se os termos e princípios de uma teoria servem a seu propósito, eles são desnecessários; se não servem são, claramente, desnecessários. Mas, dada uma teoria, seus termos e princípios servem ou não seus propósitos, destarte, os termos e princípios de qualquer teoria são desnecessários.

Tal raciocínio conduz ao positivismo metodológico extremo. -
- 'But no matter how the claims of these borderarea statements are

adjudicated, and no matter where - within reason - the borderline between observational and theoretical terms is drawn, it is at least an open question whether the set of presently accepted scientific statements implies for every theoretical term a necessary and sufficient condition of applicability in terms of observables. Certainly those who have asserted such definability have not supported their claim by actually deducing such conditions, or by presenting cogent general reasons for the possibility of doing so' Hempel (Ob. Cit. 1965:193). Para Hempel parece impossível, definir todos os termos teóricos da ciência empírica, atualmente, em curso, por meio de um vocabulário puramente observacional, tornando tais termos teóricos, em princípio, dispensáveis. De fato, muitos termos teóricos estão sendo usados, presentemente, com base apenas numa experimentação parcial, e o uso desta interpretação parcial parece oferecer vantagens heurísticas apreciáveis. Como Braithwaite lembrou, os termos teóricos só podem ser definidos, por meio de propriedades observáveis, sob a condição de que a teoria não se possa adaptar, propriamente, à aplicação sobre novas situações. Braithwaite (Scientific Explanation; 1953:76). O que coloca, em relevo, o importante aspecto heurístico da teorização. Mas, que, entretanto, não impossibilita que a expansão de uma teoria se dê pela mudança das definições de alguns de seus termos teóricos. Embora, possa ser objetado que este método conduz à transição para uma nova teoria. - 'Whatever observational criteria of application the scientist may provide are intended by him to describe just symptoms or indications of the presence of the entity in question, but not to give an exhaustive characterization of it. The scientist does indeed wish to leave open the possibility of adding to his theory statements involving his theoretical - statements which may yield new interpretative connections between theoretical and observational terms'. (Hempel (Ob. Cit. 1965:206).

Os nominalistas podem utilizar termos teóricos, apenas, como um conveniente instrumental simbólico que auxilia na passagem de um conjunto de afirmações experimentais a outro, negando todo o compromisso ontológico como concepção de teorias científicas. Para Hempel, o dilema assume como único propósito de uma teoria estabelecer conexões dedutivas entre sentenças observacionais. Nesta concepção, os termos teóricos são, realmente, dispensáveis. - 'But if it is recognized that a satisfactory theory should provide possibilities also for inductive explanatory and predictive use and that it should achieve systematic economy and heuristic fertility, then it is clear that theoretical formulations

cannot be replaced by expressions in terms of observables only ; the theoretician' s dilemma, with its conclusion to the contrary, is seen to rest on a false premise'. Hempel (Ob. Cit. 1965:222).

Recentes estudos de inferência indutiva e estatística estão devotados ao esforço de formulações de regras de confirmação e de regras de aceitação de teorias científicas. Pois, após a confirmação ou não de uma hipótese será necessário decidir, sob que condições uma hipótese deve ser aceita ou recusada pela ciência com base nas evidências existentes, através de procedimentos que analisam as regras de decisão quanto à hipótese a ser verificada e que se utilizam de especificações valorativas que induzem a questão dos pressupostos valorativos do método científico. O resultado da decisão pode dividir-se em quatro tipos; - a hipótese é aceita e é de fato verdadeira; - a hipótese é rejeitada e é de fato falsa; - a hipótese contudo é aceita, mas é de fato falsa; - e a hipótese é rejeitada e, é de fato verdadeira. As duas últimas possibilidades representam o risco indutivo. A justificação de regras de aceitação e rejeição de hipóteses requer referência a julgamentos de valor. Portanto, na ciência não existem apenas regras que especificam que tipo de evidência é confirmatória ou não de uma teoria, mas também regras que devem indicar, quão forte deve ser esta evidência para ser aceita.

A significancia experiencial postulada pelo operacionismo e pelo empirismo lógico como condição necessária da objetividade, é uma questão de grau. E o requisito original da plena verificabilidade ou falsabilidade foi abandonado pela demanda mais liberal da confirmabilidade. Assim, a aguda distinção entre hipóteses cognitivamente significativas ou não, deveu ser abandonada, 'and it even appears doubtful whether the distinction between analytic and synthetic sentences can be effectively maintained in reference to the language of empirical science'. Hempel, (Ob. Cit. 1965:133).

Existe, inegavelmente, uma profunda diferença lógica entre a explanação indutiva estatística e sua contrapartida, a explanação dedutiva. Na explanação indutiva o 'explanans' torna o 'explanandum', apenas, mais ou menos provável. 'Another difference, which so far does not seem to have received attention, lies in what I called the epistemic relativity of probabilistic explanation, i.e., the fact that we can significantly speak of a probabilistic explanation, even a potential one, only relative to some class K of statements representing a particular knowledge situation. The concept of deductive-nomological explanation requires no such relativization', Hempel, (Ob. Cit. 1965:488).

Tema III :

Thomas S. Kuhn - A Psicologia do Conhecimento.

Thomas S. Kuhn realiza, principalmente, uma análise sociológica e psico-sociológica da atividade científica. Contudo, algumas de suas conclusões pertencem tradicionalmente, à lógica e a epistemologia. A descrição da competição revolucionária entre os proponentes da ciência tradicional e os aderentes de um novo paradigma científico substitui os procedimentos de confirmação ou falsificação de uma teoria. Tradicionais em filosofia da ciência. E a afirmação de que a competição entre segmentos da comunidade científica é o único processo histórico que resulta, realmente na rejeição de uma teoria, parece violar a influente distinção - contemporânea entre o contexto de descoberta e o contexto de validação - de uma teoria.

Tais conceitos deixam de ser distinções lógicas ou metodológicas elementares para se tornarem partes integrais de um conjunto tradicional de respostas substantivas. Como partes de uma teoria devem ser submetidos a um escrutínio que vise elucidá-los.

A primeira crise na história da ciência se deu no trato com os problemas da acumulação do conhecimento científico. (17)

Um elemento, aparentemente, arbitrário composto de acidentes individuais e históricos é sempre um ingrediente formativo das crenças expostas por uma comunidade científica. Este elemento arbitrário, na origem, ocasiona na ciência normal que se segue, a tendência a resistir diante de novidades subversivas. As quais, contudo, fatalmente ocorrem.

E não é, apenas, uma teoria que possui impacto revolucionário, pois um procedimento experimental pode ser revolucionário no mundo dos fatos, que a teoria anterior reconhecia. (18)

O paradigma científico conduz ao compromisso sobre regras e padrões de prática científica e o consenso que provoca é prerequisite para a consolidação da ciência normal. (19) 'History suggests that the road

(17) If these out of date beliefs are to be called myths, then myths can be produced by the same sorts of methods and held for the same sorts of reasons that now lead to scientific knowledge. If, on the other hand, they are to incompatible with ones we hold today.

T. Kuhn (1962:2)

(18) Scientific fact and theory are not categorically separable, except perhaps within a single tradition of normal-scientific practice.

T. Kuhn (1962:7)

(19) They are able to do so because they shared two essential characteristics. Their achievement was sufficiently unprecedented to attract an enduring group of adherents away from competing modes of scientific activity. Simultaneously, it was sufficiently open ended to leave all sorts of problems for the redefined group of practitioners to resolve.

T. Kuhn (1962:10)

to o firm research consensus is extraordinarily arduous'. Kuhn (Ob. Cit. 1962:15).

Na ausência de um paradigma todos os fatos são igualmente relevantes e a tarefa de colher os dados é quase randômica e não há sequer tempo ou instrumentos para a análise crítica. Apenas, a partir da intervenção de crenças teóricas e metodológicas, torna-se possível a seleção, avaliação e crítica dos 'achados'. 'To be accepted as a paradigm, a theory must seem better than its competitors, but it need not, and in fact never does, explain all the facts with which it can be confronted'. (Ob. Cit. 1962:17).

O paradigma representa uma promessa de sucesso na solução de problemas considerados agudos por uma comunidade científica.⁽²⁰⁾ A ciência normal realiza esta promessa, desenvolvendo as articulações do paradigma.

A investigação científica se concentra, então, em três focos factuais. O primeiro, em torno dos fatos que o paradigma considera reveladores da natureza das coisas; o segundo foco de interesse factual preocupa-se em demonstrar o acordo entre as descobertas científicas e a natureza ajustando-se toda uma tecnologia para demonstrar este acordo; o terceiro foco de interesse factual consiste no trabalho empírico de articular o paradigma teórico, resolver ambigüidades conceituais residuais e permitir a solução de problemas para os quais o paradigma, apenas chamou a atenção. T. Kuhn ressalta a importância deste terceiro foco, pois é aqui que devem ser desenvolvidas as relações entre o paradigma qualitativo e as leis quantitativas. Este é o momento das mensurações.

Os problemas teóricos, por sua vez, caem nas mesmas classes dos problemas empíricos ou observacionais. Existe no trabalho teórico normal, um momento de simples aplicação da teoria, problemas de contacto entre teoria e natureza que levam a ajustamentos teóricos, e problemas de reformulação da teoria num equivalente lógico e esteticamente mais apropriado. Trabalha-se tanto o fato, quanto a teoria para se atingir o aperfeiçoamento do paradigma.⁽²¹⁾

(20) Normal science consists in the actualization of that promise, an actualization achieved by extending the knowledge of those facts that the paradigm displays as particular revealing, by increasing the extend of the match between those facts and the paradigm's predictions, and by further articulation of the paradigm itself. T. Kuhn (1962:24)

(21) These three classes of problems - determination of significant fact, matching of facts with theory, and articulation of theory - exhaust, I think, the literature of normal science, both empirical and theoretical. T. Kuhn (1962:33)

40.

A característica mais destacada da ciência normal é sua aversão a grandes novidades, sejam conceituais ou fenômenos, desde que tais achados não poderão ser usados para articular o paradigma. A resolução de quebra-cabeças caracteriza o trabalho científico normal. Ao contrário, os problemas realmente urgentes, geralmente, não apresentam solução e a eles não se pode dar o tratamento científico.

A existência de uma rede muito forte de compromissos - conceituais - teóricos - instrumentais e metodológicos, relaciona a ciência normal ao 'puzzle-solving'. As regras derivam dos paradigmas, mas os paradigmas podem guiar as pesquisas mesmo na ausência de regras. Encontrar tais regras é bem mais difícil que distinguir paradigmas. A própria existência do paradigma não implica na existência de tais regras. A maior parte do aprendizado teórico se dá, através de suas aplicações e não das suas regras. Apenas, quando o paradigma se torna inseguro é que surgem as preocupações com as regras. Nos períodos normais não existe acordo, quanto a racionalização do paradigma e nem mesmo qualquer tentativa de racionalização. Contudo, existem grandes revoluções e pequenas revoluções e portanto uma alta probabilidade de discussões sobre as regras do procedimento científico. As regras colocam-se sempre num plano mais geral. Os paradigmas surgem no curso da especialização profissional do cientista.

Desenvolve-se uma resistência a mudança do paradigma e a novidade surge apenas, contra um 'background' criado pelas expectativas decorrentes da teoria. 'The science has become increasingly rigid. On the other hand within those areas to which the paradigm directs its attention, normal science leads to a detail of information and to a precision of the observation-theory match that could be achieved in no other way'. (Ob. Cit. 1962:64).

A anomalia que evoca uma crise é mais que uma anomalia, tratando-se de um problema que resiste a solução proposta pelo paradigma. Anomalias podem surgir, no desenrolar da ciência normal, que resistem por um tempo as regras do jogo, mas que são finalmente 'resolvidas'. A ciência extraordinária só se inicia se for impossível que sua solução contribua para a articulação do paradigma. Inicia-se, assim, uma reconstrução teórica. E a filosofia que fora afastada, cautelosamente, pela ciência normal retoma sua importância. (22)

(22) The proliferation of competing articulations, the willingness to try anything, the expression of explicit discontent, the recourse to philosophy and to debate over fundamentals, all these are systems of a transition from normal to extraordinary research. It is upon their existence more than upon the nation of revolutions that the notion of normal science depends. T. Kuhn (1962:90)

As revoluções científicas são os episódios não-cumulativos de saber científico. A idéia da acumulação deriva de uma epistemologia que toma o conhecimento como construção, diretamente, justaposta pela mente aos dados. A ciência normal é cumulativa como resultado da cuidadosa seleção de problemas. Quando, porém, um problema recusa-se à assimilação do paradigma provoca um deslocamento capaz de destruir o paradigma. A interpretação tradicional, advinda do positivismo lógico restringe o escopo e o significado de uma teoria aceita, tornando impossível o conflito com uma teoria posterior que cuidasse dos mesmos fenômenos. A inclusão é, logicamente, possível entre teorias que se sucedem. Mas, para Kuhn, 'it is a historical implausibility'. (Ob. Cit. 1962:97).

Salvar a teoria, afirmando que sua aplicação decorre da evidência experimental, é esterilizá-la, pois o que a ciência normal busca é a resolução de (problemas' sem precedentes. Por outro lado, reinterpretar o paradigma anterior para que este seja um caso do novo paradigma, é tornar o paradigma anterior irreconhecível. As diferenças entre os paradigmas, muitas vezes negligenciadas, são necessárias e irreconciliáveis. (23)

A ciência normal que emerge de uma revolução científica não é apenas incompatível mas, frequentemente, incomensurável com o paradigma anterior.

Não ocorre também a acumulação metodológica pela qual se daria o refinamento e a maturidade da concepção da natureza da ciência.

Dado um paradigma, a interpretação dos dados é central para a comunidade científica que o explora. Porém, o trabalho interpretativo pode apenas articular o paradigma, não pode corrigi-lo. 'Paradigms are not corrigible by normal science at all'. (Ob. Cit. 1962:121). Ao contrário, a ciência normal conduz, apenas, ao reconhecimento de anomalias e de crises. 'Rather than being an interpreter, the scientist who embraces a new paradigm is like the man wearing inverting lenses. Confronting the same constellation of objects as before and knowing that he does so, he nevertheless finds them transformed through and through in many details'. (Ob. Cit. 1962:121).

(23) But paradigms differ in more than substance, for they are directed not only to nature but also back upon the science that produced them. They are source of methods, problem-field, and standards of solution accepted by any mature scientific community at any given time. As a result the reception of a new paradigm often necessitates a redefinition of the corresponding science. T. Kuhn (1962:102)

Não existe a preocupação com a 'experiência imediata', ou seja, com as formas de percepção que um paradigma ilumina, o que deve ser discutido são as operações e mensurações que um cientista realiza. Tais experimentos não são 'dados' mas, 'coligidos com dificuldades'. Tais operações e mensurações são determinados por um paradigma. E as tentativas de se encontrar, para além da imediatidade dos dados, alguma linguagem observacional neutra, ainda não produziram resultados.

A epistemologia deve admitir que a experiência sensória não é neutra, tampouco, as teorias são meras interpretações de dados. 'As for a pure observation language, perhaps one will yet be devised. But three centuries after Descartes our hope for such an eventuality still depends exclusively upon a theory of perception and of the mind'. (Ob. Cit. 1962:125).

Após uma revolução as operações e mensurações passam a ser determinadas pelo paradigma vencedor.

Na inexistência de uma linguagem-observacional importa restringir a atenção às operações de laboratórios e negligenciar as diversas 'éticas' possíveis. As antigas operações e mensurações podem ser desprezadas pelo novo paradigma. Embora, persista a mesma, ou a maior parte, de uma linguagem científica e muitos dos instrumentos de laboratório sejam, ainda, os mesmos, até porque, o novo paradigma está por ser articulado. Neste período pós-revolucionário, os livros textos da nova ciência 'ignorarão' que houve uma revolução, pois todo o trabalho de articulação se desenvolverá a partir do paradigma aceito.

O que causa o abandono de uma tradição científica, em favor de outra? Uma vez que na resolução de 'jogos' o paradigma não chega a ser testado, a não ser depois do surgimento de uma 'crise'. (24)

Na ciência a situação de teste nunca consiste, simplesmente, na comparação do paradigma com a natureza. Isto é feito, através do 'puzzle-solving'. Ao contrário, testar é parte da competição entre dois paradigmas rivais.

Poucos filósofos da ciência contemporânea arriscam critérios absolutos para a verificação das teorias científicas, porque nenhuma teoria pode ser exposta a todos os testes relevantes. Assim, pergunta-se,

(24) There fore, paradigm-testing occurs only after persistent failure to solve a noteworthy puzzle has given rise to crisis. And even then it occurs only after the sense of crisis has evoked an alternative candidat for paradigm.
T. Kuhn (1962:144).

49

não se a teoria foi verificada, mas, sobre sua probabilidade à luz das evidências existentes. E diante da impossibilidade contemporânea da construção de linguagens-de-observação, a construção de testes deriva de outro paradigma.

Uma abordagem diferente é proposta por Karl R. Popper que nega a existência de qualquer procedimento de verificação, enfatizando a importância da falsificação. Ou seja, do teste de resultado negativo. Para Kuhn, contudo, a experiência anômala não pode ser assimilada à falsificadora. E, é duvidoso que a última exista, pois nenhuma teoria resolve todos os seus 'quebra-cabeças' e o que caracteriza a ciência normal é exatamente sua imperfeição e não-acabamento teórico ou de dados. Adotada a postura da falsificação todas as teorias seriam falseáveis. E, se os popperianos argumentarem com graus de falsificação terão encontrado as mesmas dificuldades das teorias probabilísticas de verificação.⁽²⁵⁾ A falsificação ocorre com a verificação e está consiste no triunfo do novo paradigma.

Os proponentes de paradigmas rivais não estarão de acordo, nem mesmo quanto à lista de problemas relevantes. Suas definições de ciência não serão as mesmas. Velhos termos, conceitos e experimentos assumirão relações diversas. 'The inevitable result is what we must call, though the term is not quite right, a mis understanding between the two competing schools'. (Ob. Cit. 1962:148).

Decorre daí, que a mudança de paradigma só pode ocorrer por razões extra-científicas. Através, da atração da comunidade científica - pela promessa de maior habilidade do novo paradigma em 'resolver' problemas. Razões subjetivas e estéticas desempenham papel predominante, mesmo porque, na ocasião de sua propositura, o novo paradigma não está articulado e não pode solucionar senão poucos 'problemas'.⁽²⁶⁾

Importante é analisar as conexões entre nossas noções de ciência e progresso. Ao fazê-lo, certas expressões como 'progresso científico' ou 'objetividade científica' podem parecer redundantes.

(25) Furthermore, it is in that joint verification-falsification process that the probabilist's comparison of theories plays a central role.

(26) Fortunately, there is also another sort of consideration that can lead scientists to reject an old paradigm in favor of a new. These are the arguments, rarely made entirely explicit, that appeal to the individual's sense of the appropriate or the aesthetic - the now theory is said to be 'neater', 'more suitable', or 'simpler' than the old.

T. Kuhn (1962:154).

O progresso científico é decorrência natural da articulação de um paradigma, do isolamento da comunidade científica na sociedade mais - ampla, uma vez, que não são, os problemas urgentes, os pesquisados, mas os problemas propostos pelo paradigma. Nas ciências sociais, a par da pressão para a solução de problemas da sociedade, ainda o estudo é feito a partir de textos originais que apresentam soluções rivais e incomensuráveis para os problemas. Soluções que o cientista deve, em última instância, analisar por si mesmo. Nas ciências físicas e matemáticas o livro-texto impossibilita as discussões incomensuráveis. Por outro lado, o cientista não precisa dar conta de seu trabalho à comunidade extra-científica.

É importante salientar que o progresso não tem direção, nada o torna uma evolução. 'If we can learn to substitute evolution-from-what-we-do-know for evolution-toward-what-we-wish-to-know, a number of vexing problems may vanish in the process'. (Ob. Cit. 1962:170).

Tanto Popper, quanto Kuhn, acreditam no processo revolucionário a partir do qual, uma velha teoria é rejeitada e substituída por outra que lhe é incompatível. Ambos aceitam que a falha da teoria anterior ocorreu no momento em que deixou de dar solução a alguma questão posta pela lógica, experiência ou observação. Ambos são céticos, quanto a possibilidade de construção de uma linguagem observacional neutra, enfatizando, portanto, o inextricável elo entre a observação científica e a teoria. Entretanto, Kuhn sugeriu que os procedimentos que Popper considera característicos do empreendimento científico, apenas ocorrem em condições extraordinárias e se um critério de demarcação existe e Kuhn acredita que não devemos acreditá-lo agudo ou decisivo, este critério está justamente naquela parte da ciência que Popper ignora. Na ciência normal, o fracasso do empreendimento é alocado ao cientista e não à teoria que foi testada. As pseudo-ciências para escaparem à falsificação destroem sua testabilidade, isto é o que Popper proclama, enquanto Kuhn afirma que não é o problema da testabilidade que está em jogo, mas o fato de que as pseudo-ciências não possuem regras internas que governem a sua prática, embora possuam, fora de qualquer dúvida, proposições testáveis. Na existência de tais regras internas repousa o critério de demarcação.

Para Kuhn, os critérios de falsificação não estão fixados antecipadamente pela teoria. Pois, na articulação do conhecimento científico estão, a disposição do cientista, critérios explícitos e implícitos de adequabilidade ou irrelevância dos fatos em função de uma teoria.

Tanto Kuhn, quanto Popper negam a relevância metodológica do conhecimento individual, ou do senso individual de certeza. O sujeito do conhecimento é o sujeito epistêmico, mas para Popper este sujeito obedece a lógica do conhecimento, enquanto para Kuhn este mesmo sujeito epistêmico segue os imperativos morais de sua comunidade científica.

Em realidade, as condições que Kuhn acredita sejam normais e própria da ciência são, verdadeiramente, condições não-científicas para Popper. Ou seja, se constituem na contração da ciência crítica numa metafísica defensiva.

É impossível negar que a idéia de testabilidade é central para o empreendimento científico. E, igualmente, impossível ignorar a crítica de John Watkins (Against 'Normal Science', in Lakatos & Musgrave - Eds. 1970:30) que considera a noção de resolução de 'jogos' extremamente vaga e não limitada, pois, não é possível demarcar um nível crítico para além do qual a irresolução seria intolerável.

Watkins (Ob. Cit. 1970:31) adverte que possivelmente o pensamento científico é mais livre do que Kuhn supõe e que, na realidade, a 'crise' científica possui razões teóricas e não causas empíricas.

A tese do monopólio paradigmático é secundada pela tese do não-intervalo na conversão da comunidade científica. Ora, isto torna difícil a compreensão da possibilidade de atração de um novo paradigma ainda e necessariamente, não-articulado. Significando, também, que o trabalho crítico na atividade científica é na verdade dogmático e mesmo não-lógico.

Kuhn explorou a função do dogma na pesquisa científica. Mas seu conceito de ciência 'revolucionária' não possui, segundo Stephen Toulmin, (In Lakatos, Ob. Cit. 1970:41) poder explanatório. 'Accordingly, one may concede that the development of scientific thought does involve important conceptual discontinuities, and that the conceptual systems which displace one another within a scientific tradition may often be based on quite different, and even incongruous principles and axioms, but we must beware of going all the way with Kuhn's original 'revolutionary' hypothesis', Toulmin, (Ob. Cit. 1970:44).

Esta crítica resume bem a posição evolucionista sobre a mudança na ciência. A posição popperiana possui, sem dúvida, este caráter evolucionista ao admitir que a ciência está sempre no limiar de uma refutação. E, certamente, Popper aprendeu algo com a distinção entre ciência normal e extraordinária. Mas, a ciência 'normal' é para Popper um peri-

go para o conhecimento científico. E o cientista 'normal' é a vítima da doutrinação que aprendeu uma técnica, a qual aplica sem se perguntar a razão. A idéia da tipologia do trabalho do cientista e dos períodos científicos é importante, mas para Popper tal idéia necessita de qualificação.

Embora Popper rejeite a noção 'paradigma', (Popper - Normal Science and its Dangers - in Lakatos, Ob. Cit. 1970:51) esta parece ser, na verdade, a maior contribuição, senão a única, que a obra de Kuhn trouxe à filosofia da ciência dentro do marco do relativismo histórico. Para Kuhn, a racionalidade depende de uma linguagem comum, de um mesmo quadro de referência institucional. E é ao relativismo que Popper dirige as suas críticas. E rejeita o relativismo como se fora um dogma. 'The myth of the Framework is, in our time, the central bulwark of irrationalism', (Popper, Ob. Cit. 1970:56). Para Popper, a ciência realmente progride, não por acumulação, mas progride não obstante. Temos um progresso genuíno, sabemos mais hoje do que ontem.

Margaret Masterman dedicou-se à exploração das diferentes concepções de paradigma na obra de Kuhn (Lakatos, Ob. Cit. 1970:59). A seu ver a noção de paradigma é, realmente, nova na filosofia da ciência. O paradigma é uma realização científica universalmente reconhecida; um mito; uma constelação de questões; um livro texto ou um trabalho clássico; uma tradição científica e em algum sentido um modelo; um foco de compromisso profissional; uma analogia; uma bem sucedida especulação metafísica; uma prática aceita; uma fonte de instrumentos; uma ilustração padronizada; uma expectativa teórica e instrumental; um anômalo conjunto de cartas; uma tecnologia; uma figura de 'gestalt'; um conjunto de instituições políticas; um padrão aplicável à quasi-metáfísica; um princípio organizador que governa a percepção; um ponto de vista epistemológico geral; um novo modo de 'ver' a realidade; algo que define a realidade. A autora se pergunta, se há alguma coisa em comum, entre todos estes sentidos. Para responder a esta pergunta é necessário criar uma classificação triíplice destes significados. Teremos então paradigmas metafísicos, ou metaparadigmas, paradigmas sociológicos e paradigmas como artefatos concretos. Assim, o paradigma pode se constituir numa visão epistemológica, num conjunto de hábitos científicos, ou numa técnica de pesquisa.

O trabalho de Kuhn é para Masterman mais inclusivo que o de Feyerabend. Pois Kuhn está interessado no processo, quase antropológico de atingimento da explanação científica. E, é isto, que torna o seu trabalho tão atraente para o cientista social. Neste sentido, o paradigma pode 'funcionar' mesmo na ausência de uma teoria.

Portanto, o sentido principal da noção de paradigma se encontra na sua operação como artefato, como construção. E a função da tecnologia do conhecimento, claramente, relevante para o marxismo, jamais o foi para os filósofos de formação popperiana. Os quais não respondem à indagação fundamental do 'porque' um sistema metafísico se torna falseável, ou como a metafísica pode ser usada como um modelo e submetida a testes. Kuhn evita esta pergunta não respondida, invertendo-a e perguntando, como uma técnica, um 'quebra-cabeças' pode ser usado metafisicamente.

Masterman sugere, ainda, a divisão das ciências em não-paradigmáticas, multiparadigmáticas e de paradigma dual, distinção esta que não está explicitada em Kuhn.

A grande contribuição de Masterman, entretanto, reside em ter destacado a concretude da noção de paradigma como artefato. Daí decorre, portanto, a extensibilidade finita do paradigma, sua incomparabilidade, e de ser extensível, apenas, pelo processo inferencial da replicação.

Esta idéia de concretude é realmente nova na filosofia de ciência. Isto, em realidade, contorna as imensas dificuldades da noção de incomensurabilidade proposta por Feyerabend. Transformando esta noção em não-extensibilidade. Nenhum filósofo da ciência, antes de Kuhn enfrentou e descreveu a deterioração do empreendimento científico, todos apontaram o gradual colapso das teorias científicas, em virtude, da emergência de novos fatos', da não-cooperação da natureza. Nenhum antes propusera, como Kuhn, que as teorias científicas trazem em seu interior paradigmas analógicos concretos que definem seus compromissos básicos, e que são estes paradigmas interiores que entram em colapso, porque possuem uma extensão finita, a qual nada tem a ver com a contradição factual por si mesma.

Mas, esta concepção analógica traz em seu bojo um perigo ainda maior que o apontado por Popper em relação à ciência normal, pois transforma a verificabilidade científica, em mera replicação.

Lakatos, ('Methodology of Scientific Research Programmes', in Lakatos e Musgrave, 1970), acredita, realmente, no contraste entre a posição de Kuhn e Popper.

E mais, que Kuhn apenas entende o falsificacionismo metodológico ingênuo, sem compreender a posição mais sofisticada cuja racionalidade não está baseada na falsificação 'ingênuo'.

De acordo com os justificacionistas, o conhecimento científico consistia de proposições provadas, embora estivessem em desacordo quanto

a natureza dos axiomas, que só podem ser provados por meios extra-lógicos. O justificacionismo, é a tradição dominante do pensamento racionalista. Seu contrário, o ceticismo alegava que não é possível a existência de conhecimentos provados, donde a alegação de que não há conhecimento.

Enormes esforços foram investidos em resguardar os princípios sintéticos apriori, e em salvar a certeza da base empírica e a validação da inferência indutiva. Entretanto, o kantismo foi derrotado e como consequência todas as teorias são, igualmente, improváveis. A importância filosófica do probabilismo (ou do neojustificacionismo) reside na negação de que a concessão desta probabilidade torna a ciência sofisma ou ilusão. Teorias possuem diferentes graus de probabilidade, o falsificacionismo representa uma desmistificação do pensamento racional utópico, ao substituir a prova pela probabilidade.

O falsificacionismo dogmático assume que existe uma esfera psicológica limítrofe entre as proposições teóricas ou especulativas e as proposições factuais ou observacionais. E, também, assume que se uma proposição satisfaz o critério psicológico de ser factual ou observacional, então, é verdadeira. Isto é complementado pelo critério de demarcação - que exige que uma teoria possa ser desconfirmada. O teórico propõe, o experimentador dispõe - 'em nome da Natureza'. Todas as teorias são igualmente conjecturais.

Segundo Lakatos, a psicologia nega a primeira afirmação, a lógica nega a segunda e por fim a metodologia testifica contra o critério de demarcação. Não existem demarcações psicológicas entre proposições teóricas e observacionais, proposições só podem derivar de outras proposições, mas não de fatos, além do que a maioria das teorias traz consigo uma clausula 'ceteris paribus' que torna ineficaz o teste de validação.

Teorias científicas não são, apenas, igualmente, não-prováveis, e igualmente improváveis, mas igualmente, indisprováveis.

Assim, resta a postura do falsificacionismo metodológico, um ramo do convencionalismo. Seu principal representante é Popper. Advem da convenção a outorga de status 'observacional' a uma teoria. Convenções que são institucionalizadas e endossadas pela comunidade científica. Lakatos lembra, em seu trabalho, que o critério de demarcação de Popper é liberal, pois 'We have already seen that there are more 'observational' theories than observational theories, and therefore there are more 'basic' statements than basic statements'. (Ob. Cit. 1970:109). Desta forma, teorias probabilísticas não-falseáveis, podem se tornar 'científicas' pela

adição de algumas regras de rejeição. A escolha que se propõem está entre alguma forma de falsificacionismo metodológico, de um lado e o irracionalismo, do outro.

É certo que os esforços para dotar a ciência de uma explanação racional foram ultrapassados pelas noções psico-sociológicas de Kuhn e Polanyi e pelo falsificacionismo sofisticado de Popper, para quem uma teoria só será aceitável, se possuir conteúdo empírico maior que sua antecessora.

A forma revisada do falsificacionismo metodológico nega que, no caso de uma teoria, nossa decisão depende dos resultados da experiência. Nenhum experimento, relato experimental, afirmativa observacional ou bem corroborada hipótese falsificadora de nível médio pode, isoladamente, provocar a falsificação. Não há falsificação antes da emergência de uma teoria melhor, que deve oferecer alguma novidade, um excesso de informação se comparada à sua predecessora e possibilitar a confirmação desta informação. Trata-se, não mais de encontrar uma série de anomalias, após inúmeros testes, mas de justificar uma instância verificável de excesso - este é o modo crucial e decisivo de falsificação. Como lembra Lakatos, 'exemplum docet, exempla obscurant'.

A ciência se dá pela proliferação de teorias rivais e não através de contra-exemplos ou anomalias.

Lakatos refuta portanto a 'crise' provocada por uma anomalia na proposta de Kuhn, porque as teorias proliferam antes das teorias aceitas serem 'refutadas', pois a ciência procura substituir qualquer hipótese (e não apenas a 'falsificada'), por outra melhor. (27)

A honestidade justificacionista demandava que nada fosse aceito que não estivesse provado. A honestidade neo-justificacionista demandava a especificação da probabilidade de qualquer hipótese à luz da evidência empírica. A honestidade do falsificacionismo ingênuo demanda o teste do falseável, e a rejeição do infalseável. Finalmente, a honestidade do falsificacionismo sofisticado demanda que se observe as coisas, através de diferentes pontos-de-vista, para adiantar novas teorias que an

(27) For the naive falsificationist science grows through repeated experimental overthrow of theories; new rival theories proposed before such 'overthrows' may speed up growth but are not absolutely necessary; constant proliferation of theories is optional but not mandatory. For the sophisticated falsificationist proliferation of theories cannot wait until the accepted theories are 'refuted' (or until their protagonists get into a Kuhnian crisis of confidence). While naive falsificationism stress 'the urgency of replacing a falsified hypothesis by a better one', sophisticated falsificationism stresses the urgency of replacing any hypothesis by a better one'. I. Lakatos (1970:121)

tecipam novos fatos e refutar teorias que tenham sido ultrapassadas por outras mais poderosas. O falsificacionismo metodológico sofisticado é o resultado da reunião de várias tradições diferentes. Do empirismo herdou a determinação de aprender primariamente, a partir da experiência, dos kantianos tomou a abordagem ativista da teoria do conhecimento e dos convencionalistas aprendeu a importância das decisões, em metodologia.

O justificacionismo era indutivista. O empirismo popperiano realiza a conexão inseparável entre o caráter empírico e o progresso teórico, pois uma teoria antecipa novos fatos. A explanação para Popper é anti 'ad hoc' e refere-se a evidências que serão produzidas depois da teoria. O convencionalismo subsiste na postura de Popper, na medida em que, é impossível evitar decisões sobre que tipos de proposições são 'observacionais' ou 'teóricas', ou sobre o valor-de-certeza de algumas 'proposições observacionais'.⁽²⁸⁾

A posição popperiana torna impossível a racionalidade instantânea, o súbito aprendido. A racionalidade é algo construído. Lakatos afirmaria, (Ob. Cit. 1970:174), 'I also hope I have shown that the continuity in science, the tenacity of some theories, the rationality of some theories, the rationality of a certain amount of dogmatism, can only be explained if we construe science as a battleground of research programmes rather than of isolated theories'.

Tais programas de pesquisa antecipam não apenas novos fatos, mas também novas teorias. Isto, segundo Lakatos, demonstra a fraqueza de dois tipos de teorização, aparentemente bem diferentes, o marxismo e o freudismo, pois apesar de contarem com um conjunto de teorias auxiliares que absorvem as anomalias são incapazes de antecipar novos fatos, pois não fazem parte de um programa de pesquisa genuíno.

Assim, para Lakatos, o dogmatismo da 'ciência normal' não impede seu crescimento, pois a ciência normal só se torna degenerada, no momento, em que elimina, sob condições objetivamente definidas, alguns programas de pesquisa.

A atitude dogmática na ciência que é descrita por Kuhn, como a principal característica da ciência normal, é socio-psicológica, enquan

(28) The clash between Popper e Kuhn is not about a mere technical point in epistemology. It concerns our central intellectual values, and has implications not only for the theoretical physics but also for moral and political philosophy. If even in science there is no other way of judging a theory but by assessing the number, faith and vocal energy of its supporters, then this must be even more so in the social sciences: truth lies in power.
Imre Lakatos (1970:93)

to para Lakatos é normativa. Onde Kuhn vê paradigmas, Lakatos e, certamente, Popper vêem programas de pesquisa dotados de racionalidade.

Watkins afirmou que o crescimento da ciência é indutivo e irracional para Hume, indutivo e racional para Carnap, não indutivo e racional para Popper e Lakatos acrescenta, não-indutivo e irracional para Kuhn. Para Kuhn, o novo paradigma traz uma racionalidade, totalmente, no va e incomensurável à de seu antecessor. Lakatos, ('The Problem of Inductive Logic', 1968:271).

Kuhn não demonstrou, apenas, as tristes verdades da psicologia da ciência como Lakatos afirmou, mas, sem dúvida, o comportamento do sujeito epistêmico, ou seja, não o comportamento da mente do cientista individual, mas da mente da comunidade científica. Não se trata da mera superposição da psicologia individual pela psicologia social, como quer Lakatos, mas de um dos componentes do trabalho científico, o sujeito em relação ao objeto científico, visto através da análise epistemológica.

Feyerabend ('Consolations for the Specialist', in Lakatos, Ob. Cit. 1970:211) acrescentaria que a ciência é uma síntese entre duas descobertas. Primeiro, contém a descoberta de Popper, de que a ciência avança pela discussão crítica de pontos-de-vista alternativos. Segunda-mente, contém a descoberta de Kuhn, da função da tenacidade, a qual ele interpretou, erroneamente, como referida a períodos. A síntese consiste na afirmativa de Lakatos de que a proliferação e a tenacidade não pertencem a períodos sucessivos na história da ciência, mas são sempre co-presentes. (29)

Feyerabend sugere, de acordo com Lakatos, que a relação correta é de simultaneidade e interação. Podendo-se falar em componente normal da ciência e componente filosófico da ciência e não em períodos normais e períodos revolucionários. (30) Feyerabend, apenas discorda de

(29) Let me now present in its entirety the picture of science which I think should replace Kuhn's account. This picture is the synthesis of the following two discoveries. First it contains Popper's discovery that science is advanced by a critical discussion of alternative views. Secondly, it contains Kuhn's discovery of the function of tenacity which he has expressed mistakenly I think, by postulating tenacious periods. The synthesis consists in Lakatos's assentation (which is developed in his own comments on Kuhn) that proliferation and tenacity do not belong to successive periods of the history of science, but are always copresent.
P. Feyerabend (1970:211)

(30) I shall therefore speak of the normal component and the philosophical component of science and not of the normal period and the period of revolution.
P. Feyerabend (1970:212)

Lakatos, quanto à distinção entre teoria e programas de pesquisa que lhe parece uma distinção ociosa. A síntese proposta por Lakatos parece a Feyerabend mais humanitária, mais isenta de um cientificismo estreito. Mas, a tese da incomensurabilidade das teorias proposta por Kuhn é integralmente, aceita por Feyerabend.⁽³¹⁾

A questão proposta por Kuhn, não é a de se há limites para a razão, e sim onde estes limites estão situados. Estarão estes, fora da ciência, de tal modo que a ciência permaneça, inteiramente, racional, ou as mudanças irracionais são parte essencial do mais racional empreendimento humano ?

Feyerabend e Kuhn concordam em que a substituição de uma teoria por outra envolve, tanto ganhos, como perdas.

John Urry surpreende-se de que tenha havido pouco debate sobre a obra de Kuhn no campo da sociologia (Ob. Cit. 1973:462). Urry distingue as reações à obra de Kuhn entre os cientistas sociais, em radicais e não-radicais. A reação não radical aceita o fato de que a sociologia para desenvolver-se deve livrar-se da sua situação pré-paradigmática, onde o trabalho é feito em todo o tipo de níveis e significâncias e acompanhado de uma neurose metodológica excessiva. É essencial estabelecer um paradigma sociológico. A primeira reação radical, por seu turno, deseja uma revolução, ou revoluções, na sociologia, o mais rápido possível, presumindo que estamos num período de ciência normal e que é preciso substituir o atual paradigma, por um novo, mais crítico ou dialético. A segunda reação radical presume que os diversos paradigmas existentes na sociologia envolvem linguagens teóricas e observacionais diferentes e que podemos criar ainda outros paradigmas que serão diferentes. Mas, certamente, não piores que seus antecessores. Esta é a posição de Lakatos e Feyerabend em 'Criticism and Growth of Knowledge' de 1970.

Urry procura demonstrar que estas três posições baseiam-se em certos desentendimentos da obra de Kuhn e que todas são derivadas da crença falaciosa de que o que é verdade para as ciências naturais, também é verdadeiro no campo do desenvolvimento sociológico.

(31) With the discussion of incommensurability, I come to a point of Kuhn's philosophy which I wholeheartedly accept. I am referring to his assertion that succeeding paradigms can be evaluated only with difficulty and that they may be altogether incomparable, at least as far as the more familiar standards of comparison are concerned (they may be readily comparable in other respects). I do not know who of us was the first to use the term 'incommensurable' in the sense that is at issue. It occurs in Kuhn's 'Structure of Scientific Revolutions' and in my essay 'Explanation, Reduction, an Empiricism' both of which appeared in 1962. I still remember marvelling at the pre-established harmony that made us not only defend similar ideas but use exactly the same words for expressing them.
P. Feyerabend (1970:219)

O primeiro argumento supõe que a sociologia encontra-se em vias da consolidação de um paradigma. O que leva Urry a indagar-se do caráter prescritivo ou descritivo da noção de paradigma na obra de Kuhn. Ou seja, bastará esperar a consolidação de um paradigma que fatalmente irá ocorrer, ou Kuhn estará prescrevendo esta consolidação.

Os outros dois argumentos também perdem seu poder diante da impossibilidade de um consenso sobre o estágio atual da sociologia.

A primeira razão para supor que o modelo de desenvolvimento científico apresentado por Kuhn é inadequado às ciências sociais reside na natureza do paradigma kuhniano e nos aspectos do anti-positivismo na sociologia. A noção de paradigma exige que o mesmo esteja centrado numa comunidade científica de especialistas e o anti-positivismo em sociologia requer que não sejam feitas distinções entre as diversas especialidades sociológicas. E mais ainda, que o estudo sociológico possua uma base ontológica que busque o homem situado na história.

A segunda razão é derivada da primeira. Kuhn argumenta que o interior de um paradigma apresenta uma unidade de leis, teoria, aplicação, técnicas e instrumentos e que nas ciências naturais as anomalias só podem ser explicadas 'ex post facto'. A Urry parece ser difícil aceitar a possibilidade de se trabalhar um paradigma sociológico em grande extensão e ainda conviver com anomalias.

A razão principal da rejeição da noção de paradigma na sociologia advem para Urry desta disciplina não ser um sistema fechado.

Os dois problemas críticos envolvidos pela sociologia do conhecimento são, o significado ontológico de seu objeto, que preocupou a Durkheim e o relativismo epistemológico das conclusões sociológicas, objeto dos de Weber e Mannheim. Quanto ao primeiro problema Kuhn não distingue entre os diferentes tipos de objetos sociais que podem influenciar os cientistas, pois a comunidade acadêmica não é o amálgama indiferenciado que Kuhn supõe. Ao contrário, é estratificada, diferenciada e relacionada a diversas outras comunidades. E kuhn está, talvez, errado, ao supor que tal comunidade reage 'in toto'. Contudo, a posição de Kuhn não deixa de ser, intrinsecamente, sociológica, ao preocupar-se em examinar qual a natureza do grupo científico. O que valora, o que tolera, o que desdenha. Como bem lembra John Urry, 'The production of knowledge is a struggle for power'. (Ob. Cit. 1973:469).

Urry traça ainda uma comparação entre a revolução kuhniana e a marxista, pois ambas subordinam-se ao mecanismo crucial da produção. No

capitalismo a mais-valia é criada por uma classe e apropriada por outra, sob uma lei de lucros decrescentes que conduz à superprodução. Quais seriam os mecanismos explicativos das crises científicas? Talvez constituam-se numa classe menos privilegiada no interior de um paradigma que radicaliza a prática científica ao expor problemas não solúveis pelo paradigma, mas isto, não foi explicado por Kuhn.

Portanto, se a contribuição de Kuhn fosse realmente uma sociologia do conhecimento deveria possuir uma explanação da genese do conhecimento. Compreendendo uma análise das relações entre ciência e sociedade, entre a ciência e os diferentes grupos que compõem a sociedade.

Quanto à preocupação epistemológica, a obra de Kuhn é ambigua, pois não acredita na ciência como crescente aproximação da verdade do conhecimento do mundo exterior, limitando-se à explanação de seleção social das idéias existentes. E desde que Kuhn não dá conta da genese dos diferentes paradigmas, sua contribuição participa dos quadros do relativismo. Entretanto, a sociologia do conhecimento deve a Scheler, Mannhein, Berger e Luckmann e Kuhn, algumas de suas mais importantes perspectivas.

Israel Scheffler, (Ob. Cit. 1972:366), indicou o abandono de antigas referências a sistemas lógicos, evidencias observacionais, simplicidade teórica e testabilidade experimental por conversão, fé, decisão e morte na obra de Kuhn. As novas categorias metafóricas do trabalho científico são, 'vision and revolution'. Ao que Scheffler argumenta, apontando a incongruência filosófica destas metáforas entre si. Começando pela visão, Kuhn assimila a mudança teórica a uma reorganização da visão. A metáfora da revolução significa a explicitação do conflito teórico. Para Scheffler, entretanto, é incongruente se falar de conflito, quando se trata apenas de modos de ver o mesmo objeto. Aplicando-se esta noção híbrida ao processo científico, estaremos enfatizando o intuitivo e espontâneo e não, a interpretação racional e deliberacional da ciência. Esta combinação metafórica de visão e revolução perpétua um velho erro filosófico que consiste em aceitar pontos de vista como julgamentos e incentivar uma filosofia elitista e autoritária. 'In sum, vision may perhpes appropriately serve as a metaphor for comprehension of a paradigm or theory, though not for its testing and acceptance or rejection'. (Ob.Cit. 1972:374).

Tema IV :

A Epistemologia Marxista.

Uma característica central da epistemologia marxista está na tentativa de relacionar os fundamentos do conhecimento às características fundamentais da espécie humana. Em 'Knowledge and Human Interests', (1971), Habermas aceita esta abordagem geral, mas argumenta que Marx errou ao considerar apenas uma característica humana, ou seja, o trabalho. Para Habermas, existem três formas de conhecimento, das quais apenas uma, envolvida pelas ciências empírico-analíticas, pode ser referida a esta característica. As outras duas formas compõem as ciências histórico-hermeneuticas e a auto-reflexão. Habermas propõe que cada uma das formas de conhecimento é constituída por uma forma de interesse. Existem três interesses que são respectivamente, o técnico, o prático e o emancipatório.

Habermas afirma que as ciências empírico-analíticas que incluem as ciências naturais, a economia, sociologia e ciência política procuram atingir o conhecimento nomológico, interessadas no controle técnico e na dominação da realidade natural e social. Estas ciências nos fornecem a informação que é necessária para a atividade instrumental racional controlada. Em primeiro lugar, Habermas entende por interesse técnico, não o interesse do cientista na manipulação de leis, mas a vocação humana para o trabalho, para a atividade produtiva, como característica essencial. Esta atividade gera um interesse específico no controle técnico. Para Habermas, este conceito de interesse não é puramente empírico ou puramente transcendental. Não se refere a ações reais, mas também, não é uma categoria filosófica. Em segundo lugar, o interesse técnico forma o conhecimento em dois níveis, primeiro ao fornecer os critérios sobre o que é 'real', ou seja, o que pode ser detectado, mensurado, percebido. Segundo, o interesse técnico determina o caráter dos padrões empregados para aceitar ou rejeitar proposições científicas, como por exemplo, os critérios de falsificação. Para Habermas, só através, do interesse técnico é possível entender as limitações impostas às ciências empíricas.

Existem, além das ciências empíricas, duas outras formas de conhecimento com seus próprios critérios de validade e realidade. Uma destas formas, é constituída pelas ciências histórico-hermeneuticas que são constituídas pelo interesse prático que advém da comunicação interativa, característica essencial da espécie humana. Os objetos destas ciências são os significados inter-subjetivos, seus critérios de validade são de interpretação. A terceira forma de conhecimento deriva do interesse por autonomia e responsabilidade, que é essencial na espécie humana, conduzindo à auto-reflexão e à teoria crítica.

A crítica central de Habermas ao positivismo é centrada na sua incapacidade de fornecer explicações epistemológicas de sua genese. Pois, os positivistas lógicos afirmam que todas as afirmações ou são empíricas (sintéticas) ou a priori (analíticas), ou sem significado. Enquanto, para Habermas, o conhecimento filosófico envolve a auto-reflexão examinando as relações entre os interesses técnico e prático e suas respectivas formas de conhecimento, o que o positivismo não compreende, uma vez que aboliu a forma filosófica de conhecimento. A linguagem pode ser usada, para Habermas, como descritiva, postulatória, estabelecendo um conjunto de procedimentos ou regras e crítica ao justificar a escolha de padrões. E algumas ciências podem ter um conteúdo de conhecimento empírico analítico e histórico-hermeneutico, como é o caso da psicanálise. Para Habermas, a teoria crítica da sociedade não mantém com o interesse emancipatório uma relação simétrica que caracteriza, tanto a ciência empírica, quanto a hermeneutica com relação a seu interesse. Ao contrário, a teoria crítica envolve estas duas outras formas de conhecimento, consciente da natureza distinta destas formas e orientada por valores emancipatórios peculiares à auto-reflexão e que tornam a auto-consciência metodológica possível.

Mais especificamente, a teoria crítica da sociedade deverá indagar sobre o entendimento interpretativo, pelos métodos histórico-hermeneuticos, do sistema de crenças e modos de comunicação presentes numa sociedade, segundo sua avaliação crítica com referência às normas de um discurso ideal, incluindo a investigação, pelos métodos empírico-analíticos, dos determinantes causais destas formas de comunicação e crenças, e seu afastamento das normas que podem ser justificadas pela auto-reflexão e a argumentação crítica.

A crítica que se pode fazer a Habermas, é de que a natureza das ciências empírico-analíticas, tal como sua obra a descreve, é essencialmente, positivista, pois o objeto de tais ciências é para Habermas, perceptível, manipulável, o conhecimento é nomológico, e as ciências sociais, economia, sociologia e ciência política, são sistemáticas.

E Keat e Urry, (Ob. Cit. 1975:227), se perguntam sobre a possibilidade de conciliar numa teoria crítica o entendimento interpretativo e a explanação causal, dois irreconciliáveis componentes.

Na realidade, não existe uma epistemologia propriamente marxista, mas uma proposta epistemológica dialética, cuja fundamentação repousa na contradição do real.

Os problemas suscitados por uma epistemologia marxista serão

melhor analisados no capítulo Ideologia e Ciência. Por ora, importa determinar que os marxistas privilegiam o relacionamento do homem ao real pela mediação da tecnologia. Assim sendo, é perfeitamente possível a existência de um critério de demarcação entre ciência e outras formas de atividade humana. Tais critérios, como veremos, podem ser encontrados na obra de Gramsci e de Althusser.

Gramsci observou que, na física de Eddington e, em muitas manifestações da ciência moderna, a surpresa advém da constatação de que as palavras que significam fenômenos determinados são, arbitrariamente, utilizadas para designar fenômenos, absolutamente diversos.

Para Gramsci, estamos diante de uma fase transitória e inicial de uma nova época científica, produtora de uma grave crise moral e intelectual e cujos sofismas incorporaram-se ao desenvolvimento da filosofia e da lógica contemporânea, contribuindo para refinar os instrumentos do pensamento, e criar uma nova 'linguagem'.

Ségundo Gramsci, a questão mais importante levantada pelo conceito de ciência é a seguinte : a ciência pode, e se a resposta for positiva, de que modo, dar certeza da existência da realidade, dita exterior? Vemos que está sendo proposta uma questão ontológica, a qual sabemos, tem sido recusada por todas as epistemologias contemporâneas. Gramsci reconhece que para o senso comum a questão não existe. Pois, a prova da certeza da realidade de um mundo exterior advém, essencialmente, da religião, como forma ideológica. Gramsci, também admite ser possível sustentar que é errado demandar à ciência a prova da objetividade do real, por que esta objetividade reintroduz uma concepção filosófica de mundo, a qual não é suscetível de verificação científica.

Gramsci, reconhecendo a susceptibilidade da epistemologia moderna preocupa-se em indagar qual deva ser o 'apport' da ciência na investigação e solução do problema do real. Para tanto, vê o trabalho científico como possuindo duas características fundamentais. Primeiramente, a ciência corrige, continuamente, o modo do conhecimento, retificando e reforçando os órgãos sensoriais e elaborando princípios de indução e dedução, cada vez mais complexos, afinando os instrumentos da experiência e o seu controle. Em segundo lugar, aplica este conjunto instrumental - (material e mental) para distinguir o que é arbitrário, individual e transitório, do que é geral, universal, e dotado de condições de validade ou certeza.

Objetividade significa, precisamente, isto. Ou seja, isolar como realidade objetiva, aquela que é verificada e independente do pon-

to-de-vista de indivíduos ou grupos. Mas, Gramsci enfatiza que nos fundamentos basilares desta concepção de objetividade, vamos encontrar, sem qualquer dúvida, uma concepção particular de mundo, uma ideologia.

Todavia, e isto é de uma importância crucial, esta concepção de objetividade científica, em seu conjunto e por sua direção, pode ser aceita pela filosofia do 'praxis'. Enquanto, a concepção de senso comum deve ser, fortemente rejeitada, porque não tem condições de estabelecer causalidades, além das mitológicas.

Vemos, portanto, que segundo Gramsci, as verdades científicas não são definitivas ou peremptórias. A Ciência é, em si mesma, uma categoria histórica, um movimento em contínuo desenvolvimento, o qual não exclui determinados objetos de conhecimento, mas os torna dependentes do desenvolvimento de instrumentos físicos e da inteligência histórica dos homens de ciência.

Sendo, assim, o interesse da ciência não reside tanto na objetividade, quanto no aperfeiçoamento dos instrumentos de pesquisa e dos instrumentos lógicos de discriminação e verificação. O que interessa à ciência é o relacionamento do homem ao real pela mediação da tecnologia.

Toda a vez que efetuamos a disjunção entre sujeito e objeto, homem e natureza, atividade e matéria, caímos em abstrações vazias. Gramsci, como podemos notar, acaba por aceitar os pressupostos clássicos da epistemologia moderna, que são, advirta-se logo, dialetizantes, porque se ocupam de relacionamentos entre julgamentos existenciais e objetividade científica.

Em suas análises da obra de Marx, Althusser preocupou-se em separar atividade teórica de práticas sociais específicas, através da caracterização das formas de produção.

Althusser distinguiu quatro tipos de produção. Econômica, política, ideológica e científica, todas autônomas e estruturalmente homólogas. Cada uma transforma uma dada matéria prima num produto, por meio do trabalho humano. Correspondendo, a cada um dos tipos de produção, existe uma forma social de prática específica. A validade da prática científica, como oposta à prática ideológica, advém de sua independência quanto a valores, perspectivas e interesses de qualquer grupo ou classe social.

A prática científica é conduzida teoricamente, e o único interesse em jogo é o interesse interno do conhecimento. (Pour Marx, 1966: 163).

Althusser objeta o empirismo que assume uma variedade de posições epistemológicas. As três características principais do empirismo - são, tomar como ponto de partida da prática teórica o que é observável e concreto, entender que o conhecimento consiste na extração da essência - deste objeto real, através da abstração e finalmente, construir modelos que representem a essência do que foi abstraído das características inessenciais do concreto. Althusser argumenta contra a confusão existente - nesta postura entre o objeto do conhecimento e o objeto real. Retornando a distinção marxista entre aparência e realidade ou essência, Althusser afirma que esta distinção não é realizada a nível do real ou do concreto, tal como acreditava Marx, porém resulta da diferença entre o objeto real e o pensamento objeto. O objeto real, as sociedades capitalistas, é aparência, o pensamento-objeto, sua realidade ou essência. Isto faz da análise marxista do capitalismo uma teoria não ao nível dos objetos reais, mas sim, preocupada com a produção de conhecimento do pensamento-objeto.

Para evitar o relativismo, Althusser confere ao conhecimento científico uma posição independente da base e da super-estrutura.

Portanto, no marxismo, Althusser considera isomorficas, apenas, as estruturas de relações sociais das produções econômica, política e ideológica, mas não da produção científica.

O que torna a abstração 'científica' é precisamente, o fato de que ela designa uma realidade concreta que certamente existe, mas que é impossível ver ou tocar.

Para Althusser, existe uma real dicotomia entre o objeto do conhecimento e o objeto real'.

A idéia de um círculo que é o objeto real e que não pode ser confundido com um outro círculo, que é o objeto de conhecimento, embora interessante, apenas aflora a problemática científica e seu interesse - maior apenas reside em ser uma postura que parte do interior do marxismo e examina a questão da determinação do econômico, procurando isentar desta determinação a ciência. Isto certamente, aproxima Althusser de Mannheim. O conceito de estrutura é central para a epistemologia marxista.

Piaget em 'Le structuralisme' (Paris, 1968), afirma que uma estrutura compreende três características, totalidade, transformação e auto-regulação. Uma estrutura é um sistema de transformações que comporta leis sistêmicas (por oposição às propriedades dos elementos) e que se conserva e enriquece por meio destas transformações sem ultrapassar suas

fronteiras ou apelar às forças externas. A noção de transformação é essencial para a definição de uma estrutura real. Esta noção permite excluir do estruturalismo todas as formas de formalismo, ou seja, de teorias não empíricas que se apoiam em formas ou essências, de Platão a Kant. A noção de transformação implica em leis de composição que permitam definir as operações, no interior de uma estrutura. Tais leis são estruturantes de uma realidade, já estruturada. No marxismo, por exemplo, a contradição capitalista é a lei de composição. Outro caráter essencial da estrutura é auto-preservar-se. Assim, dois elementos de uma estrutura postos em relação por uma lei de composição geram um terceiro elemento estável dentro da estrutura.

No modo de produção capitalista, os elementos da estrutura são de uma parte a classe capitalista e doutra parte a classe assalariada. A totalidade advém do fato de que as classes estão numa relação de complementaridade, em função dos meios de produção e do capital (Relação entre mais valia e trabalho não-pago). A auto-regulação advém do fato de que estas relações são recorrentes no modo de produção capitalista. A contradição com a lei de composição está constituída na estrutura e constitui a estrutura. Sendo a premissa epistemológica básica.

O estruturalismo enquanto analisa o sistema definido pelo conjunto de estruturas ligadas por certas leis não se distingue de um positivismo. Para que seja possível uma revolução, no sentido marxista, é necessário que se constitua uma contradição entre duas estruturas, em particular entre as relações de produção e as forças produtivas. Esta mesma lei, torna-se interna num segundo nível e o problema consiste em encontrar uma lei externa à estrutura global, cuja necessidade se impõem diante do problema de transformação das estruturas. Se uma estrutura se mantém estável em razão de sua lei de composição interna, como é possível explicar as revoluções? Se uma lei que é desestruturante para o primeiro nível é estruturante para o segundo. O cisma que separa a dialética hegeliana do marxismo é exatamente este. O marxismo nega que exista uma lei externa que não possa ser, senão interna a uma estrutura de todas as estruturas, o que conduziria a um sujeito único transcendental.

Com efeito, Hegel não considera senão a contradição interna da estrutura, que evidentemente pelo princípio de auto-regulação encontra sua solução no interior da estrutura. Para Hegel a coesão é uma capacidade que se for perdida levará a destruição desde o interior do sistema.

Em virtude da posição hegeliana, o marxismo tem que admitir que toda a genese parte de uma estrutura para chegar a outra e reciprocamente que toda a estrutura tem uma genese. Assim, as estruturas se sucedem temporalmente e o momento em que se forma uma estrutura constitui sua genese. Mas, o marxismo propõe uma ruptura epistemológica. A nível do econômico.

Paradoxalmente, a determinação dialética marxista do particular como algo que é ao mesmo tempo singular e geral reforça os pressupostos metodológicos reducionistas. Adorno, (La Disputa del Positivismo en la Sociologia Alemana, 1973:50), concluiria que a visão dialética da sociedade favorece mais à micro sociologia que o positivismo, porque este admite 'in abstracto' o primado do ser individual, contudo, passa rapidamente, por isto, com uma pressa intertemporal.

A conclusão sobre a possibilidade de superação de abordagens redutoras, quer a nível micro, quer a nível macro, não parece derivar da escolha entre os paradigmas metodológicos existentes. Mas, de uma opção alternativa que busque encontrar as interligações entre estes dois níveis de análise, dispondo-se para tanto a enfrentar os problemas metodológicos surgidos no interior do positivismo, do estruturalismo, da dialética. Enfim no interior de qualquer paradigma que possibilite a produção científica.

Não é possível negar que toda a epistemologia moderna é dialtizante, de Popper a Piaget. Contudo, parece-nos que as epistemologias genéticas ainda são incipientes, oferecendo pouca possibilidade de combinação de análises diretas, formalizantes e análises histórico-críticas, cuja necessidade deriva, essencialmente, da dialética da genese e estrutura. Portanto, a proposta epistemológica marxista permanece a nível de discurso sem aprofundar as mediações entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Tema V :

Epistemologia e Metodologia - Conclusões.

A filosofia da ciência de século XX, e particularmente, a tradição positivista utilizam a distinção entre teoria e observação não apenas para analisar o sentido e a aceitabilidade de teorias singulares, mas também, aplicam esta distinção para analisar as razões da escolha de uma teoria dentre as diferentes teorias em competição. Até, recentemente, assumia-se tacitamente, que em virtude dos significados dos termos teóricos de qualquer teoria serem, parcialmente, determinados pelos termos de observação comuns entre diversas teorias, seria possível compará-las sempre que contivessem o mesmo vocabulário observacional. Neste caso, a preferência por uma teoria seria dada pelo maior grau de confirmação. No caso do significado e da aceitabilidade o vocabulário observacional possibilitaria a solução dos problemas de comparabilidade.

Nos últimos anos, ocorreu a mudança de ênfase, que tornou os problemas da comparabilidade o foco central da filosofia da ciência. Isto decorre do fracasso dos esforços sucessivos de clarificar a distinção entre teoria e observação e das radicalizações de alternativas no cerne desta questão. A objeção, mais contundente, afirma que os termos observacionais não são tão neutros como se supõe na tradição empiricista e positivista.

Paul Feyerabend, 'Problems of Empiricism', in R. Colodny, (ed.) 'Beyond the Edge of Certainty', 1965:180 declara que os significados dos termos dependem do contexto teórico, no qual ocorrem - 'Theories are meaningful independent of observations; observational statements are not meaningful unless they have been connected with theories ... It is therefore the observation sentence that is in need of interpretation and not the theory'.

A abordagem de Feyerabend, e Kuhn tornou suspeita a distinção entre conceitos científicos e meta-científicos que caracterizava o programa e o método clássico da filosofia da ciência. O problema torna-se, identificar o que é parte de uma teoria. Dudley Shapere, 'Toward a post-positivistic interpretation of science', in Achinstein e Barker, (eds.) 'The legacy of logical positivism', afirma 'There is today no completely - one is almost tempted to say remotely - satisfactory analysis of the notion of a scientific theory'.

A perplexidade sobre o status ontológico das entidades teóricas pode ser atribuída, em parte, ao fato do problema ser formulado sobre a distinção entre observação e teoria, e a partir das 'regras de interpretação' e das 'regras de correspondência'.

O problema do status ontológico sofre uma inversão radical - com Kuhn e Feyerabend. Agora é a teoria que determina o significado e a aceitabilidade da observação.

A filosofia da ciência, já encontra razões para distinguir entre os modos de existência ou não de entidades e as razões de tratá-las, sabendo que não são, realmente, como são tratadas. 'An important aspect of the comparability of competing theories lies in their dealing with the same entities (formely called theoretical) rather than merely in some shared observational vocabulary', Shapere, idem.

Um dos mais importantes problemas da filosofia da ciência é o da ampliação do conhecimento. A posição popperiana nega o operacionismo, segundo o qual, as teorias não passam de 'instrumentos' que nos capacitam a deduzir certos fenômenos, partindo de outros fenômenos. Não admite que as leis e as teorias sejam simples regras ou instruções que permitam deduzir enunciados específicos, a partir de outros enunciados particulares. Esta posição, em filosofia da ciência, rejeita, também o essencialismo, para o qual o cientista procura descrições verdadeiras, teorias verdadeiras e, em que as melhores teorias descrevem a natureza essencial das coisas, e são explicações últimas para o que acontece no mundo. Segundo Popper, é possível que existam as essências, mas esta crença em si mesma, não auxilia o pesquisador a encontrar suas 'regularidades verdadeiras'. Para Popper, as teorias são genuínas conjecturas - suposições, altamente, informativas que não podem ser verificadas que não podem ser confirmadas, mas que podem ser submetidas a severos testes. Tais testes podem revelar a incompatibilidade da teoria, quando confrontada ao real percebido, o que ocasiona o abandono da teoria, a partir de novas conjecturas. Neste contexto, a proliferação de teorias é altamente desejável, porque nunca é possível atingir a certeza e estabelecer, em definitivo, que uma teoria é verdadeira.

Feyerabend parte das idéias de Popper, todavia, apontou nas concepções popperianas um 'nucleo empírico' discutível que precisa ser eliminado, a saber, a suposição de que haja uma linguagem observacional neutra capaz de servir para submeter a teste as diferentes teorias. Semelhante objeção constitui, também, o foco central das críticas de Kuhn.

Segundo Feyerabend a concepção tradicional de Carnap e Hempel acolhe uma espécie de 'empirismo radical' que foi assimilado por Popper e que parte do pressuposto de que as teorias devem ser preservadas enquanto, altamente, confirmadas, num dado campo do saber humano. Tais teorias só devem ser abandonadas se os fatos revelarem suas limitações.

O empirismo radical exige da ciência o afastamento de teorias conflitantes, sendo o modelo hempeliano de explanação a versão altamente formalizada do empirismo radical. Decorre desta versão que apenas dois tipos de teorias são admissíveis, em um dado campo de pesquisa - as teorias que contenham outras teorias, já utilizadas e acolhidas neste campo e as teorias que se mostram compatíveis com as teorias já anteriormente, aceitas.

Isto, segundo Feyerabend, implica em dois pressupostos gerais - a condição de compatibilidade e a condição de invariância - do significado. As teorias são, assim, não apenas, compatíveis entre si, como pressupõem a estabilidade básica dos seus termos.

Feyerabend procura ressaltar a ilegitimidade destes pressupostos ao combater o empirismo radical, em seu trabalho, 'Problems of Empiricism', em 'Beyond Edge of Certainty', Colodny (Ed.).

Para Feyerabend, em nossos dias, o empirismo está no centro de inúmeras produções intelectuais. E mesmo, no campo filosófico, foi elaborado em grande detalhe e precisão. Existe na ciência de nosso tempo uma clara preferência pelo procedimento observacional. A popularidade do empirismo deveria ter desenvolvido argumentos para indicar, porque as observações devem ser privilegiadas. Entretanto, claramente, não existe unanimidade nesta argumentação. A observação não surge com o empreendimento científico. Existiu sempre uma aliança estreita entre o experimental e a faculdade racional. É quase impossível omitir do discurso mítico, filosófico, ou mesmo de senso comum toda a referência a observações. A situação paradoxal é que, não obstante a proclamação de fé no procedimento observacional, a ciência moderna desmente isto, se atentarmos para o fato de que várias formas de empirismo são partes de teorias mais amplas e só são sustentáveis pelos princípios destas teorias.

O empirismo radical, preso aos fatos, torna-se uma doutrina monista, argumentando-se que conduz à eliminação de evidências críticas, reduzindo o conteúdo empírico da teoria que quer proteger. Levando mesmo ao dogmatismo, que pode ser descrito com certeza pelos procedimentos da ciência 'normal' de Kuhn.

Feyerabend afirma que a luta pela tolerância, que caracterizou as vidas dos primeiros cientistas, ainda necessita ser travada. A tentativa de vencer o dogmatismo deve partir de uma formulação metodológica que seja empírica, mas que não seja radical. Neste caso, o pluralismo teórico torna-se a característica essencial de todo o conhecimento que pretenda objetividade. Alternativas devem ser descobertas para tratar ,

novamente, problemas científicos 'resolvidos', de modo mais detalhado.

As afirmativas observacionais não são semanticamente diferentes de outras afirmativas contingentes. As diferenças, se existirem, são psicológicas ou fruto das circunstâncias físicas de sua produção. Esta posição chamada de teoria pragmática da observação foi formulada por Popper, mas seus desenvolvimentos posteriores ficaram bloqueados. A teoria pragmática nega que exista qualquer assimetria entre observação e teoria (afirmativas observacionais eliminam teorias, teorias não eliminam afirmativas observacionais). As técnicas de pesquisa contém elementos convencionais, nunca conduzem a resultados únicos, mas deixam alternativas em aberto, e assumem uma bem definida linguagem observacional que não pode ser usada para definir uma linguagem observacional. 'The idea that a simple look can decide the interpretation of an observacional expression is therefore not only unrealistic; it is impossible in principle'. (Ob. Cit. pg. 204).

Portanto, a justificação metodológica do pluralismo de teorias está em que a pluralidade permite a produção de críticas mais agudas do que as derivadas das suposições de que os fatos são dados independentemente das considerações teóricas, uma vez que a alternativa iluminará o tratamento factual e sua adequação. A função dos problemas metafísicos, também, não deve ser desprezada, pois a ciência que se libertou de toda a metafísica está a caminho de tornar-se, metafisicamente, dogmática.

Os sistemas filosóficos explícitos, ou implicitamente, na forma de regras de linguagem, propõem uma ontologia, defendendo-a, ou pela referência à observação empírica, ou, através, de argumentos teóricos. Tais argumentos filosóficos (com a possível exceção da dialética) são, invariavelmente, circulares, girando em torno dos princípios aceitos e de suas conseqüências, portanto, é preciso, também, escolher um ponto fora do sistema ou da linguagem, através de uma alternativa teórica. A exigência do monismo teórico e a conseqüente exigência da invariância do significado bloqueia a solução de todos os problemas que derivam da incoerência interna de um sistema científico.

Teorias são elaboradas para criticar resultados observacionais. E o conflito entre pontos metafísicos e observacionais é uma boa indicação de maturidade científica. É interessante pensar, até que ponto, isto ocorre nas ciências sociais. A comparação entre ciências sociais e físicas ou naturais pode partir de distinção feita por Paul Feyerabend dos três momentos do empirismo. O primeiro é dado pelo paradigma aristotélico, o segundo é o empirismo clássico dos sécs. XVII, XVIII e XIX, e o ter

ceiro, é o do séc. XX. O primeiro período e o terceiro foram marcados pelo acordo quanto ao modo de construir teorias. O segundo viveu uma espécie de esquisofrenia, entre o que se propagava e o que era realmente feito. A impressão é de que, no segundo momento, a ciência progredia pela acumulação de fatos e mais fatos. Quando, na verdade, uma teoria como a de Newton transcendia a observação empírica. Mas, ninguém objetou, na época, a descrição idealizada dos experimentos newtonianos.

Tal situação demonstra a elasticidade da doutrina do empirismo, 'and the superb talent of empiricists to pretend that they are doing one thing when they are doing something very different'. (Ob.Cit.pg.159).

As teorias, no segundo período, eram aceitas porque se acreditava que fossem fatos, e os 'fatos' eram rejeitados, porque não se ajustavam à teoria. Kant, em sua teoria do conhecimento, reconheceu os elementos teóricos contidos na argumentação empírica da física clássica e discutiu sua influência sobre os resultados observacionais, suas críticas foram continuadas por Einstein e Popper. Contra esta argumentação Bohr, Kramers e Heisenberg da Escola de Copenhagem opuseram a física quântica que eliminou as partes da física clássica que estavam além da experiência, considerando-as metafísica.

Nas ciências sociais, uma posição semelhante foi adotada por Otto Neurath, economista e sociólogo do Círculo de Viena, que não considerava a si mesmo, senão como um crítico do movimento, apesar do intenso intercâmbio com alguns dos mais influentes positivistas lógicos.

Neurath possuía uma concepção de ciência social que era, basicamente materialista, sem ser contudo um marxista dogmático. Opunha-se radicalmente à metafísica. A sociologia estritamente científica deveria descrever o comportamento social, os costumes, os modos de vida e produção em afirmações puramente fisicalísticas. As ciências sociais empíricas deveriam criar uma linguagem fisicalista unitária. Diante da ciência social já existente Neurath recomendava que as sentenças não redutíveis a afirmações observacionais fossem interpretadas como metafóricas e transformadas em afirmações observacionais, evitando-se assim o emprobrecimento do texto. Como já vimos, o fisicalismo considerado pelos positivistas lógicos como superior ao fenomenalismo, procura estreitar, ainda mais, o critério de significado, pois o critério mais amplo simplesmente qualificava uma sentença como tendo significado empírico se ao menos, em princípio, fosse testável por meio dos dados observacionais ou protocolares descrevendo achados observacionais potenciais. A tese fisicalista procura

demonstrar que para qualquer sentença de uma ciência empírica existe uma sentença na linguagem física que implica as mesmas sentenças observacionais e tem o mesmo conteúdo. Pela tese fisicalista, duas sentenças que implicam as mesmas sentenças protocolares, tem o mesmo conteúdo, podendo ser traduzidas uma na outra, o que conduz Otto Neurath a afirmar que as sentenças que atribuem características psicológicas ou sociológicas são análogas em seu caráter lógico a sentenças referentes ao mundo físico.

São perceptíveis as influências desta postura metodológica sobre o operacionalismo, o behaviorismo e o dedutivismo a partir de leis empíricas. Se a observação é feita com o objetivo de favorecer uma teoria segue-se que o julgamento objetivo e imparcial de uma teoria não existe. As sentenças observacionais, só tem um significado especial nos quadros da teoria semântica da observação. As duas correntes que se opõem a esta estão consubstanciadas pelo princípio pragmático do sentido (o sentido de uma sentença observacional é dado pelo seu uso) e pelo princípio fenomenológico do sentido (sentido de uma sentença observacional é dado por um complexo de experiências e percepções). Na realidade, nenhum destes princípios ou teoria responde, satisfatoriamente, à questão da invariância do significado, que é o resultado da convenção, quaisquer que sejam os fatos. O significado de um termo observacional e o fenômeno subjacente são coisas inteiramente, distintas. Fenômenos não determinam significados. Portanto, toda a argumentação da complexidade social ou histórica cai por terra. A simples transição para a teoria pragmática da observação reverte as posições, na relação entre teoria e observação. O significado das sentenças observacionais é dado pela teorização. É a sentença observacional nas ciências sociais, como nas demais ciências, que necessita interpretação.

A teoria da explanação no empirismo está baseada em duas condições restritivas - a condição de consistência e a condição de invariância do significado com relação às teorias anteriores. O monismo teórico é um fato histórico e foi, justamente, a pluralidade de 'teorias sociais' que suscitou o debate sobre a existência de uma ciência social, propriamente dita. Mas, também, é verdade que princípios metodológicos não podem ser justificados por outros fatos históricos que falem a favor da violação de condição de invariância do significado e da condição de consistência. É necessário, se quisermos defender a cientificidade dos procedimentos sociológicos, examinarmos, em detalhe, o princípio da autonomia que assegura serem as descobertas científicas e a descrição dos fatos independentes da teorização, ao afirmar que os fatos pertencem ao

conteúdo empírico de uma teoria quer sejam consideradas ou não as alternativas desta teoria. Na realidade Feyerabend está nos dizendo que fatos e teorias estão muito mais intimamente conectados do que o princípio da autonomia admite. Portanto, a unidade metodológica a que nos devemos referir quando discutindo questões de teste e conteúdo empírico é constituída de teorias mutuamente inconsistentes, sugerindo um pluralismo teórico, na base de qualquer procedimento de teste. Esta crítica de Feyerabend à teoria de explanação no empirismo oferece ao sociólogo maiores perspectivas que a posição de Kuhn, pois, se a criação de alternativas teóricas constitui parte essencial do trabalho, no interior do método empírico, a condição de consistência ao eliminar alternativas, não apenas, está contrariando a prática científica, mas o próprio empirismo, impossibilitando os testes de validação de teorias, porque limita o campo teórico numa diminuição do conteúdo empírico de uma teoria e sobretudo, porque diminui o número de fatos que podem ser apresentados como limitadores numa situação de teste.

Em suma, a condição de consistência delimita a variedade dos 'fatos', contém um elemento teleológico que reside na adoração de apenas alguns 'fatos' e não é compatível com as necessidades de amplitude do conteúdo empírico na situação de teste. É mais do que óbvio, que a teoria de explanação do empirismo não se ajusta ao conceito de teste de falsabilidade popperiano. Entretanto, o chamado 'núcleo empírico radical' da posição popperiana permanece, porque Popper não aceita a incomensurabilidade das teorias. Feyerabend está nos lembrando que os significados dependem do contexto teórico, em que são utilizados. Para o cientista social esta posição é extremamente atraente, pois a metodologia proposta demanda o uso de teorias, mutuamente inconsistentes e parcialmente sobrepostas, também demanda que em razão do uso de sistemas conceituais mutuamente irreduzíveis o significado dos termos conceituais seja deixado elástico e sem compromissos absolutos. O que conduz a uma reinterpretação mesmo das mais convencionais afirmativas observacionais. A flexibilidade em questões semânticas é uma condição de progresso científico.

O problema da indução torna-se, nesta interpretação, um pseudo-problema. O papel da observação na escolha de teorias foi, drasticamente, reconsiderado por Feyerabend. Usualmente, considerou-se que a observação e a experiência desempenhavam um papel teórico produzindo a sentença observacional que em virtude de seu significado, determinado pela natureza da observação, podia julgar teorias. O que Feyerabend propõe é que cada teoria possui sua própria experiência e que não há superposição

destas experiências.

O apelo à ciência não nos pode ajudar, porque as técnicas científicas contém formulações derivadas de uma linguagem observacional convencional. Desta forma, apenas as teorias de alcance médio partilham entre si afirmações observacionais. As grandes teorias, preocupadas com a natureza básica do universo ou da sociedade não partilham uma única sentença observacional. Privados, neste caso, do experimento 'crucial' inventamos uma teoria, ainda mais geral, que as anteriores, examinando estas teorias à busca de conexões ou interpretações mais diretas dos resultados observacionais, ou adotamos a teoria pragmática da observação, escolhendo a teoria que contenha sentenças observacionais mais condizentes com o nosso comportamento.

Isto poderia levar à argumentação de que a observação é impossível e a ciência empírica uma quimera. Tal argumentação entretanto pode ser vencida, se entendermos a condição de variância do significado teórico como a exigência de um ponto fora do sistema para testar a consistência interna de um sistema. As proposições teóricas seriam, assim, falseáveis por ruptura entre sistemas teóricos, que responderiam pelos conteúdos empíricos.

..*.*.*.*.*

II - Ideologia e Ciência

Marx's treatment of ideology and ideologues has certain symptomatic silences. It possesses a 'dark secret' in which the existence of the secret itself lays hidden.

Having focussed its analysis on what is hidden in other theories and in bourgeois society, marxism may seem to some the embodiment of a healthy candor that has no secrets of its own. The accuser, of course, classically diverts attention from his own guilt by accusing another. That his accusation has this self-protective function, however, does not mean that it was intended to do so, nor does it mean that his accusation is untrue.

Alvin W. Gouldner
'Marxism and Social Theory
Theory and Society, 1(1974)
17-35

Tema I : Considerações introdutórias

No dizer de Popper, a sociologia do conhecimento pode ser considerada uma versão hegeliana da teoria do conhecimento de Kant. - Neste sentido, pode ser entendida como um prolongamento da crítica - Kantiana à teoria empiricista de Hume, procurando demonstrar que o conhecimento não é uma coleção de doações de nossos sentidos, mas construção ativa de nossa razão. Hegel procurou demonstrar que a razão - Kantiana não era autônoma, mas dependente da história. A sociologia do conhecimento sofre, ainda, a influência de Marx. O qual, em oposição à Hegel, procurou demonstrar as contradições entre as ideologias totais, num dado momento histórico.

Hegel acreditava ser a síntese de filosofias rivais. O marxismo propõe, também, uma síntese, após a superação do domínio econômico na sociedade. E a sociologia do conhecimento, herdeira do esforço dialético, proporá a possibilidade do conhecimento advindo de uma 'intelligentsia' capaz de evitar os desvios das ideologias totais.

A popularidade destas visões foi bem destacada por Popper e resulta da satisfação que confere a todos os que procuram ver, através de processos conhecidos, justificações ocultas. Este prazer seria inócuo, não fosse o fato de que é capaz de destruir as bases intelectuais de qualquer discussão, ao estabelecer, na expressão de Popper, 'a reinforced dogmatism'. Tais métodos, não obstante seu fascínio, - destroem as bases racionais da discussão epistemológica, conduzindo, em última instância, ao irracionalismo e ao misticismo.

Qualquer crítica ou análise, que tenha sua origem na vertente dialética das ciências sociais, deve ser contraposta ao entendimento dos aspectos sociais do conhecimento, ou seja, do método científico como instituição. Porque é impossível confundir o sujeito do conhecimento com a figura do pesquisador individual, desde que a ciência, ou o conhecimento, não é um mero processo na mente ou 'consciência' do cientista.

Se a objetividade do conhecimento estivesse baseada na inparcialidade pessoal do cientista poderíamos considerá-la, sem nenhuma dúvida, uma utopia. Contudo, a objetividade científica está fundada no método científico e, ironicamente, a objetividade na ciência decorre, exatamente, dos aspectos sociais do método científico, da intersubjetividade institucional deste método. Inexplicavelmente, o aspecto institucional da ciência foi bem pouco tratado na sociologia do conhecimento. Mesmo para Karl Mannheim, a comunidade científica e

suas regras permanecem quase como um dado. A ciência está dotada de um aspecto público inegável, e isto torna possível sua refutação ou corroboração. A objetividade científica surge da liberdade institucionalizada de uma crítica permanente. A imparcialidade do cientista individual não é a fonte, e sim, o resultado da objetividade científica institucionalizada.

A sociologia do conhecimento, surgida a partir da dialética de Hegel, adota a postura do realismo histórico, afastando-se da corrente que lhe é oposta, o nominalismo social.

As duas grandes correntes nas ciências sociais podem ser denominadas, realismo individual, (nominalismo social) e realismo social, - (nominalismo individual). A primeira corrente adota os pressupostos metodológicos do individualismo, e possui muito pouca disposição para debater as questões postas pela sociologia do conhecimento. Mesmo as correntes fenomenológicas, de origem claramente dialética, ao aceitarem as explicações do nominalismo voluntarista, recusam admitir o determinismo da consciência. Durkheim e Marx continuam muito impopulares nesta tradição do pensamento sociológico. O realismo psicológico caracteriza esta corrente baseada numa teoria da natureza humana. A segunda corrente se fundamenta numa teoria da história, portanto, num nominalismo psicológico.

A principal crítica que se faz à sociologia do conhecimento está na sua total dependência de uma 'verdade existencial' que obriga ao negligenciamento do conceito de 'verdade científica', reintroduzindo os aspectos metafísicos que a metodologia científica contemporânea tem procurado eliminar do seu campo de atuação.

Outro fato inegável, decorre da associação flagrante do método científico ao realismo psicológico individualista e, portanto, ao nominalismo social. O realismo histórico social e existencial tem desempenhado um papel de crítica à ciência, mas não tem contribuído, particularmente para a produção científica. Neste sentido, Durkheim surpreende-se com o conceito de anomia. Weber propõe, mas não elucida, o problema da burocratização do mundo, e Mannheim discute a preponderância da racionalidade funcional sobre a racionalidade substantiva. Profecias, extases, dicotomias, quase especulações. Todas, certamente, o resultado da etapa final do liberalismo europeu. Todas incapazes de cunhar um método científico isento de ambiguidades.

Parece-nos ineludível que duas tarefas essenciais defrontam a sociologia do conhecimento. A primeira tarefa consiste na proposição de uma teoria histórico-crítica da sociedade. A segunda consiste na formulação de uma teoria geral das ideologias. As duas tarefas são imensas. Por

tanto, não deve surpreender o fato de que as tentativas já propostas para a formulação de uma teoria de sociedade e de uma teoria das ideologias tenham sofrido críticas monumentais e devastadoras. Mesmo o exame perfunctório dos conceitos elementares de anomia e alienação demonstra que estão fundados em concepções, diametralmente opostas do homem e da sociedade.

A alienação assume uma interpretação imanente, enquanto a anomia pressupõe uma interpretação transcendente. Assim, a sociedade pode ser uma extensão do homem ou uma entidade que lhe é superior. O problema ideológico assume diferentes visões de mundo, sendo o produto de fricções de classes sociais, ou constrangimentos impostos aos indivíduos.

Na filosofia da ciência contemporânea e, sobretudo na solução popperiana, a objetividade científica surge do consenso de uma intersubjetividade regrada. Portanto, a questão dos valores que permeiam o trabalho científico, não é negada, mas, perde sua extraordinária relevância absorvida numa 'prática' da objetividade.

Cabe à sociologia do conhecimento questionar esta prática. Nada justifica uma postura pro-irracionalidade, pro-subjetividade, ou anti-científica. A ciência opera num contexto dinâmico de intersubjetividade. Não existe necessariamente, um conflito entre a sociologia do conhecimento e a metodologia científica. O estudo da determinação histórica do pensamento tem convivido com o teste das proposições científicas.

Contudo, é importante enfatizar que a demonstração dos fatos históricos limitantes do pensamento e da teorização, em nada, absolutamente, em nada, contribue para a elucidação do problema crucial da validação epistemológica. O qual foi e continua sendo, um problema estritamente filosófico. Ultrapassando a questão do relacionamento entre as idéias e as condições históricas de seu surgimento, e enfrentando a questão crucial do relacionamento entre as proposições científicas e a realidade. Na sociologia, em geral, as proposições epistemológicas e meramente sociológicas estão estreitamente ligadas. Talvez, a obra de Durkheim seja a que oferece uma delimitação mais visível entre os dois níveis.

A separação entre o nível epistemológico e o nível substantivo deve, contudo, estar sempre presente, nas preocupações surgidas das questões originárias do problema ideológico, e nas questões de formulação de uma teoria de sociedade que não seja macro ou micro redutora.

Tema II :

A dialética.

A crítica de Hegel voltou-se contra a decomposição do conhecimento, em sujeito e objeto, concebendo-os como o resultado de uma mediação recíproca. E nos domínios das ciências sociais provem do sistema hegeliano a possibilidade de que os conhecimentos sejam frutíferos, sem a exclusão do sujeito, e sim em virtude de seu supremo empenho. (1)

A reflexão atravessa todos os polos que Kant havia contra-posto, entre si, (forma e conteúdo, natureza e espírito, teoria e praxis, liberdade e necessidade, coisa em si e fenómeno). Cada uma destas determinações requer por si mesmo o outro momento que em Kant se lhe contrapunha. E, se, em Kant, não é possível nenhum mundo - 'constitutum' - sem as condições subjetivas da razão - 'constituens' - em Hegel, nenhum 'constituens' pode existir que não tenha sido abstraído de algo não meramente subjetivo, do mundo.

Em Hegel, a contradição, proibida pela lógica, se converte em órgão do pensar, na verdade do 'logos'. E, desde então, está desenvolvendo a crítica ao positivismo científico que em sua ingenuidade confunde os fatos e os números e objetivação mais abstrata e exterior às coisas, com o seu porque. A coisificação de ciência resulta numa objetividade meramente subjetiva produto de uma sociedade burguesa coisificada e racionalizada, onde a razão se assenhorou da natureza. (2)

A quimera da imediatidade do mundo e do sujeito, produto da racionalidade extremada, só é vencida pelo método dialético. (3)

-
- (1) Dass im Bereich der sogenannten Gesellschaftswissenschaften, überall dort, wo das Objekt selber durch "Geist" vermittelt ist, die Fruchtbarkeit der Erkenntnis nicht durch die Ausschaltung des Subjekts sondern vielmehr kraft dessen höchster Anstrengung, durch all seine Innervatinen und Erfahrungen gerät - diese Einsicht die heute erst den widerstrebenden Sozialwissenschaften durch die Selbstbesinnung abgezwungen wird, stammt aus dem Systemzusammenhang Hegels.
T. Adorno (1963:19)
- (2) Dass die Wissenschaft sich weniger um das Leben der Sachen bekümmert als um deren Vereinbarkeit mit ihren eigenen Spielregeln, motiviert den Hegelschen Begriff der Verdinglichung: was sich als unantastbare, irreduktible Wahrheit geriert, ist bereits Produkt einer Zurüstung, ein Sekundäres, abgeleitetes.
T. Adorno (1963:89)
- (3) Der Schopenhauerianer Richard Wagner hat im Parsifal jene Erfahrung Hegels auf die taciteische Formel gebracht: die Wunde schliesst der Speer nur, der sie schlug.
T. Adorno (1963:90)

Segundo Adorno, na filosofia hegeliana a crítica do conhecimento se transforma em autoconsciência, pois, ainda que neste sistema sejam equivalentes entre si, razão e realidade, sujeito e objeto, o método dialético confronta qualquer realidade com seu próprio conceito, com sua racionalidade. (4)

A concepção de contradição dialética, de totalidade antagônica desloca a posição hegeliana do idealismo absoluto. Pois, anunciando a identidade entre sujeito e objeto no espírito inspirou-se, justamente, na não-identidade no singular - "Das Einzelne für sich entspricht einem Begriffe nicht; diese Beschränktheit seines Daseyns macht seine Endlichkeit und seinen Untergang aus". (Hegel - 'System der Philosophie', I-423). (5)

O real para Hegel resulta da identidade entre o universal e o particular. O conhecimento não se dá ao nível individual, singular, por insuficiência desta mesma singularidade. O conhecimento transcende, sempre, a individualidade, surge da contradição de uma sociedade de antagonismos e não é um esquema mental, meramente inventado. O pensamento de ve assumir estas oposições na doutrina da racionalidade do real. (6)

-
- (4) Die Universalität der Negation ist keine metaphysische Panazee, der alle Türen sich öffnen sollen, sondern einzig die zum Selbstbewusstsein gediehene Konsequenz aus jener Erkenntniskritik, welche die Panazeen zerschlug
T. Adorno (1963:93)
- (5) Der Nerv der Dialektik als Methode ist die bestimmte Negation. Sie basiert auf der Erfahrung der Ohnmacht von Kritik, solange sie im Allgemeinen sich hält, etwa den kritisierten Gegenstand erledigt, indem sie ihn von oben her einem Begriff als dessen blossen Repräsentanten subsumiert. Fruchtbar ist nur der kritische Gedanke, der die in seinem eigenen Gegenstand aufgespeicherte Kraft entbindet; für ihn zugleich, indem sie ihn zu sich selber bringt, und gegen ihn, insofern sie ihn daran mahnt, dass er noch gar nicht er selber sei.
T. Adorno (1963:96)
- (6) Der Hegelsche Begriff von Dialektik empfängt seine spezifische Temperatur und unterscheidet sich von lebensphilosophischen Verflachungen wie der Diltheys durch eben den Zug der Bewegung durch die Extreme hindurch: Entwicklung als Diskontinuität. Auch die aber entspringt in der Erfahrung der antagonistischen Gesellschaft, nicht im bloss erdachten Denkschema. Die Geschichte des unversöhnten Weltalters kann nicht die harmonischer Entwicklung sein: dazu macht sie bloss die Ideologie, welche ihren antagonistischen Charakter verleugnet. Die Widersprüche, ihre wahre und einzige Ontologie, sind zugleich das Formgesetz derselbst bloss im Widerspruch, mit unäglichem Leid fortschreitenden Geschichte.
T. Adorno (1963:98)

O não-idêntico e desconhecido se transforma, merce do conhecimento, em idêntico e o não-conceitual em conceito de não-identidade. A insistência na negatividade, na discórdia e na não-identidade só alcança sua dimensão na identidade.

Para Adorno o elemento reacionário esteve sempre unido ao relativismo que repetindo um fato comum na história da filosofia transformou as categorias epistemológicas em categorias morais. O mesmo parece ter ocorrido com o absolutismo fenomenológico-lógico. A dialética se opõe a estes posicionamentos, não através de uma posição de meio termo, mas penetrando nos extremos e demonstrando sua falsidade.

A dialética, enquanto idealista, foi também, filosofia da origem. Hegel a comparou com um círculo em que o resultado do movimento volta à sua origem, anulando-se. Deste modo, devia produzir-se a identidade de de sujeito e objeto, sem solução de continuidade. Para Adorno, a polaridade sujeito-objeto parece, uma estrutura dogmática na qual deve realizar-se toda a dialética. Ao contrário, contudo, os dois conceitos são categorias de reflexões produzidas, fórmulas para algo incomponível, nem positivas, nem conteúdos primários, mas absolutamente negativos: o único - que expressam é a diferença. Nem o sujeito é, na verdade, totalmente, sujeito, nem o objeto, totalmente, objeto, porém, tampouco, são pedaços arrancados de um 'tertium' que os transcederia. O pensamento identificante é subjetivista.

A dissimetria do conceito de mediação faz com que o sujeito esteja no objeto de uma forma totalmente distinta a de como este está naquele. O objeto só pode ser pensado por meio do sujeito, porém, se mantém frente a este, sempre como um outro. Em contrapartida, o sujeito, já por sua própria natureza, é antes de tudo, também objeto. O sujeito é impensável mesmo como idéia, sem um objeto, ao contrário, este o é sem aquele. Subjetividade significa, também objeto, mas não vice-versa. Não que a objetividade seja algo imediato, ou que se deva adotar a postura do realismo ingenuo. O predomínio do objeto refere-se à progressiva diferenciação qualitativa do mediado em si, uma componente da dialética. Um indício da preeminência do objeto é a impotência do espírito em todos os seus juízos, quanto à organização da realidade. O espírito é verdade e aparência.

Não se trata, apenas, da 'reductio ad hominem' mas, da proposição inversa 'reductio hominis'. O sujeito é uma forma tardia de mito e contudo, a 'mais antiga forma'. Esta transição, em direção a prioridade do objeto converte a dialética em materialismo. Daí advem, a simpatia do materialismo pelo nominalismo como sua resposta polêmica ao idealismo.

Por sua vez, a idéia de uma verdade objetiva converte, necessariamente, a dialética materialista em filosofia. Ao contrário, a sociologia do conhecimento nega, tanto a estrutura objetiva da sociedade, como a idéia da verdade objetiva e do conhecimento dela, reduzindo a teoria da ideologia à doutrina subjetiva dos ídolos. Assim, a sociologia do conhecimento é incapaz de produzir uma teoria crítica da sociedade e uma teoria geral das ideologias. Ambas tão essenciais ao alargamento das proposições nas teorias nomológicas e tão necessárias à ampliação das teorias organizacionais.

Existiu sempre uma oposição entre verdade e erro no cartesianismo. E bem antes no platonismo. O iluminismo procurou demonstrar a oposição entre conhecimento e ignorância. Mas, é com o marxismo que surge a oposição entre ideologia e ciência. Louis Althusser em, 'Eléments d'auto-critique', 1974:42, apontaria a ambiguidade do conceito de ideologia, tal como aparece em, 'A Ideologia Alemã', "où elle joue, sous une seule appellation indifférenciée, deux rôles différents, celui d'une catégorie philosophique d'une part (illusion, erreur), et celui d'un concept scientifique d'autre part (formation de la superstructure").

Louis Althusser, em sua autocritica, penitencia-se de ter querido defender o marxismo contra a ideologia burguesa, demonstrando sua novidade revolucionária, apenas, a nível teórico. Ao demonstrar a ruptura epistemológica observável nas obras de Marx, a partir de 1845, aceitando - com este conceito de ruptura epistemológica uma interpretação racionalista que opõem verdade e erro, numa espécie de oposição especulativa entre ciência e ideologia. Esta redução racionalista especulativa, retirando deste fato histórico sua dimensão social, política, ideológica e mesmo teórica, o empobrece.

É claro que, após o surgimento da 'Ideologia Alemã', surge uma nova teoria científica, seu centro teórico gira em torno do conceito de 'Verkehrsverhältnisse', que por sua vez gira em torno de um conceito ainda ausente, mas que virá com a ampliação da teoria, o conceito de relações de produção.

'En fait, sous une forme souvent très indécise, malhabile - dans la recherche de son nouvel objet et de sa terminologie, ou même profondément prise dans les anciennes catégories philosophiques, et comme tremblant de venir au monde, quelque chose de radicalement nouveau surgit bel et bien dans la théorie: pour la première fois, sans précédent, et, pouvons le dire avec le recul du temps, sans retour', (ob. cit. 1974:19).

Mesmo nas ambiguidades e hesitações da 'Ideologia Alemã', - existe uma aglutinação de conceitos teóricos de base, pelos quais se procurará, em vão, nos textos anteriores de Marx. Althusser identifica, nes

te momento, o surgimento do paradigma marxista, pois neste momento, conceitos novos adquirem um sentido e uma função, ainda inéditos na teoria. Tais conceitos apresentam maior riqueza interna se comparados aos tripé conceitual da essência humana/alienação/trabalho alienado, dos "Manuscr^{itos} de 1844", os novos conceitos de relações de produção, classe dominante/classe dominada, ideologia dominante/ideologia dominada, luta de classes, ao custo de uma longa elaboração, formam agora as bases de uma teoria científica que permite a colocação de problemas reais da história - concreta, sob a forma de problemas científicos, e que sobretudo, permitem a sua retificação regrada.

Althusser crê que a nova ciência que se desenvolve é 'fora do comum', é uma ciência revolucionária, mas, que fornece como as demais ciências um conhecimento objetivo. Em 1847, na 'Miséria da Filosofia', Marx, já sobre um novo terreno científico, denunciara os pseudo-conceitos científicos da ciência burguesa. O surgimento do marxismo se dá como fruto de uma realidade complexa. Althusser dirá da nova teoria, 'Elle en sort au sens ordinaire: entendons qu'elle ne naît pas de rien mais de tout un travail de gestation, complexe, multiple, troué d'éclairs - parfois, mais obscur et aveugle, car 'il ne sait pas ou il tend, ni, si jamais il aboutit, ou il va déboucher. Elle naît du concours imprévisible, incroyablement complexe et paradoxal, mais nécessaire en sa contingence, d'éléments idéologiques, politiques, scientifiques (relevant d'autres sciences), philosophiques, etc., qui, à um moment 'découvrent' mais - après coup, qu'ils se cherchaient, puisqu'ils se rencontrent sans se reconnaître dans la figure théorique d'une science naissante. C'est en ce premier sens qu'une science sort de sa préhistoire, comme tout ce qui vient au monde, des atomes aux vivants et aux hommes y compris le code - de leur reproduction génétique'. (ob, cit. 1974:28).

Para Althusser, somente, é possível defender a ciência marxista, a ciência revolucionária, a sua teorização, nos quadros da posição materialista dialética e jamais aceitá-la como ciência a partir dos quadros positivistas ou especulativos.

'Nous avons donc le droit, et le devoir, comme l'ont fait tous les Classiques, de parler de théorie marxiste, et, au sein de la théorie marxiste, d'une science et d'une philosophie: sous réserve de ne tomber en rien dans le théoricisme, dans la spéculation, ou dans le - positivisme'. (ob. cit. 1974:35)

Ou seja, para Althusser, a ruptura epistemológica no marxismo, não se dá a nível puramente teórico, mas também em virtude de condições sociais, políticas, ideológicas e filosóficas. E não, apenas, em termos racionalistas de ciência e não-ciência. A ruptura marxista não se

dá, apenas, com a ideologia geral, mas, especificamente, com a concepção do mundo burgues dominante. É, portanto, uma ruptura de classe, uma ruptura política.

Voilà l'événement qui, derrière la scène rationaliste de l'opposition entre la 'vérité positive' et l'illusion idéologique, - donnait à cette opposition sa dimension historique véritable'. (ob. cit. 1974:45).

Para o marxismo não interessa, ao menos, na leitura althusseriana, a simples diferença entre a ciência e a ideologia, nem é importante sustentar uma prática científica disvinculada de uma luta de classes no plano político.

Althusser reconhece seus primeiros ensaios, 'Pour marx' e 'Lire le Capital', como resultados de um desvio racionalista especulativo e mesmo de um 'flirt très ambigu avec la terminologie structuraliste', (- ob. cit. 1974:60). A linha de demarcação entre o estruturalismo e o marxismo pode ser traçada a partir da utilização de conceitos, por Marx, como estrutura, elementos, função, Träger (portadores), relações, determinações, formas e formas transformadas, deslocamento, etc. numa combinação (Verbindung) não-formal, pois tais conceitos são utilizados em limites muito precisos e estão submetidos a outros conceitos que definem seus limites de validade, conceitos de processo, contradição, tendência, limite, dominação, subordinação, etc.

Na realidade, podemos dizer, como Althusser, que o marxismo se distingue do estruturalismo, pelo primado do processo sobre a estrutura. Mas, isto apenas, não tornaria o marxismo distinto, por exemplo, do behaviorismo. Esta distinção apenas vai se dar, quando o marxismo afirma o primado da contradição sobre o processo, e sobretudo, a linha de demarcação é traçada, quando a ciência marxista, política e filosoficamente - parte da construção de uma revolução.

Se considerarmos possível incluir no problema da demarcação a questão dos pressupostos filosóficos da ciência, então a posição de Althusser pode, perfeitamente, ser aceita e incorporada.

Assim, torna-se crucial a afirmação de Althusser, 'Quant à l'opposition science/idéologie, j'en ai assez pour qu'on comprenne qu'il faille renoncer sans égard à la figure rationaliste-spéculative de sa généralité, pour la retravailler d'un tout autre point de vue, ce qui ne peut manquer de la faire éclater dans les éléments du proces complexe de la production des connaissances, ou se combinent les conflits de classe des idéologies pratiques, les idéologies théoriques, les sciences existantes et la philosophie'. (ob. cit. 1974:96).

A luta de classes produz efeitos teóricos, note-se bem, não apenas ideológicos. Neste sentido a ruptura registra os sintomas e os efeitos do surgimento histórico de uma nova ciência, evento que é explicado pelo concurso de condições materiais, técnicas, sociais, políticas e ideológicas. Althusser acrescentaria, 'Et parmi ces conditions, il faut, en certain cas, et d'une manière incontestable dans le cas de Marx, - retenir au tout premier rang, l'intervention des positions théoriques de classe, ou ce qu'on peut appeler l'intervention de l'instance philosophique'. (ob. cit. 1974:98).

Althusse propõem que a filosofia marxista é, em última instância, luta de classes na teoria científica como prática social. Não se
do possível admitir uma concepção puramente epistemológica do surgimento
da ciência marxista, mas sim analisar como determinada conjunção ideológi-
ca-teórica pode produzir uma disjunção científica, uma ruptura, o surgi-
mento de um novo paradigma científico.

Tema III :

Karl Mannheim.

Karl Mannheim deixou uma obra que contem, nitidamente, duas fases. A primeira, escrita em alemão vai de 1922, data de sua tese doutoral - 'Die Strukturanalyse der Erkenntnis-theorie' a 1929, data da aparição da primeira edição de 'Ideologie und Utopie'. A segunda fase transcorre na Universidade de Londres para onde Mannheim se transferiu após 1933, os artigos deste período foram reunidos em 'Man and Society in an Age of Reconstruction', de 1940 e 'Diagnosis of our time', de 1944.

A primeira fase na Alemanha transcorreu sob influência de Werner Sombart e dos irmãos Weber, Alfred e Max. A composição da sociologia do conhecimento pode ser, assim descrita: marxismo (através da influência das obras de Marx e Lúkacs), neokantismo (através da obra de Weber e Heinrich Rickert) e fenomenologia (sob influência de Scheler e Husserl). No período inglês, as influências marcantes foram o behaviorismo, Kurt Lewin, Mead, Karen Horney.

Para compreender o sentido das palavras ideologia e utopia em Mannheim é necessário remontar à criação do termo ideologia por Destutt de Tracy, em 'Mémoire sur la Faculté de Penser', (1796-1798) e em 'Projet d'Eléments d'Ideologie', (1801), designado a ciência que tinha por objeto o estudo das idéias, no sentido geral de fatos da consciência. Seu caráter, suas variações e relações com os sinais que representam estes fatos.

Todos os ideólogos franceses participaram da Académie des Sciences Morales et Politiques (de Tracy, Degérando, Volney, Garat, Sieyès, Guinguené, Cabanis, Lamoriguière).

Tendo participado do '18 Brumário', passaram à oposição e Napoleão os denominou ideólogos.

A ideologia tinha para seu fundador a função de reencontrar a unidade do conhecimento, identificando-se a filosofia primeira, e sendo totalmente distinta da metafísica.

Os esforços de Mannheim, que sucedem aos de Marx, procura redefinir o termo ideologia. Da obra de Marx, Mannheim retomou três significações do conceito de ideologia: produção de idéias, de representações da consciência, imediatamente, aplicadas às atividades materiais (linguagem, direito, política); doutrinas elaboradas para a justificação consciente de um sistema de idéias, (religião, filosofia, doutrinas políticas); e finalmente, falsas ilusões que os homens fazem de si mesmos.

Mannheim transforma estas formas em duas concepções - a concepção particular e a concepção total de ideologia. Apenas, a concepção de ideologia total constitui a matéria da sociologia do conhecimento. A concepção particular de ideologia analisa as constelações de interesses, as motivações, as atitudes, enquanto a concepção total estabelece as correspondências entre uma situação social e as formas de conhecimento. A

concepção particular está baseada no individualismo metodológico, colocando-se num plano psicológico. Parece a Paul Kahn analista da obra de Mannheim que esta distinção acentuada entre ideologia particular e total não foi mantida na fase inglesa.

O termo utopia foi empregue, pela primeira vez, por Sir Thomas More, em 1516, para designar uma ilha distante que abrigava uma comunidade ideal. Marx e Engels chamariam a Morelly, Babeuf, Saint-Simon, Fourier, Cabet e Owen, socialistas utópicos. Em Mannheim, o termo toma significação estritamente sociológica, designando um tipo particular de mentalidade, a mentalidade utópica. Isto é, processo de pensamento que recebe sua impulsão, não da força direta da realidade social, mas de conceitos como, símbolos, ficções, sonhos, idéias não-existentes. Ou seja, que não correspondem ao sistema de relações pessoais, econômicas, políticas de uma sociedade.

Ideologias e Utopias são, situacionalmente, determinadas, no sentido de que não podem ser interpretadas, senão diante de uma situação social. Mas o que explica sua genese, não pode explicar porque seu conteúdo ultrapassa a conjuntura histórica, pois a ideologia e a utopia são situacionalmente transcendentais, no sentido de irreais em relação à ordem social, e à estrutura econômico-social e política existente. Tendendo, portanto, a transformar a realidade. O caráter de distorção das ideologias se aproxima da noção de falsa consciência ('falsches Bewusstsein') de Marx. Próxima, desta noção, está a de perspectiva, criada por Marx Scheler, e que depende da posição social dos indivíduos. Na dualidade mannheimiana entre ideologia e utopia se inter-penetraram as noções de situação, falsa consciência e perspectiva.

A obra de Mannheim permite extrair toda uma tipologia de ideologias, utopias, símbolos e mitos.

Paul Kahn, (ob. cit. 1950:156), distingue três tipos de ideologias, na obra de Mannheim. Normas de pensar que não correspondem mais a situação presente, fenômenos de alteração das relações que envolvem interpretações incorretas do papel próprio e alheio, e finalmente, formas de conhecimento ou conduta moral que não mais possibilitem a compreensão do mundo atual. As utopias são quatro, a anabatista, o humanitarismo, o conservadorismo e o social-comunismo. A estes 4 tipos ideais, Mannheim reuniu o fascismo.

Em 'Man and Society', Mannheim afirmou que é no estado de insegurança inorganizada, rica em possibilidades incalculáveis, o estado de experimentação geral, psicológica e emocional e de declínio de nossa crença nas instituições, costumes e tradições que as ideologias são desmascaradas e a validade dos princípios estabelecidos é posta à prova.

Convinha lembrar, entretanto, o perigo da auto-ocultação ideológica descrito por Marx e característico destas fases revolucionárias. Esta questão poderia fornecer subsídios para o estudo da elite intelectual mannheimneana.

A posição filosófica implícita, em sua obra, não é a do relativismo histórico, e sim, a do relacionismo, procurando-se determinar o critério de objetividade, através, da síntese de perspectivas. A objetividade, só é acessível, de uma maneira indireta. Mannheim acreditava na elaboração espontânea desta síntese, que ao final, conduziria a uma utópica síntese absoluta, a ser realizada pela Intelligentsia ('freischwebende Intelligenz').

A concepção particular de ideologia é um fenômeno intermediário, entre a simples mentira e o erro resultante de um aparato conceitual distorcido. 'In diesem Sinne der Auslegung kann man bis zu einem gewissen Grade in Bacons Lehren von den Idolen eine Verahnung der modernen Ideologiekonzeption sehen. Für Bacon bedeuten Idole 'Götzenbilder', 'Vorurteile' und es gibt bei ihm (wie bekannt) die: idola tribus, idola specus, idola fori, idola theatri", (Mannheim, I. und U., 58).

A concepção total, ainda embrionária, de ideologia surge no iluminismo. Desde então, o mundo enquanto 'mundo', somente existe com referência à mente que conhece. O sujeito não é o indivíduo concreto, - 'sondern auf ein fingiertes 'Bewusstsein überhaupt'. (Ob. cit., 62).

A consciência em si é, totalmente abstrata, supra-temporal e supra-social. O elemento original decisivo, para Mannheim, do conceito total de ideologia surge com Hegel e os historicistas. 'Die Historische Schule, aber noch mehr Hegel, gehen bereits davon aus, dass das Weltbild eine Einheit und nur auf das Subjekt bezogen konzipierbar sei'. (Ob. cit. 62). A noção de classe aperfeiçoaria, ainda mais a concepção total de ideologia. Com a emergência da formulação genérica da concepção total de ideologia, a teoria simples da ideologia evolui para a Sociologia do Conhecimento. Esta é um tipo historicamente, transitório de Epistemologia que afirma que todo o conhecimento é relacional. Ao contrário, o relativismo resulta da discrepância entre condições de existência e modos de pensamento, e teoria do conhecimento estática, 'Es gilt in diesem historischen Augenblick, wo alle Dinge plötzlich transparent werden und die Geschichte ihre Aufbauelemente und Strukturen geradezu enthüllt, mit unserem wissenschaftlichen Denken auf der Höhe der Situation zu sein, - denn es ist nicht ausgeschlossen, dass allzubald - wie dies schon in der Geschichte öfter der Fall war - diese Transparenz verschwindet und die Welt zu einem einzigen Bilde erstarrt'. (ob. cit., 76).

Segundo Mannheim, finalmente, vemos que empregamos juízos de valor, metafísicos e ontológicos dos quais não estávamos conscientes. Mas, somente alármam-se com este reconhecimento os positivistas que, - ainda acreditam, na possibilidade de que seu pensamento possa estar com pletamente emancipado de proposições éticas, metafísicas e ontológicas. Todas as épocas contiveram ideias que transcendiam a ordem existente, - sem que, entretanto, exercessem a função de utopias, eram ideologias in tegradas na visão de mundo deste período, compondo a 'topia'. O rompi - mento com a realidade que tende a se transformar em ação revolucionária é utópico, pois, tal orientação incongruente tende a por fim aos laços da ordem existente. A tentativa de escapar às deformações ideológicas e utópicas constitue a procura da realidade. O mais elevado estágio de consciência, a completa desapareição do elemento utópico deixaria o ho - mem incapaz de plasmar a história e de compreende-la.

Mannheim procurou vencer o relativismo como forma de co - nhecimento e foi acusado de identificar-se à posição relativista. Dis - tinguindo a sociologia do conhecimento da teoria da ideologias, em que via a tarefa de desvendar os enganos e disfarces, mais ou menos, cons - cientes de grupos, Mannheim procurou encontrar uma teoria que desse con ta da determinação social ou existencial do pensamento efetivo, influen - ciado por fatores extrateóricos dos mais diversos tipos.(7)

A sociologia do conhecimento não critica o pensamento ao nível das próprias afirmativas, mas ao nível das perspectivas e aspec - tos assumidos pelo objeto no decurso do desenvolvimento social. (8)

(7) Dieser Dualität entsprechend wollen wir nur jene Formen des 'Unrichtigen' und 'Unwahren' der Ideologienlehre zuweisen, die dem ersterem Typus entsprechen, während jede Einseitigkeit in der Betrachtung, die nicht auf mehr oder minder bewusste Fälschung zurückgeht, aus der Ideologienlehre hinausgehoben und zum Gegenstand der Wissenssoziologie gemacht werden soll.

K. Mannheim (1965:228)

(8) Für die Wissenssoziologie dagegen wird gerade diese Denkstruktur in ihrer Totalität bei bestimmten Denkströmungen und historischen 'Kollektivaobjekten' zum Problem. Nicht auf der Ebene des Vollzugs der Aussagen, wo Täuschungen und Verhüllungen auftreten können, kritisiert sie das Denken, sondern auf der Konstitutionsebene, auf der soziologischen Ebene, die ihrer Ansicht nach keineswegs für alle Menschen ohne weiteres einheitlich ist, vielmehr im Laufe der historischsozialen Entfaltung sich verschieden gestalten und verschiedene Aspekte über denselben Gegenstand entstehen lassen kann.

K. Mannheim (1965:229)

O sujeito conhece tal como é determinado pelo seu contexto histórico-social.

Cada época tem seu ponto de vista característico e ve o 'mesmo' objeto de uma perspectiva nova. (9) A perspectiva é algo mais - que a determinação, meramente formal, do pensamento, referindo-se a elementos qualitativos que são, necessariamente, negligenciados pela lógica formal. E que, entretanto, podem ser objeto da análise do significado - dos conceitos utilizados, dos contraconceitos, da ausência de certos conceitos, da estrutura do aparato categórico, dos modelos dominantes de - pensamento, do nível de abstração e ontologia pressuposta. (10)

'Mit einem Wort, der Problemansatz, die Ebene der jeweiligen Problem- stellung, die Abstraktionsstufe, aber auch die - Konkretisierungsstufe, die man erreichen will, sie alle sind in gleicher Weise sozial seinsmässig gebunden". (Mannheim - Ideologie und Utopie', - 238)

E, a sociologia do conhecimento surge, justamente, na época que Max Scheler intitulou 'Weltalter des Ausgleiches', de interpenetração de extratos sociais, antes isolados, e quando ocorrem discussões sem reconhecimento. É objeto da Sociologia do Conhecimento, através do procedimento relacional, subordinar consciente e sistematicamente todos os fenomenos intelectuais a uma dada estrutura social. (11) Isto, não se confunde, porém, com o relativismo filosofico. O que se coloca em questão é a autonomia absoluta da Epistemologia quanto às ciências particulares e de sua primazia sobre estas. Procurando-se criar um obstáculo para

(9) Auch werden wir es im Gebiete der Wissenssoziologie immer mehr vermeiden, den zu sehr belasteten 'Ideologiebegriff' zu benutzen im wissenssoziologischen Gebrauch werden wir eben von einer 'seinsverbundenen - oder standortgebundenen - Aspektstruktur' eines Denkers reden.

K. Mannheim (1965:229)

(10) Deshalb Kann man auch die These, dass der geschichtliche Sozialprozess für die meisten Gebiete des Wissen von konstitutiver Bedeutung zu sein vermag, am ehesten dadurch erhärten, dass man auf die Tatsache hinweist, dass man aus den meisten konkreten Aussagen der Menschen entnehmen kann, wann und wo sie entstanden, wann und wo sie formuliert worden sind.

K. Mannheim (1965:233)

(11) Die Wissenssoziologie tut nur insofern mehr als das, was in Ansätzen heute ziemlich oft geschieht, als sie bewusst und systematisch alles Geistige ohne Ausnahme der Frage unterwirft, im Zusammenhang mit welcher sozialen Struktur es aufgekomen ist und gilt. Dieses Relationieren des einzelnen geistigen Gebildes auf die Gesamtstruktur eines bestimmten historischen und sozialen Subjektes mit einem philosophischen Relativismus (als einer Lehre von der Massstab - und Ordnungslosigkeit der Welt) zu verwechseln,

- continua -

a construção de uma esfera de validade, na qual os critérios de verdade são independentes das origens, de uma epistemologia fechada que se recusa a percepção de um empirismo mais amplo. Verifica-se uma dupla relação entre a Epistemologia e as ciências particulares - 'dass jede konkrete Erkenntnistheorie zum Substrat ihrer Überlegungen eine bestimmte historische Gestalt des Wissens hat, hieran ihre Vorstellungen vom Wissen und Erkennen modelliert und so ihrerseits wieder von diesem her fundiert ist'. (Mannheim, I. und U., 247)

Nenhum conhecimento necessita primeiro ser legitimado por uma Epistemologia a relação na realidade é inversa, as revoluções na Epistemologia e na Metodologia são conseqüências de revoluções nos procedimentos empíricos através dos quais o conhecimento é adquirido. Para Mannheim as bases teóricas da ciência devem ser, constantemente, revistas, através de sucessivas comprovações empíricas.

Uma posição na estrutura social traz consigo a probabilidade de que aquele que a ocupe pense de um certo modo. Significa existência orientada com referência a certos significados, e este significado tem relevância para a validade da afirmação. A tarefa da Epistemologia deverá ser a superação da dualidade entre o ser existencial e a validade.

O problema de perspectivismo na Sociologia do Conhecimento refere-se, antes de mais nada, ao que é compreensível nos fenômenos sociais, ao significado que se percebe em atos de compreensão e interpretação. Neste sentido, as tipologias weberianas são fruto de uma dada situação histórica.

'Würde eine andere Epoche die Handlungsarten formal systematisieren wollen, so käme sie zu ganz anderen Typen'. (Mannheim, I. und U., 261). Este perspectivismo procura vencer a separação entre a filosofia, tida como disciplina cuja preocupação primordial e legítima era a lógica e a investigação empírica positiva, democrática e universalmente, válida.

'Das Ergebnis einer solchen Trennung kann nur sein, dass die Philosophie die sicher die wesentlichste Funktion der Selbsterklärung in der jeweiligen Gesamtsituation zu leisten hätte, dies zu tun nicht in der Lage ist, weil sie den Kontakt zur Gesamtsituation verliert, indem sie in ihrer 'Hörerschaft' gelagerten Bereich verharret, der Einzelforscher aber aus seiner anerzogenen Partikuläreinstellung die Umstellung zur umfassenderen Sicht - die die Lage der Empirie bereits erforderlich macht - zu vollziehen nicht imstande ist.' (Ob. Cit., 91)

Durkheim, Scheler e Marx antecederam a Mannheim no estudo das ideologias, a obra de Mannheim, entretanto, permaneceu presa ao modo

tradicional de colocar o conhecimento como relação do sujeito e objeto. Suas preocupações epistemológicas e pragmáticas não permitiram que levasse sua análise sociológica muito a fundo, limitando suas pesquisas à formas de conhecimento político, sem chegar a um inventário exato das produções mentais, nem à genese psicológica do fenomeno ideológico.

E, se é verdade, que, um grande número de teorias sociológicas, econômicas e políticas tem seu fundamento numa teoria de comportamento, a despreocupação quanto à concepção particular de ideologia, torna a posição de Mannheim, ainda mais destituída de explicações teóricas, não obstante sua inegável importância histórica. Além disto, a ausência de uma teoria da sociedade, em Mannheim, torna seu empirismo vago. Mannheim não apresenta, portanto, nem uma teoria geral das ideologias, nem uma teoria de sociedade temas que como veremos são cruciais para uma teoria das organizações, de escopo não reducionista.

A idéia fundamental do materialismo histórico é a tese da determinação social da consciência humana. Mannheim afirmou, em sua concepção total de ideologia, que o único defeito do marxismo é que não via a si mesmo como uma ideologia. Para Mannheim, todos os posicionamentos sobre problemas sociais são ideológicos.

Georges Lukács em, 'Die Zerstörung der Vernunft', (1954), referindo-se à sociologia do conhecimento de Mannheim, rejeitou a negação do relativismo desta postura, e também, a argumentação de sua enfase relacionista, afirmando que tal argumentação é puro jogo de palavras e esta diferença entre os termos corresponde à diferença entre o diabo amarelo e o diabo verde da "Carta de Lenin a Gorki".

A imensa contribuição de Mannheim está na construção de uma objetividade possível. Ainda que Mannheim seja obrigado, na expressão de Adam Schaff, a empreender 'um salto mortal'.

Na realidade, o termo ideologia ampliou-se, depois de Marx e a tal ponto que os marxistas, depois de Lenin se referem a ideologias científicas e não-científicas, não mais identificando-se a ideologia à falsa consciência, e evitando conferir ao termo ideologia, qualquer sentido restrito.

Se a concepção de ideologia não mais possibilita a delimitação dos campos teóricos opostos, permanece a distinção entre o método analítico e o método dialético.

(11) ist ebenso abwegig wie die Anwendung des Begriffes 'Relativismus' (in Sinne einer puren Nüchternheit) auf die Lehre, dass alle Körpermessungen auf die vom Lichte gestiftete Beziehung zwischen Messendem und Gemessenem zurückgehen. Relationismus bedeutet nicht, dass es keine Entscheidbarkeit in Diskussionen gibt, sondern dass es zum Wessen bestimmter Aussagen gehört, nicht absolut, sondern nur in standortsgebundenen Aspektstrukturen formulierbar zu sein.

K. Mannheim (1965:242)

Na concepção dialética, os elementos não constituem átomos passivos do sistema, mas subestruturas determinadas qualitativamente, cuja correlação e interação determinam o dinamismo da estrutura como um todo.

No posfácio à segunda edição do 'Capital', Marx indicou - seu procedimento metodológico : 1) conhecimento detalhado do material, - 2) análise das diferentes formas de seu desenvolvimento, 3) uma interpretação das correspondências internas entre estas formas, 4) explicação da dinâmica real pela qual a vida do material pode assumir uma imagem ideal que é, à primeira vista, apresentada como uma construção apriori. As formas de análise do método analítico não transcenderiam a terceira fase. A quarta fase, é essencialmente, uma reconstrução dedutiva racional dos algoritmos das fases anteriores, dando aos fatos empíricos relevância teórica.

Só nesta fase, segundo Milos Kalab, (ob. cit.1969:17) se pode falar em reprodução do concreto pelo pensamento. O termo totalidade concreta foi qualificado, por Habermas, como antípoda dialético de sistema, implicando a dimensão histórica da realidade social. Parece-nos entretanto que ao nível de prática metodológica a clivagem mais crucial se dá não entre o método analítico e o método dialético, mas sim entre as posturas holistas e as posturas individualistas. E, sobretudo, a separação acentuada entre o behaviorismo e a dialética torna o marxismo uma postura ambígua, pois ao reunir o método histórico e o método estrutural na dialética, procurando superar, criticamente, a visão filosófica de Hegel, através da emancipação máxima do homem com respeito ao determinismo natural, Marx comprometeu-se com uma visão racional e humana da liberdade, de sabor behaviorista, ainda que tal liberdade só possa ser alcançada após a superação das condições do trabalho material. Pois, o duelo capital/trabalho, como contradição fundamental da sociedade capitalista, não se apresenta nunca em sua forma pura, porque a essência de tal contradição perde seu caráter de linearidade e simplicidade, dando origem a uma outra série de contradições secundárias que conduzem ao mascaramento ideológico. Neste sentido, o método dialético-marxista não pode conceber um sistema cujo comportamento esteja orientado para metas de equilíbrio estático, pois sua preocupação está justamente em identificar as condições de alteração das metas de um sistema. Mas, o marxismo não pode abrir mão de uma teoria de comportamento social que é nitidamente behaviorista. A tal ponto que a interpenetração da psicanálise no marxismo constituiu uma heresia. Para sustentar sua base teórica o marxismo ortodoxo necessita de uma teoria de comportamento atomístico que herdou da economia clássica.

Tema IV

A epistemologia de Durkheim. A divisão do trabalho social e o problema da ciência e do trabalho científico.

A epistemologia de Durkheim toma como ponto de partida dois problemas com que se defrontava a nova ciência social - a necessidade de uma crítica das deformações ideológicas existentes na discreta realidade que clamava como objeto e - a necessidade de demonstrar que esta realidade era um objeto 'real' e de desenvolver os meios de reconhecê-la.

Os princípios constituintes da teoria da ideologia de Durkheim podem ser apresentados na forma de quatro teses:

- I - a ideologia preexiste à ciência e todas as ciências devem vencer o pensamento ideológico, por ocasião de seu nascimento.
- II - a ideologia é um componente original e necessário da existência dos seres humanos
- III - Tais idéias ou conceitos, qualquer que seja o seu nome, não são substitutos legítimos para as coisas. Produtos da experiência cotidiana, sua função primária é colocar nossas ações em harmonia com o nosso ambiente, são criadas pela experiência e para ela.
- IV - O efeito da ideologia é, então, uma deformação do real, e uma deformação na ordem de primazia entre idéias e coisas.

A ideologia para Durkheim corresponde ao autismo epistemológico, com respeito, à realidade. O começo de qualquer ciência é o desenvolvimento de um modo de conhecimento objetivo, de uma 'nova' realidade, - Durkheim torna a ideologia uma função dos sujeitos em geral, e nega a questão das ideologias sociais e sua conexão com os 'fatos' da sociedade.

Para Durkheim, o indivíduo se encontra dominado por uma força natural real, produto de causas dadas, os fatos sociais. (12)

É preciso pesquisar, separadamente, a causa eficiente de um fenómeno e a função que desempenha para qualquer fim social. (13)

Para que exista um fato social, é necessária a combinação de ações, é necessário descartar a vontade particular. A síntese combinatória institue modos de conduta coletivos. (14)

(12) Est chose tout objet de connaissance qui n'est pas naturellement compénétrable à l'intelligence, tout ce dont nous ne pouvons nous faire une notion adéquate par un simple procédé d'analyse mentale, tout ce que l'esprit ne peut arriver à comprendre qu'à condition de sortir de lui-meme, par voie d'observations et d'expérimentations en passant progressivement des caracteres les plus extérieurs et les plus immédiatement accessibles aux moins visibles et aux plus profonds

E. Durkheim (1956: XIII)

(13) En effet, on peut dire en ce sens que tout objet de science est une chose, sauf, peut-être, les objets mathématiques;

E. Durkheim (1956: XIII)

(14) On peut en effet, sans dénaturer le sens de cette expression, appeler institution, toutes les croyances et tous les modes de conduite institués par la collectivité; la sociologie peut alors être définie: la science des institutions, de leur genèse et de leur fonctionnement.

E. Durkheim (1956: XXII)

Fatos sociais consistem em maneira de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo. (15) A concepção de ciência em Durkheim é nominalista. A ciência não exprime a essência da realidade, mas tem a função de nos colocar em contacto com as coisas, fornecendo o primeiro ponto de apoio às nossas explicações. (16)

Afirmar o que é desejável ou o que deve ser evitado pertence ao campo das ideologias. Mas, se a ciência não nos pode ajudar na escolha, como nos pode indicar o bom e o mau? Apenas, se divisarmos um critério objetivo que seja inerente aos fatos, poderá a ciência ter cunho pragmático, (17) sem arriscarmos a objetividade científica. (18)

Durkheim estudou a divisão do trabalho social como um fenómeno normal produzindo a solidariedade social e estudou esta mesma divisão desviada de sua direção natural. Um primeiro caso, deste género, é peculiar às crises do sistema industrial ou comercial. O antagonismo entre o trabalho e o capital é outra fonte de situações patológicas que atingem a solidariedade. E Durkheim assinala, 'on a souvent signale dans l'histoire des sciences une autre illustration du même phénomène' (formas anómalas de divisão do trabalho), (ob. cit. 1893:399). Os métodos científicos, em seus primórdios, divergiam quase que, imperceptivelmente, 'Mais, à mesure que la spécialisation s'est introduite dans le travail scientifique chaque savant s'est de plus en plus renfermé non seulement dans une science particulière, mais dans un ordre spécial de problèmes'. (ob. cit. :399). Donde, a recomendação de Durkheim para que um corpo de especialistas cuidasse dos problemas de filosofia da ciência.

(15) Un fait social se reconnaît au pouvoir de coercition externe qu'il exerce ou est susceptible d'exercer sur les individus; et la présence de ce pouvoir se reconnaît à son tour soit à l'existence de quelque sanction déterminée, soit à la résistance que le fait oppose à toute entreprise individuelle qui tend à lui faire violence E. Durkheim (1956:11)

(16) Puisque c'est par la sensation que l'extérieur des choses nous est donné, on peut donc dire en résumé. la science pour être objective doit partir, non de concepts qui se sont formés sans elle, mais de la sensation. C'est aux données sensibles qu'elle doit directement emprunter les éléments de ses définitions initiales. Et en effet, il suffit de se représenter en quoi consiste l'oeuvre de la science pour comprendre qu'elle ne peut pas procéder autrement. E. Durkheim (1956:43)

(17) Si nous trouvons un critère objectif, inhérent aux faits eux-mêmes qui nous permette de distinguer scientifiquement la santé de la maladie dans les divers ordres de phénomènes sociaux, la science sera en état d'éclairer la pratique tout en restant fidèle à sa propre méthode. E. Durkheim (1956:49)

(18) En second lieu, notre méthode est objective. Elle est dominée tout entière par cette idée que les faits sociaux sont des choses et doivent être traités comme telles E. Durkheim (1956:141)

A filosofia é como a consciência coletiva de uma ciência, mas o papel da consciência coletiva diminui à medida que o trabalho se divide.

A divisão do trabalho não produz a solidariedade, a não ser que se de espontaneamente e na medida de sua espontaneidade. Ou seja, não apenas da ausência de violência expressa ou formal, mas e sobretudo, de qualquer entrave mesmo indireto, que impossibilite qualquer um ocupar seu lugar social de acordo com suas faculdades. Exigindo a solidariedade que as desigualdades sociais expressem, apenas e tão somente, as desigualdades naturais. O que Durkheim reconhecia não ocorrer em qualquer sociedade real. E, no trabalho científico, tais dificuldades se exacerbam, porque os métodos científicos são os mais difíceis de unificar, sendo praticamente impossível codificá-los à parte das práticas de trabalho científico concreto, não sendo possível analisá-los, simplesmente, tomando apenas os padrões da ciência já realizada.

A divisão do trabalho social não pode ser levada muito longe sem tornar-se uma forma de desintegração. A divisão do trabalho exerce, em virtude de sua natureza mesma, uma função dissolvente que é mais perceptível às funções muito especializadas e que só pode ser vencida pelo aumento do sentimento da solidariedade comum. Entretanto Durkheim adverte, 'Mais cette uniformité ne peut pas être maintenue se force et en dépit de la nature des choses. La diversité fonctionnelle entraîne une diversité morale que rien ne saurait prévenir, et il est inévitable que l'une s'accroisse en même temps que l'autre. Nous savons d'ailleurs pour quelles raisons ces deux phénomènes se développent parallèlement'. (ob. cit. 1893:405).

E os sentimentos coletivos se enfraquecem à medida que progride a divisão de trabalho. A filosofia é incapaz de assegurar a unidade da ciência. Ou seja, para Durkheim, o problema científico é um problema moral, 'Pour que la science soit une, il n'est pas nécessaire qu'elle tienne tout entière dans le champ de regard d'une seule et même conscience - ce qui d'ailleurs est impossible - mais il suffit que tous ceux qui la cultivent sentent qu'ils collaborent à une même oeuvre'.

Uma crítica contundente foi feita à sociologia de Durkheim, considerada tão impossível quanto sua epistemologia, o crítico, P.Q. Hirst, 1975, foi incisivo ao observar que longe de ser uma ciência, o trabalho de Durkheim se constituía num fracasso, num mecanismo de racionalização dos fenômenos contaminados por ideologias sociais e políticas. Não concordamos, em absoluto com tais críticas. Parece-nos que a obra de Durkheim ilustra bem os inextricáveis liames entre epistemologia e produção científica e, também os dilemas deste interrelacio

namento. Neste sentido, a definição de normal e patológico na sociologia de Durkheim, serve à função epistemológica de manter um único espaço de fatos sociais equivalentes, cuja equivalência consiste em que são expressões de uma única essência, necessária, pois uma vez admitida uma consciência coletiva unitária, seria impossível admitir a patologia social com raízes explícitas, levando a negação de uma faticidade social singular. Normalidade e patologia, nestes canones epistemológicos, são definidos de forma puramente nominal e circular. Este tipo particular de distinção entre duas diferentes variedades de 'fatos' resulta da posição epistemológica de Durkheim que faz central para a criação de hipóteses teóricas, a separação entre indivíduo e sociedade, dois conjuntos distintos discretos e externos um ao outro. Isto leva, a que seja necessária a existência de controles sociais para dominar as motivações extra-sociais dos indivíduos. Vemos, portanto que da epistemologia de Durkheim decorrem de modo lógico e coerente os pressupostos de sua ciência. Outra conclusão lógica e inegável é sobre a importância da epistemologia de Durkheim na construção de uma filosofia da ciência para a teoria das organizações. Talvez mais do que nenhum outro o trabalho de Durkheim ilustra as consequências das opções epistemológicas, isto porque sua sociologia submeteu-se, visivelmente, a estas opções. Sendo quase, apenas, um desdobramento de conclusões nitidamente filosóficas. A teoria das organizações defronta-se, igualmente, com o dilema indivíduo e organizações. Também, enfrenta o problema da inclusão parcial. Entretanto, a filosofia tida como a 'consciência coletiva' da ciência, à medida que a teoria das organizações tornou-se um campo especializado, passou a enfrentar um enfraquecimento que acabou na aceitação do reducionismo behaviorista. Os teóricos organizacionais necessitam, urgentemente, construir fundamentos epistemológicos mais específicos para a sua teoria. Sobretudo, torna-se imprescindível a análise epistemológica das categorias da interdependência do behaviorismo. Devido a esta preocupação, as noções de diferenciação e integração propostas por Durkheim assumem um papel muito relevante. E que não passou despercebido para muitos teóricos organizacionais mais recentes. Mas, se quisermos ampliar o conteúdo epistemológico da teoria das organizações, o 'realismo' de Durkheim surgirá como um obstáculo, a menos que seja incorporado a uma teoria geral das ideologias. A análise das ideologias e das transformações ideológicas no interior de uma ciência permitem, através da noção de interesses, o estabelecimento dos elos metodológicos entre o macro e micro sistema organizacional.

Entretanto, sabemos que apenas, após rupturas na ciência 'normal' é que surgem as preocupações epistemológicas na ciência. Portanto, os teóricos organizacionais que discutem os problemas da diferenciação e integração são incapazes de analisar seus pressupostos filosó-

ficos. Tornando, muito difícil a ampliação da teoria organizacional, limitando-se as meras articulações do paradigma behaviorista.

Adorno (Sobre la Metacritica de La Teoria del Conocimiento, 1970), escreve uma das mais inspiradas críticas ao pensamento organizacional embora tal crítica não esteja especialmente endereçada aos seus teóricos. Segundo Adorno, a cientifização do pensamento o submete à divisão de trabalho. Pois, deve proceder, de acordo, com esquemas pré-estabelecidos e que economizam esforços superfluos para os diversos campos de conhecimento. Ou procuram impor, através, dos esforços individuais adicionais, uma diferença de mercado com relação a outras disciplinas. O pensamento que se acolhe e se fecha no interior da divisão de trabalho, ao ficar atrás do desenvolvimento das forças conjunturais, se atrasa. Comporta-se arcaicamente. Torna-se estático, mera reconstrução de algo já pré-formado pelas categorias sociais e pelas relações de produção. Mesmo quando se põe a julgar acerca das chamadas questões de princípio, como a relação sujeito-objeto, tal pensamento já está ultrapassado.

Neste sentido, a primazia do método é a primazia da organização. A disponibilidade dos conhecimentos mediante uma ordem lógico-classificatória se converte em seu próprio critério. Drasticamente, o pensamento se confina, por inteiro, ao controle social e institucional.

Para ser tolerado, o conhecimento deve exhibir, um documento de identidade, na expressão de Adorno. A 'evidência' que não se busca em seu próprio conteúdo, nem no desenvolvimento deste, mas numa remissão aos dados futuros. Desta forma, o conhecimento não permanece junto de seu objeto para torná-lo acessível, mas exerce a mera função de esquema que reveste a realidade, de modo soberano e arbitrário.

É oportuno lembrar a advertência de Hegel quando estabeleceu a tensão dialética entre especulação e ciência. Pois, a filosofia, enquanto ciência, entra em oposição com sua própria razão de ser, e na medida em que trata com desprezo a ciência, perde literalmente sua razão. Assim, a tentativa da filosofia de elevar-se a ciência deve conduzir necessariamente a contradições. Como resultado, toda a epistemologia contemporânea está envolta em contradições. A contrapartida está em que toda ciência é construída sobre fundas contradições que os positivismos em vão tentam ocultar.

Tema V :

A Escola de Frankfurt. Uma postura de auto-crítica filosófica.

Para Habermas, o panorama da filosofia na Alemanha pode ser descrito, através de cinco impulsos filosóficos: a fenomenologia ontológica de Husserl e Heidegger; a filosofia existencial de Dilthey, Jaspers, - Litt e Spranger; a antropologia filosófica de Scheler e Plessner; a filosofia crítica de Lukács, Bloch, Benjamin, Korsch, Horkheimer; e o positivismo lógico do Círculo de Viena, com Wittgenstein, Carnap e Popper. En quanto, o neo-positivismo dominou soberano os países anglo-saxões.

Anteriormente, a Hegel, a unidade da filosofia e da ciência jamais fora contestada, mesmo as ciências naturais modernas foram recebidas, em princípio, como 'philosophia naturalis'. Até, Hegel, a filosofia e a religião argumentavam estar desempenhando diferentes funções. Assim, quando Montaigne disse que estudar filosofia significava aprender a morrer, estava justamente expressando o fato de que o pensamento filosófico é cético, por princípio. Depois de Hegel a unidade da filosofia e da ciência tornou-se problemática, pois a filosofia incapaz de desenvolver uma - cosmologia por si própria, não mais, pode reclamar a condição de ciência básica.

Com o positivismo a epistemologia resignou-se a ser teoria da ciência, ou noutras palavras, resignou-se a ser uma construção - 'ex post facto' do método científico.

A própria unidade filosófica tornou-se problemática e a filosofia teórica tornou-se uma filosofia da ciência ou uma ciência formal. Depois de Hegel, o complexo relacionamento entre filosofia e religião torna-se, claramente, inextrincável.

A filosofia do século XX torna-se, portanto, uma crítica, uma auto-crítica uma auto-reflexão. Segundo Habermas, o pensamento filosófico atinge no século XX, a dimensão de uma crítica material da ciência.

Por teoria da ciência, Habermas entende uma metodologia que permite o entendimento do trabalho científico, através da análise da fé que a ciência possui nela própria, que conduz à convicção de que o conhecimento deve ser identificado à ciência, tal como argumentou o Círculo de Viena.

As críticas que se fizeram a esta postura procedem de dois lados. O primeiro, argumenta que o cientificismo ignora os achados das - ciências históricas e sociais, o segundo alega que o cientificismo consolidou um conceito geral de ciência que justifica a tecnocracia, excluindo os procedimentos racionais.

Portanto, é indiscutível, que ao lado da teoria da ciência, temos uma tentativa de filosofia prática, de auto-crítica, a qual pode ser exemplificada pela posição de Popper, em sua críticas ao empirismo e às restrições linguísticas-construtivas do positivismo lógico. Mas, é sem dúvida, apenas, com a Escola de Frankfurt, que a auto-crítica filosófica assume a tentativa de construção de uma teoria da sociedade, através de sua teoria crítica.

A criação oficial do Institut fur Sozialforschung, em Frankfurt teve lugar a 3 de fevereiro de 1923. Em seu discurso inaugural, Grunberg concluiu declarando sua adesão pessoal ao marxismo como metodologia científica. A concepção da análise materialista de Grunberg era empírica, eminentemente, indutiva. Os resultados de tais análises não reclamavam validade no tempo e no espaço, apenas tinham um significado relativo e condicionado historicamente. Para Grunberg o verdadeiro marxismo não era dogmático, não buscava leis eternas. A epistemologia indutiva de Grunberg jamais mereceu apoio de Horkheimer, que o substituiria anos mais tarde como diretor. Porém, nos primeiros anos do Instituto prevaleceu o enfoque empírico, e o 'Archiv' raramente, publicava textos teóricos.

O Instituto esteve sempre isolado da participação política ativa e Wittfogel, um ativista, era segundo Martin Jay - 'The Dialectical Imagination' - considerado um ingenuo em questões teóricas por Horkheimer e outros membros do Instituto, sendo chamado de positivista e seus estudos de economia e sociedade na China e da sociedade hidraulica eram considerados, apenas estimulantes. Através do Instituto, Borkenau discutiu a emergência de uma filosofia mecânica, abstrata, intimamente conectada a ascensão do trabalho abstrato no sistema capitalista, e que estava bem ilustrada na obra de Descartes. Horkheimer dedica-se a fazer uma crítica fundamental e aguda ao empirismo lógico, procurando evitar que em certos circulos, seja possível a confusão entre materialismo e empirismo, favorecida pelas tendencias supostamente antimetafísicas do último. O materialismo dialético neehegeliano superaria as opiniões materialistas monistas derivadas de Engels e Kautsky no Instituto.

Grossmann procurou demonstrar o acerto das profecias de Marx sobre a crescente pauperização do proletariado, enquanto Pollock sublinhou a insuficiência do trabalho produtivo, como conceito no marxismo, porque não levava em conta o trabalho não-manual e a importância assumida no séc. XX pelas indústrias de serviços que permitiriam a extração de mais-valia que prolongaria a vida do sistema.

Pollock e Horkheimer dedicariam-se, basicamente, a repelir o marxismo ortodoxo, inclinando-se à revisão dos fundamentos do marxismo.

A teoria marxista enriquecida e suplementada pelo trabalho empírico, possibilitaria sínteses científicas. A ciência não deve ignorar sua função social. Para Horkheimer a fragmentação dos conhecimentos e a crise na ciência são o produto de condições sociais que ignoram as condições históricas de produção do conhecimento. Caberia, ainda, à psicologia social enfrentar a divisão entre o indivíduo e a sociedade.

A admissão em 1932 de H. Marcuse no Instituto iniciaria o período de elaboração formal da Teoria Crítica.

Marcuse fora discípulo de Heidegger, havendo rompido com seu mestre em razão de profundas divergências políticas. Com a ascensão do nazismo o futuro de uma organização declarada marxista e onde trabalhavam, quase exclusivamente judeus, tornou-se sombrio. Em fevereiro de 1933, a filial de Genebra converteu-se em centro administrativo do Instituto sob o nome de Société Internationale de Recherches Sociales.

Na realidade, os membros do Instituto insistiram em negar toda significação a suas raízes étnicas frente a suas posições intelectuais. Habermas, contudo, indicou paralelismos entre a crítica idealista da realidade empírica que alcança seu apogeu na dialética hegeliana e a idéia hebraica de que a aproximação a Deus se faz através da linguagem e não das imagens, e sobretudo de uma linguagem sagrada que se opõe à profana. A falta de participação política dos membros do Instituto leva a construção de uma teoria crítica menos enriquecida do que talvez ocorresse com a mescla de assuntos da política prática, como aconteceu a Gramsci, encarcerado por Mussolini em 1926 e cuja teoria adquiriu uma qualidade concreta inexistente na obra da Escola de Frankfurt. A escolha da teoria pura acarretou vantagens e desvantagens como se verá.

Borkenau e Pollock escreveriam obras anticomunistas, o primeiro após a guerra civil espanhola e o último nos Estados Unidos, após o traslado do Instituto.

A teoria crítica apresentou desde o início uma aversão aos sistemas filosóficos. Não havia, nem mesmo em Adorno ou Marcuse, uma sistematização teórica totalizante, e Horkheimer falava por aforismos.

É apenas, com a recuperação das raízes hegelianas na obra de Marx, realizada no século XX que surgem sérias interrogações metodológicas e epistemológicas sobre a obra marxista. Pensadores filosóficos não marxistas como Croce e Dilthey já haviam reavivado o interesse por Hegel antes da guerra. No campo marxista 'História e Consciência de Classe' de Georg Lukács e 'Marxismo e Filosofia' de Karl Korsch recobriram na década de 20 a dimensão filosófica do marxismo.

Por conseguinte, pode-se dizer que a Escola de Frankfurt estava retomando as preocupações dos hegelianos de esquerda de 1840, anteriores a Marx. Interessando-se pela reunião da filosofia à análise social. Contudo, a Escola de Frankfurt estava separada de Kant e Hegel por Schopenhauer, Nietzsche, Dilthey, Bergson, Weber, Husserl e pela sistematização do próprio marxismo. Após o estabelecimento em Columbia, os artigos da 'Zeitschrift' evitavam, escrupulosamente, palavras como marxismo ou comunismo, substituindo-as por materialismo dialético ou teoria materialista da sociedade. O Instituto, através de Horkheimer, preocupa-se com Kant e Schopenhauer. Horkheimer interpreta Kant através de Hegel e vê as dualidades como, ultimamente, inseparáveis. Vontade e conhecimento, ser e dever ser, razão prática e razão pura. É tentador chamar a Teoria Crítica de marxismo hegelianizado.

O sistema de Hegel, omnicomprensivo, pode se transformar na teodicéia justificativa do 'statu quo', mas o marxismo ossificado em suas predições sofria da mesma enfermidade.

Ao repudiar a teoria da identidade hegeliana, Horkheimer, implicitamente, criticava sua reaparição em 'História e Consciência de Classe' de Lukács, para quem o proletariado funcionava como sujeito e objeto da história.

Lukács reconheceria anos mais tarde, o núcleo metafísico no centro de seu argumento. Para Horkheimer, a ciência social dialética deve evitar uma teoria de identidade sujeito-objeto mas, não recusar ao observador a possibilidade de ir mais além dos dados da experiência. Impressionou a Horkheimer a obra de Nietzsche, Dilthey e Bergson, na medida em que, indicaram a relação do pensamento com a vida humana, expressando um protesto legítimo contra o crescente racionalismo abstrato e a uniformização da vida individual que caracterizam o capitalismo avançado. Rompendo, assim, uma tradição de hostilidade contra a 'Lebensphilosophie' mantida por quase todos os pensadores marxistas.

Como Dilthey e Nietzsche, Horkheimer atribuiu importância a psicologia individual para a compreensão da história. Contudo, recusou a possibilidade de que a significação histórica pudesse ser compreendida, intuitivamente, pelo historiador, ao repetir o processo, em sua própria mente. Pois, subjacente a esta noção havia uma crença de tipo hegeliano da identidade de sujeito e objeto. A história, por consequência, não podia simplesmente, ser 'compreendida', como supunha Dilthey, mas sim ser 'explicada'.

Entre os elementos dualistas da filosofia de Kant estava a divisão entre dever e interesse, aqui, Horkheimer considerava a 'Sittlichkeit' (ética) de Hegel, com sua ênfase na necessidade de reconciliar a oposição público-privada, superior à 'Moralität' (moralidade) de Kant, para quem estas contradições eram imutáveis. Para combater o idealismo destas posturas, Horkheimer propôs uma teoria materialista da sociedade que se distinguia claramente, do materialismo do marxismo ortodoxo. Em um dos seus mais importantes ensaios na 'Zeitschrift' de 1933 - 'Materialismo e Metafísica' - afirmou que o verdadeiro materialismo não significava um novo tipo de metafísica baseada na primazia ontológica da matéria. Tanto a subestrutura da sociedade, como a superestrutura interatuam todo o tempo. Com efeito, a epistemologia materialista monista do marxismo vulgar fora demasiado passiva. O verdadeiro materialismo envolve uma interação dinâmica entre sujeito e objeto.

O predomínio do econômico começara a ser negado no século XX pelas práticas do facismo e leninismo que realçavam o político.

A dialética não é uma construção, metodologicamente, imposta como um tipo ideal sobre uma realidade múltipla ou caótica. A dialética é um campo de força - como diz Adorno em 'Zur Metakritik der Erkenntnistheorie' - 1956 - entre consciência e ser, sujeito e objeto. A dialética não pretendia e não teria podido descobrir, princípios ontológicos fundamentais. A preocupação dos fenomenólogos com a segurança das essências eternas era uma fonte de enganos Adorno e Marcuse iriam repelir em suas críticas a Husserl e Scheler. Tão pouco, se pode falar em 'fatos sociais' como querem os positivistas dada a importância crucial da mediação para uma teoria correta da sociedade que não é algo subjetivo imposto sobre os objetos, nem um juízo de valor, mas uma manifestação de sua autêntica estrutura de objetiva. Para a Escola de Frankfurt, não há relações unilineares entre sub e superestrutura, mas relações multidimensionais. A Escola de Frankfurt estava, portanto, apontando a falácia metodológica da supremacia da subestrutura que se encontra em Marx.

Por outro lado, o colapso da síntese hegeliana, na segunda metade do século XIX, resultou no irracionalismo e no positivismo que negavam a validade da idéia tradicional de razão. O impacto dos positivistas lógicos emigrados para os Estados Unidos foi muito maior que o da Escola de Frankfurt neste país, em virtude de sua concepção de racionalidade.

A primeira censura de Horkheimer ao positivismo lógico aparece em 1937, na 'Zeitschrift' - 'Der neue Angriff auf die Metaphysik'. Originalmente, argumentava, o empirismo, como o praticavam Locke e Hume, continha um elemento dinâmico, crítico, em sua insistência sobre a per -

cepção do indivíduo como fonte de conhecimento. O positivismo lógico contemporâneo havia perdido esta qualidade subversiva, em virtude, de sua crença de que o conhecimento, embora, derivado, inicialmente, da percepção estava realmente vinculado aos juízos sobre esta percepção contidos nas denominadas sentenças protocolares. Ao restringir a realidade, ao que se podia expressar por meio, de tais frases abdicava-se da reflexão, reificando-se os 'fatos' na absoluta dependência da lógica formal e com a exclusão de uma alternativa substantiva. Ver a lógica, como análoga às matemáticas, significava reduzi-la a uma série de tautologias sem significação real no mundo histórico. Crer que todo o conhecimento aspira a condição de conceptualização matemática é cair em uma metafísica tão pernicioso, quanto a que o positivismo queria erradicar.

O pior dos positivistas foi, na opinião de Horkheimer, distinguir os fatos dos valores.

A 'Vernunft' (razão que ia além das aparências) devia recuperar o terreno perdido à 'Verstand' (entendimento), e restaurar o lugar da razão como árbitro dos fins e não só dos meios, contudo a razão é um ideal transcendente, fora da história.

Quando Horkheimer escreveu sua crítica a Mannheim - 'Ein neuer Ideologie - begriff ?' - escolheu atacá-lo, por suas implicações absolutistas e não como seria de esperar pelo relativismo. Ao supor que existisse uma verdade total semelhante a uma síntese de diversos pontos de vista Mannheim estava seguindo o conceito de conhecimento gestaltiano simplificado, onde sobressaía uma convicção harmonizadora que cria possível reconciliar todas as perspectivas desmentindo a distinção clássica do marxismo entre consciência falsa e verdadeira, à qual a Teoria Crítica aderiu, Mannheim retornava a uma espécie de dualismo entre sujeito e objeto que os hipostasiava a ambos. Para a Teoria Crítica, 'praxis' e razão eram os dois polos do conhecimento, como haviam sido para os hegelianos de esquerda um século antes. A interação, entre eles, contribuía para a sugestividade dialética da Teoria, embora a primazia da razão, já mais, fosse posta em dúvida.

A eleição da estética como tema foi para Adorno uma forma de tratar mais que, simplesmente, de uma teoria da arte, de uma certa relação entre sujeito e objeto. Em sua crítica a Kierkegaard, Adorno afirmaria que a interioridade é a prisão histórica da humanidade pré-histórica. E a imediatidade, ou seja, a busca de verdades primárias, anátema.

O tratamento a Husserl não foi menos crítico. Em 'Zur Metakritik der Erkenntnistheorie' está demonstrada a atitude da Teoria Crítica ante a fenomenologia. Adorno aplaudiu o desejo de Husserl de su

perar a explicação psicológica do conhecimento, mas criticou seu desejo de essências eternas e certezas ontológicas, aniquilando o indivíduo - contingente e falando num sujeito transcendente. A necessidade de princípios básicos de certeza intelectual repousa numa teoria de identidade absoluta e idealista a despeito de seus protestos, em contrário. Uma verdadeira epistemologia deve acabar com o mito do conhecimento, enquanto tal. Pois, a redução do sujeito ao objeto ou vice-versa não produz a verdade do restante. Quem trate de reduzir o mundo ao factual ou à essência cai em uma falácia. A verdade não é o que resta, quando se reduz o sujeito ao objeto ou vice-versa, mas reside no campo de forças entre sujeito e objeto.

A intuição husserliana é parte legítima de experiência, - mas não pode ser levada a método absoluto do conhecimento. A verdade resulta da dependência mútua entre sujeito e objeto, da produção de sujeito e objeto, um através do outro ('sich durcheinander Produzieren'). Com a fenomenologia a sociedade burguesa, para Adorno, se resignou a exposições fragmentadas, dissociadas e contraditórias entre si e se conformou à simples reprodução do que é - e ao fazer isto, se voltou contra a ação no mundo. Adorno sugeria mesmo uma conexão subterrânea entre fenomenologia e fascismo, ambos representando a crise final da sociedade burguesa.

Para Marcuse, se Heidegger devia completar-se com o marxismo, este também deveria tornar-se fenomenológico. A dialética deve investigar, se o dado se esgota a si mesmo como tal, ou se contém um significado que é seguramente, extrahistórico, porém, inerente a toda a historicidade. O que atraiu Marcuse, em Dilthey, foi precisamente, a fusão entre história e ontologia. Liberando as ciências culturais, em sua metodologia, das ciências naturais e restaurando seu fundamento filosófico. O conceito diltheyano de 'Leben' (vida) como base da realidade histórica põe ênfase no significado e não na causalidade. A história se unifica, através de valores humanos. Para Marcuse a concepção de história de Hegel era uma antecipação da 'Geschichtlichkeit' de Heidegger e da 'Leben' de Dilthey. Assim, a possibilidade de uma metodologia histórica satisfatória estava assentada na unidade de vida e conhecimento. E o conhecimento estava baseado na identidade última de sujeito e objeto. Tanto, o Marcuse dos primeiros escritos, quanto Lukács em 'História e Consciência de Classe' aderiram a teoria de identidade que Adorno e Horkheimer, sempre combateram e aceitaram a possibilidade de uma antropologia filosófica que os últimos recusava. Marcuse coloca-se de acordo com a análise do trabalho alienado de Marx dos manuscritos econômicos-filosóficos, vendo o trabalho como a essência do homem. A crença de -

Marcuse na centralidade ontológica do trabalho permaneceu como fator importante em toda a sua obra. Com sua integração ao Instituto deixou de utilizar o marxismo como uma filosofia positiva que respondia a indagações de Heidegger sobre o 'ser autêntico' e começou a empregá-lo como metodologia dialética, crítica, para explicar a história e não a historicidade.

Horkheimer formulou observações comparativas entre a teoria tradicional e a teoria crítica, em 1937, 'Traditionelle und Kritische Theorie' na 'Zeitschrift'. O objetivo da teoria tradicional foi sempre a formulação de princípios gerais, interiormente consistentes e que descreviam o mundo. Isto era verdade na teorização dedutiva cartesiana, quanto na indução da obra de Mill ou na fenomenologia de Husserl. A todo momento, a teoria tradicional mantinha a separação entre pensamento e ação. A teoria crítica recusa-se a mitificar o conhecimento como algo distinto e superior à ação.

A percepção do cientista está sempre mediada por categorias sociais, por cima das quais, não pode elevar-se. Assim, ao contrário de Dilthey, jamais o pesquisador poderia voltar a experimentar na sua mente o que nunca fora levado a cabo como uma ação consciente e autônoma. Na sociedade atual, seria um erro ver aos intelectuais como 'freischwebende' para empregar o termo que Mannheim tomou a Alfred Weber e popularizou, ao mesmo tempo, seria errado ver o intelectual como inteiramente preso em sua classe, como faz o marxismo vulgar. Em suma, manter o dualismo entre fatos e valores numa posição weberiana é atuar a favor do 'statu quo'. Conhecimento e interesse são, em última instância, inseparáveis. A justaposição de declarações, altamente abstratas, com observações, aparentemente triviais, foi a característica dos escritos do Instituto e de Adorno, em particular. E, à diferença da teoria tradicional, que equipara concreto ao particular e abstrato ao universal, a teoria crítica seguiu a Hegel, para quem concreto significa multilateral, adequadamente vinculado, completamente mediado, enquanto abstrato significa unilateral, inadequadamente vinculado, relativamente não mediado.

Dissociada de uma teoria definida da sociedade toda a epistemologia continua sendo formal e abstrata. Esta é sem dúvida a maior contribuição da Escola de Frankfurt e é de uma importância capital para o entendimento das possibilidades de ampliação da teoria organizacional.

Tema VI :

Possibilidade de uma teoria geral das ideologias.

O. Cecconi afirmou que, se uma ciência das ideologias é possível, seu programa é imenso e complexo. Tal teoria deve permitir, - não apenas, que se de conta da diversidade das funções desempenhadas pe la ideologia, mas ainda, explicar como e porque são estas funções executadas e não outras. Porque tais funções são executadas numa determinada época e sociedade e não em outras.*

O movimento dos ideólogos, no fim do séc. XVIII, se intercalando entre o sensualismo de Condillac e o ecletismo de V. Cousin, significou a primeira análise positiva do 'fato ideológico', mais a nível individual que social. O mérito de homens como Condorcet, Destutt de Tracy, Cabanis ou Daunou não pode ser negado, embora, faltasse às suas análises o caráter histórico e seu conteúdo partisse de implicações psicológicas, e não sociais.

Encontramo-nos, diante de uma dissociação entre o mundo dos valores (eternos, transcendentais) e o mundo das experiências humanas (históricas). Contudo, natureza humana e 'philosophia perennis' se implicam e explicam, reciprocamente. Não se deve pedir, entretanto, à psicologia que explique as causas que produzem uma ideologia, mas é possível e mesmo necessário pedir a esta disciplina explicações sobre o tratamento das ideologias e sua manifestação pelas consciências individuais. A posição idealista recaiu neste erro, sempre que tratou o problema das ideologias como experiência da consciência. Sendo impossível o estudo das ideologias sem procurar os traços concretos da organização social.

Cl. Lévi-Strauss detectou a permanência dos mitos na sociedade procurando a coincidência de duas faces - a histórica e a estrutural. Mitos que para V. Pareto são bem mais fortes do que as ideologias, características da elite interessada em manter-se no poder, enquanto os mitos pertencem essencialmente ao irracional, instintivo e passional que compõe, em parte, a sociedade. Para captar o modo de formação da função ideológica O. Cecconi propõe uma dupla clivagem: a primeira clivagem horizontal deverá diferenciar entre mitos, ideologias, utopias, dogmas, modelos empíricos ou teóricos. Adotando-se a posição marxista, a ideologia será uma forma de percepção e expressão de uma realidade, modo pelo qual a consciência experimenta a 'praxis' social objetiva.

A segunda clivagem vertical consiste, no exame de formas de consciência social determinadas pelas relações de produção.

No primeiro caso, dada a proximidade com o mito, as ideologias são sintomas e índices de um modo de prática social. No segundo caso, a ideologia é a manifestação de uma consciência social sincrética, elaborada que possui em seu bojo a magia e a ciência. Não se trata -

mais de observar a vida de uma cultura, através de suas expressões específicas, mas de conhecer esta cultura no seu processo de formação.

De vez que, toda ideologia se propõe a exprimir experiências, a realizar fins e, portanto, a explicar ou interpretar a realidade social, suas funções devem ser classificadas em funções teóricas de conhecimento da natureza (física ou social) e funções práticas da consciência social normativa.

A função teórica ou de representação se exerce pela sistematização de um método. Assim, a ideologia racionalista do séc. XVIII, foi sistematizada por Descartes. A passagem do método ao sistema revela a preocupação ideológica.

A função teórica, também, se exerce pela construção simbólica que opera pela extensão hipotética de um método científico ou técnico que fora incapaz de dar conta da realidade total.

A função prática ou de transformação é uma função de justificação.

Uma sociologia das ideologias, supondo sua possibilidade, precisará determinar o contexto histórico do fenómeno ideológico, após o que, através de um processo de especialização passará a determinar as multi-causalidades, tecno-econômicas, sócio-econômicas, sócio-culturais, sabendo-se que cada qual destas causas comporta sua lógica interna e tecnologia conceitual própria, interagindo em ritmos particulares a cada sistema dado. Ou, no dizer de Cecconi, 'l'explication scientifique d'une idéologie par exemple d'explication de l'idéologie-libérale propre au système capitaliste concurrentiel au XIX siècle, en France, représente un travail d'une complexité et d'une difficulté extremes, puisqu'il s'agit de dégager et de connecter, en respectant l'ordre d'importance réelle de chaque facteurs agissant, en interaction inégale,* en évolution contante'. (ob. cit. 1970:31)

Ocorre, explicavelmente, uma preocupação mais generalizada com os problemas da micro-sociologia cuja operacionalização é mais efetiva.

Ainda, sendo possível a análise científica das ideologias, deve esta desprezar as questões de finalidade e o problema da identificação entre o cultural e o ideológico? Parece, correto afirmar que o desprezo atual pelo ideológico, sobretudo em certas áreas do pensamento científico, pode ser identificado como atitude pouco científica.

Pierre Ansart afirma, entretanto, 'Ce n'est pas sans de fortes raisons que la recherche sociologique répugne à introduire dans son appareil conceptuel la notion d'occlusion idéologique'. (ob. cit. - 1972:213).

O pensamento positivista postulou a univocidade da realidade e rejeitou a ideologia para o campo não-lógico. Ora, tal comportamento, para Ansart, não ultrapassa a noção particular de ideologia, no sentido que lhe atribuiu Mannheim. E, é só a partir, do momento que o sociólogo se interroga sobre as relações entre ciência e ideologia que a questão adquire necessidade na teoria sociológica. Mas, como discernir - nas situações concretas a função de ocultação ideológica e dar a esta noção um rigor conceitual ?

No plano político, em virtude do conhecimento de conjunturas históricas precisas, tal desvendamento torna-se mais fácil, sendo possível reconhecer no discurso ideológico um dito e um não-dito, um conteúdo e uma ausência, sem que o silêncio possa ser imputado à simples ignorância ou negligência.

A ocultação ideológica supõe, além de um discurso explícito, uma situação não-homogenea, um jogo de diferenças e um conflito entre forças contrárias. No plano do discurso é necessário surpreender um outro discurso, ainda que 'fragmentaire ou balbutiant', que a ocultação ideológica visa reprimir.

A primeira análise da ideologia se dá a nível de discurso; 'Lecture sociologique du discours renverrait donc nécessairement à un système social conflictuel, à des acteurs engagés dans une rivalité - acteurs concernés par ce silence ou, de quelque façon, intéressés à son renouvellement'. (ob. cit. 1972:214).

Metodologicamente, a análise da ocultação ideológica supõe uma análise de conteúdo e uma análise socio-linguística que permita reconstituir com precisão o peso relativo dos temas, sua frequência, as relações pertinentes e as oposições estruturais. Mas, a noção de ocultação ideológica não adquirirá qualquer rigor, antes que possamos sobrepor um sistema de significações e um sistema de práticas para mostrar as inadequações, os silêncios ou inversões de sentido. Ou seja, antes que atribuamos o discurso a um grupo ou instância social para estabelecer e-los de funcionalidade entre estes interessados e a manipulação ideológica. As dificuldades são extremas e envolvem tanto o estabelecimento dos conteúdos discursivos, quanto a interpretação do sistema social num momento particular de sua história, 'Aucune théorie ne peut ici se substituer à l'analyse d'une situation concrète puisque le champ de - de l'occlusion ne cesse de se transformer en fonction de cette double

mouvânce du discours et des pratiques sociales'. (ob. cit., 1972)

Contudo, a dificuldade não impossibilitou uma série de estudos sociológicos visando captar o fenômeno da ocultação ideológica.

A história dos argumentos de legitimação pode ser relida como uma história de ocultação, pela qual cada poder mascara sua essência. Para Proudhon, todo o poder, mesmo em momentos de extremo consenso, mascara seu caráter repressivo, através mesmo de sua onipresença.

Os processos de ocultação são, tão diversos, quanto - seus objetivos e certos silêncios definem-se pela negação explícita. Discursos antigos são aplicados a novas situações e a inflação do discurso é processo comum de ocultação simbólica.

Importa saber que o processo de ocultação ideológica é sempre resposta à tensão. E, segundo Marx, é durante o processo revolucionário, nas fases de ruptura, quando relações e controle sociais são incertos, que os agentes sociais praticam a auto-ocultação, e as classes* se mascaram e confundem seu ser com os sonhos, causando aos movimentos - revolucionários a ameaça interna de sua desagregação.

Pierre Ansart sugere a criação de uma tipologia para tornar operacional o conceito de ocultação. Nesta tipologia teríamos a ocultação lenitiva que realiza uma ideologia preocupada em evitar a toma da de consciência prejudicial ao sistema; - A ocultação repressiva visando eliminar expressões ameaçadoras ao sistema, ocultação que requer - maior lucidez; mas, é a forma de ocultação, que podemos chamar de criadora, a mais desafiante nos tempos modernos, pois assegura a mobilização.

Esta tipologia de Ansart poderia ser incorporada aos - estudos organizacionais, de tal forma que fosse possível analisar os comportamentos ideológicos no interior das organizações e vinculá-los aos - comportamentos de ocultação de um sistema social mais amplo. Tal incorporação possibilitaria o desenvolvimento de uma teoria de alcance médio - que interrelacionasse ideologia e comportamento organizacional, a nível de macro e micro sistema, evitando o reducionismo behaviorista.

Thomas Herbert ensaia uma teoria geral das ideologias fundada na proposição geral de que toda a ciência - qualquer que seja - seu nível de desenvolvimento atual e seu lugar na estrutura teórica - é produzida por um trabalho de mutações conceptuais no interior de um campo conceitual ideológico com respeito ao qual se distancia pelo conhecimento dos erros anteriores e a garantia de sua própria cientificidade. Neste sentido, toda ciência é principalmente, ciência da ideologia, da qual ela se destaca, em triunfo sobre as resistências (obstáculos, na - terminologia de Bachelard) que asseguram à ideologia sua inviolabilidade.

Importa distinguir numa ciência, seu primeiro momento da produção do objeto do conhecimento, que subverte, através do trabalho teórico conceitual, o discurso ideológico natural e o segundo momento que pode ser denominado, conceitual-experimental, na medida em que, testa a reprodução metódica de seu objeto, pela qual esta ciência explorará o interior de seu discurso para provar sua coerência interna, testando os fenômenos que esta ciência produziu (tornou visíveis).

Ocorre, entretanto, nas ciências sociais uma superposição da fase teórico conceitual pela prática conceitual experimental. Onde o efeito de ruptura com respeito à ideologia não se completa e a experimentação passa a reproduzir a ideologia ao reafirmar sua realidade ilusória.

Importa, também distinguir, ideologias de tipo A que se referem ao processo de produção e operam através da reorganização de elementos do processo de trabalho que são destacados de sua sequência original e re-combinados em novo discurso. Esta cisão técnica/ideológica é ilustrada pela alquimia como um produto derivado da prática técnica empírica. E as ideologias do tipo B que surgem como condições indispensáveis à prática política, assinalando à ideologia a função de mecanismo produtor e conservador das diferenciações necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção na sociedade.

As formas ideológicas de tipo A (reorganização dos elementos) e de tipo B (mecanismos) encontram-se, na realidade, sempre relacionadas. É importante, entretanto, lembrar que as ideologias de tipo A tem sua origem no campo técnico e as ideologias de tipo B tem sua origem no campo político. E, para T. Herbert, a origem não é suficiente para que possamos daí derivar as formas e propriedades ideológicas. O efeito do conhecimento ideológico de tipo A assume a forma empírica e o efeito do conhecimento ideológico de tipo B a forma especulativa. A origem e a forma ideológicas não se sobrepõem automaticamente.

	<u>Conhecimento ideológico A</u>	<u>Conhecimento ideológico B</u>
origem	técnica	política
forma	empírica	especulativa

As ciências sociais, no seu estágio atual, seriam conhecimento ideológicos de origem política e que assumiram forma empírica e -
 Herbert afirma, textualmente, 'Si l'esquis d'analyse que nous venons de
 présenter est fondée et constitue une voie féconde à explorer, il devient
 possible de montrer théoriquement que cette double menace n'est pas un -
 accident théorique dont la Théorie devrait - idéalement - pouvoir se préserver, mais le terrain même de sa naissance et de son combat'. (ob. cit. -
 1967:79).

Portanto, não será possível falar duma forma teórica 'pura', se a teoria se faz, em luta contra formas ideológicas naturais e necessárias.

A forma empírica da ideologia procura articular significados a uma realidade e nos termos da linguística, desempenha uma função semântica (coincidência do significado com o significante), enquanto a forma especulativa exerce uma função de sintaxe (conexão de significantes entre si).

O funcionalismo, em sociologia, seria uma teoria ideológica da ideologia em sua forma especulativa, explorando um código de controle das interações sociais. Desta forma, todas as teorias ideológicas, especulativas da ideologia, terminam por acabar em problemas de linguagem e codificação.

Thomas Herbert acredita ser possível enunciar dois princípios fundamentais de sua teoria das ideologias: o princípio da dualidade - que implica em que a ideologia funciona segundo duas modalidades, das quais apenas uma é dominante no interior de uma forma ideológica qualquer a dominância metafórica semântica, e a dominância metonímica sintática, - e o princípio da desigualdade, significando a impossibilidade de formas 'A', fora da existência de formas 'B'. Disto resulta a não existência de ideologias de tipo A, em estado puro, pois toda a ideologia de tipo A deve passar, durante seu desenvolvimento, a um nível especulativo. Onde a ciência corresponde a uma resistência sintática, e, é fundamentalmente, um sistema de operações com um resíduo semântico. Ou seja, uma ideologia de tipo A que adquiriu ao longo de seu desenvolvimento uma forma B possuindo um efeito de dominância sintática secundária.

As ciências sociais se caracterizam pela aplicação de formas técnicas a uma ideologia de mecanismos das relações sociais. Ou seja, tratam dos efeitos ideológicos B (político-especulativos) com ajuda de estruturas formais (nível técnico-empírico) de tipo A, produzindo uma dominância sintática primária que as tornam particularmente resistentes a uma transformação de seu objeto destinada a vencer uma resistência sintática secundária de uma ideologia A em sua forma B e a conduzir ao processo científico, através das garantias empíricas e especulativas.

O problema está em saber como identificar uma mutação ideológica e as condições às quais ela deverá responder, para produzir um objeto de conhecimento dotado de um estatuto teórico original. Ou, como Thomas Herbert menciona, 'Ajoutons pour terminer que, pour les raisons que nous avons exposées, la mutation idéologique a toujours le statut d'un discours délirant pour l'ideologie dominante au point considéré (ceci semble valable aussi bien pour les mutations scientifiques qu'esthétiques ou politiques)'. (ob. cit. 1967:92)

Parsons, num ensaio intitulado 'An Approach to the Sociology of Knowledge', (The Sociology Knowledge, Curtis & Petras, Eds.) torna o problema da ideologia susceptível de um tratamento empírico, na medida em que resulta da interpenetração e interdependência dos sistemas cultural e social. A ideologia é considerada como uma categoria cultural mais ou menos institucionalizada nos sistemas sociais. Parsons assume algumas das explanações de Durkheim, afim de considerar a ideologia em relação ao processo de diferenciação estrutural da sociedade. Derivando, portanto, do problema da solidariedade orgânica e sendo uma manifestação especial dos constrangimentos derivados da crescente divisão do trabalho social e propondo-se como um mecanismo integrador destas tensões, 'On the whole, I would strongly suggest that a great prevalence of ideology is a symptom that the main disturbances in a society are not at the highest level of institutionalized values but rather concern the integrative problems associated with the process of differentiation'. (ob. cit. 1970: 304).

Parsons apresenta uma conclusão deveras interessante derivada da observação peculiar de que, tanto as ideologias radicais, quanto as ideologias conservadoras, partilham valores comuns, seguindo-se que ao tratar o problema ideológico a partir de uma perspectiva científica a questão dos valores envolvidos não é relevante, sendo muito mais crucial o levantamento empírico das condições sociais.

A ideologia cumpre também, segundo Parsons, a função relevante de facilitar a aceitação pela sociedade mais ampla de um conjunto de 'conhecimentos científicos' produzidos por um corpo institucionalizado de pesquisadores.

A ideologia exerce, então, uma função de mediação entre os valores dos subgrupos leigos da sociedade e os padrões ditados pela comunidade científica. A noção de 'interesse', a qual deve ser melhor esclarecida por estudos empíricos, de determinados subgrupos sociais, explicaria e justificaria a seleção e a distorção de idéias como função da necessidade de integração entre os suportes da cultura científica e os demais grupos sociais.

A própria noção de conhecimento advem, para Parsons, da referência aos fatos empíricos e aos problemas de significado. Sendo, também, uma decorrência das relações entre o sistema social e o sistema de valores.

Na realidade, Parsons acredita que o conhecimento é resultante de um processo pelo qual um novo sistema de valores se torna institucionalizado na sociedade e em alguns de seus subsistemas. A posição parsoniana desabsolutiza a questão ideológica, tornando-a meramente consensual.

A indicação mais precisa que Parsons oferece para o estudo das ideologias consiste em remeter o interessado à análise dos problemas e dilemas das profissões aplicadas, ou técnicas, as quais oferecem um campo bastante amplo para o exame das ideologias, de vez que os profissionais, nestes campos de atuação, convivem com disciplinas acadêmicas, mas se veem constrangidos a um contact direto com setores não-acadêmicos da sociedade.

Tanto a concepção de Herbert, quanto a contribuição de Parsons poderiam ser incorporadas na análise crítica da teorização sobre organizações visando determinar os fundamentos ideológicos deste campo de conhecimento, sempre buscando seu aprimoramento como ciência. A noção de interesse pode ser plenamente incorporada aos estudos organizacionais e esta noção pode servir como um formidável elo entre a micro e a macro análise evitando-se o reducionismo metodológico ou a crítica vulgar que se faz a teoria das organizações como mero reflexo ideológico.

Tema VII:

Em busca do critério de demarcação.

Afastada a lógica indutiva, o problema da demarcação se constitui no problema central da epistemologia. Sabemos que para Popper o critério de demarcação surge de uma proposta de acordo ou convenção, pois o objeto de discussão desta questão ultrapassa a argumentação racional, - sendo inegável o auxílio de idéias metafísicas no desenvolvimento de uma ciência.

Popper observou, que as regras metodológicas simplesmente definem as regras do jogo científico e não necessitam qualquer espécie de 'rationale', isto, entretanto, tornou impossível a postulação da resolução do problema central - a demarcação. Lakatos criticaria Popper por não ter dado solução ao problema da confiabilidade, da credibilidade das teorias científicas. Nicholas Maxwell o critica por não ter resolvido o - problema da demarcação que era o objetivo central de sua obra. Isto aconteceu, porque Popper, segundo Maxwell, tentou reduzir este objetivo a ou tro ainda mais fundamental, a descoberta e a eliminação de erros pelo trabalho científico. O que significa privilegiar o maior conteúdo empírico - das teorias. Para Maxwell, isto se constituiu num erro, porque não é possível equacionar poder explanatório a um alto conteúdo empírico. Maxwell criou um novo problema que consiste em responder porque o objetivo da - ciência em obter o maior poder explanatório é um objetivo racional respal - dado na tese metafísica da simplicidade estrutural, pois se o mundo for - terrivelmente complexo quanto mais aproximássemos nossas teorias de sua capacidade explanatória, tanto mais nos estaríamos afastando da verdade.

O problema da demarcação torna-se, portanto, o problema da racionalidade do empreendimento científico. É, na verdade, o exame desta racionalidade e de suas condições de possibilidade que conduz o proble - ma da demarcação, conhecido por Hume, central na teoria do conhecimento - de Kant, e deixado sem solução por Popper.

O trabalho de Nicholas Maxwell - 'The Rationality of Scientific Discovery' - pode ser comparado a algumas das posturas de - Jurgen Habermas sobre a ciência. Inicialmente, Maxwell discute a possibi - lidade de que as teorias científicas não possam ser refutadas experimental - mente com absoluta certeza, isto devido em parte a posição de Dúhen quan - to ao teste experimental, que apenas se aplica a um grupo de teorias e nunca a uma teoria singular e mais, especificamente, ao fato de que é vir tualmente impossível ter certeza da verdade da hipótese falsificadora. E - xiste, sempre a possibilidade para Dúhen de que a falseabilidade leve a - rejeição de uma teoria verdadeira. Ou, ao menos, é impossível refutar lo gicamente a possibilidade desta ocorrência.

Em apoio a D-thesis se argumenta que a inerente fraqueza da evidência indutiva interfere não apenas nos problemas de verificabilidade, mas e sobretudo, nos problemas de falseabilidade. Apenas um conjunto de hipóteses pode ser falseado, donde a falseabilidade de uma hipótese individual requer um processo indutivo, pois como Duhem escreve, na Física - são testados conjuntos de hipóteses, e com a falseabilidade o que o cientista aprende é que, ao menos, uma das hipóteses não pode ser aceita ou deve ser modificada, mas o experimento não designa qual, o que leva de volta a indução. O problema que Duhem apresenta pode ser taxado de circularidade, ou de mera consequência do que se escolhe significar por hipóteses ou por evidência. Além do mais, a distinção entre hipóteses e proposições de evidência é certamente contextual na ciência, ou seja, uma proposição pode ser hipotética com respeito a uma proposição e uma evidência com relação a outra. As bases da evidência de novas teorias incluem hipóteses aceitas de teorias anteriores. Entretanto, é inegável que a argumentação de Duhem torna necessária a introdução de afirmativas auxiliares para a derivação de evidências das hipóteses. Isto, implica na retenção de qualquer hipótese - como parte da explanação de uma evidência desconfirmada. Lakatos lembraria que a reconciliação de uma teoria com a evidência desconfirmatória é sempre uma opção.

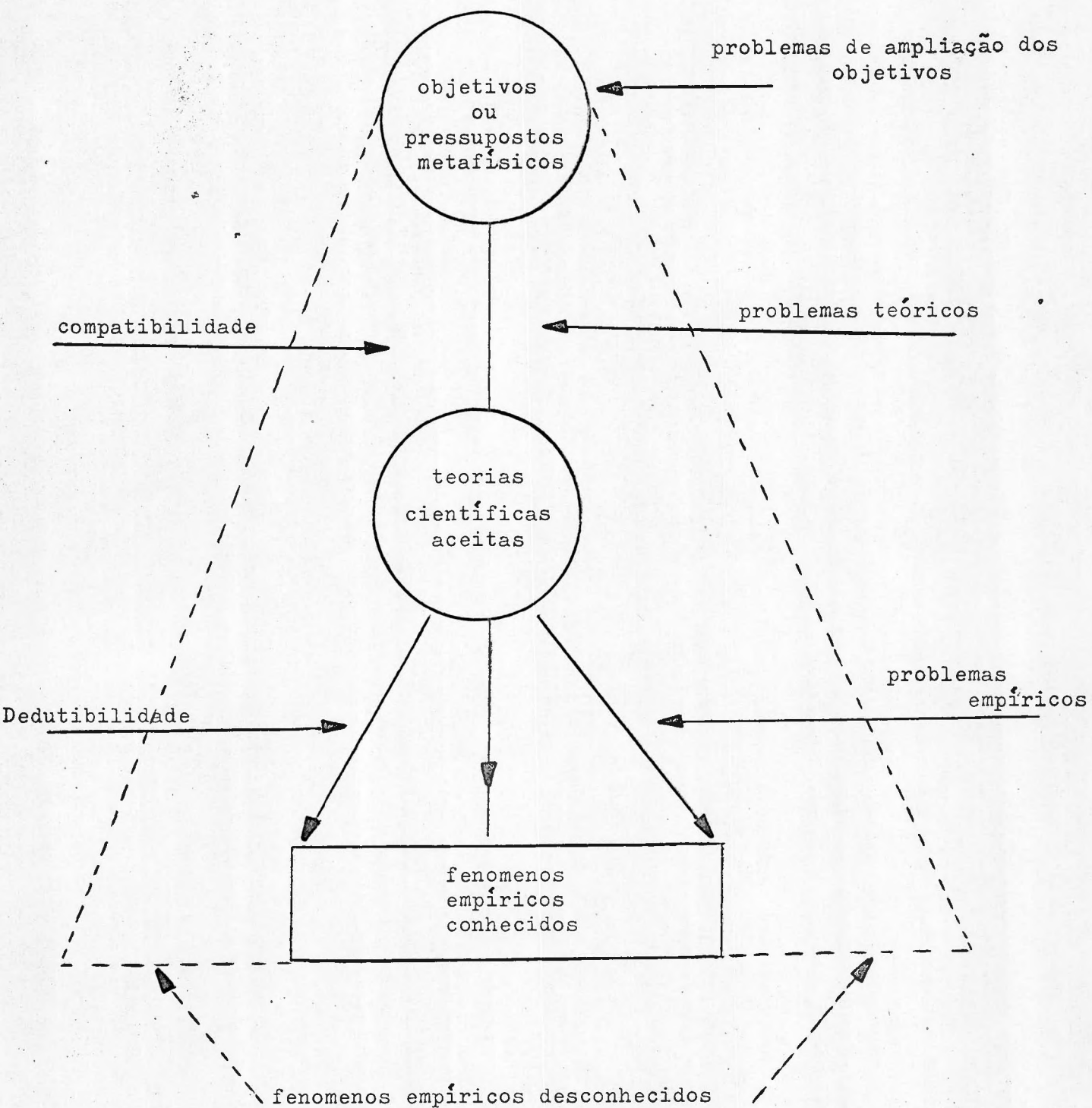
O conceito de explanação passa, nestas posturas, a depender fundamentalmente dos desenvolvimentos metodológicos. A questão da racionalidade deixa de ser meta científica e o momento da descoberta científica deixa de ser meramente especulativo para incorporar-se aos canones metodológicos e com isto temos possibilidade de traçar os critérios de demarcação. Maxwell observou que, para vencer o ceticismo da argumentação de Hume, é necessário rejeitar o empirismo e adotar o empirismo orientado por um propósito. Desde o início, esta postura é comparável a noção de interesse que aparece em Habermas.

Maxwell procura articular uma teoria da descoberta científica racional que apresente a ciência como empreendimento racional. O problema consiste em detalhar as implicações para a prática científica que surgem da rejeição do empirismo convencional. Pois, uma vez aceito o empirismo dotado de propósito é necessário construir uma metodologia ampliada, cujo ponto crucial está na avaliação racional e no desenvolvimento de diferentes objetivos para a ciência. 'Scientific method is in essence a method of rational scientific discovery, a procedure for choosing the best possible line of inquiry in the changing circumstances of scientific research'. Maxwell (ob. cit. 1974: 247)

O empreendimento científico é, portanto, dotado de um ideal de racionalidade. Isto não significa afirmar que a prática corrente da ciência seja inteiramente racional. Na realidade, grande parte dos es -

forços científicos de nosso tempo se tem caracterizado por considerável irracionalidade. Isto se deve a uma institucionalização científica embasada no falso ideal do empirismo convencional que afirma não ser possível a existencia de um método racional de descoberta, um procedimento racional de escolha entre objetivos rivais de pesquisa, ou teorias rivais, e mesmo entre posições epistemológicas rivais.

O objetivo da ciência é desenvolver teorias científicas estáveis que fornecem articulações cada vez mais precisas e completas dos pressupostos metafísicos e que, ao mesmo tempo, sejam capazes de predizer com sucesso a ocorrência de um número cada vez maior de fenômenos empíricos.



Neste contexto, escolher entre diversas linhas de pesquisa passa a ser mera questão, de sorte, ou 'hunch'. Para o empirismo convencional, qualquer tentativa de escolha entre objetivos rivais de pesquisa - consiste, se tanto, numa especulação apriorística. 'Just that which aim - oriented empiricism asserts to be the most important thing to do if we are to pursue science in a rational fashion becomes something altogether - disreputable and unscientific once we accept standard empiricism'. Maxwell (ob. cit. 1974:248).

O resultado é o inegável esvaziamento e esterilidade da articulação científica, sendo o sucesso atingido, unicamente, por cientistas que prestaram apenas uma obediência hipócrita ao empirismo convencional. A ciência normal e a ciência extraordinária de Kuhn descreveriam um pouco esta situação, de ausência, no primeiro caso, de um terceiro nível de análise metodológica que a ciência incorpora num momento de crise interna.

Tudo isto, para Maxwell, aponta para a importância da investigação da prática científica orientada por um objetivo. Para tanto é necessário tocar no problema crucial da simplicidade ou inteligibilidade, pois toda a ciência ortodoxa que exclui as proposições metafísicas fracassa em demonstrar que a ciência é um empreendimento racional, porque não pode excluir a possibilidade de sucesso empírico de teorias aberrantes. O objetivo é desenvolver teorias que sejam progressivamente mais e mais bem sucedidas empiricamente, e ao mesmo tempo, mais e mais articuladas aos pressupostos metafísicos. Assim, o mais importante problema e o mais difícil que a ciência pode enfrentar é precisamente o problema da descoberta de um objetivo metafísico, suscetível de apoio empírico, e de desdobramentos. Tal fronteira deve ser, mais ou menos, verdadeira, relativamente precisa e específica, possibilitando a delimitação de novas teorias, isto é precisamente a - busca de um método de descoberta. Cabe perguntar, se a noção de paradigma, sua institucionalização não contribuíram, sobretudo nas ciências sociais, para a maioria dos insucessos, sendo, então, a existência destes paradigmas e não como se pense frequentemente sua não-constituição, a razão fundamental da imprecisão apontada por Popper. Porque o cientista social pode estar considerando apenas teorias compatíveis com o paradigma no qual se insere. Entretanto, longe de ser um problema inexistente, ou pequeno, a escolha de um objetivo metafísico, de um propósito para a ciência é o mais crucial metodo logicamente, e permanece irreduzivelmente especulativo e conjectural, vulnerável e suscetível ao erro, o que poderia justificar o abandono da preocupação com a descoberta ou com a racionalidade. Mas, sabemos que toda a metodologia científica se apoia na escolha metafísica. 'Because choosing the best blueprint is both supremely important, and difficult, it is just here, - above all, that we need to be as rational, conscious, deliberate and careful as possible'. Maxwell (ob. cit. 1974: 251)

E o que se vem fazendo na ciência paradigmática atual é varrer este problema para debaixo do tapete, quando o problema epistemológico ou metodológico fundamental é o problema do objetivo da ciência. Como escolher mais racionalmente o objetivo da ciência. Mesmo para as ciências consideradas empiricamente bem sucedidas e maduras permanece a necessidade de aprimorar e alargar o objetivo epistemológico. Pois a ciência - sempre se debate entre a necessidade da posse de axiomas bastante amplos e não restritivos e a necessidade de que tais axiomas sejam estreitos o bastante par possibilitar as definições teóricas. Ora a decisão da escolha de axiomas é uma decisão de compromisso e compromissos necessitam ser constantemente retificados. O método racional da descoberta consiste precisamente em conviver com e vivificar este compromisso, constantemente. - 'It hope, clear that, from a rational standpoint, one would expect the need for thi constent, agonized reappraisal of one's basic aim or blueprint to persist as a science evolves, however empirically successful and 'mature' that science may become'. (ob. cit. 1974:254). Assim, tanto mais bem sucedida uma ciência empírica, tanto maior necessidade, dum ponto de vista racional, da articulação de suas teorias e axiomas cada vez - mais estreitos e ao mesmo tempo, cada vez mais dotados de possibilidades de alargamento.

O objetivo racional da ciência é, portanto, desenvolver teorias testáveis que permitem a mais completa articulação da meta metafísica e que ao mesmo tempo, sejam capazes de predizer um maior número de fenomenos empíricos. Os problemas da ciência procedem, portanto, de três níveis, problemas empíricos (que são basicamente problemas de dedutibilidade e de possibilidade de subsumir leis). Num segundo nível, teremos os problemas teóricos (que são basicamente problemas de compatibilidade e - incomensurabilidade). No terceiro nível, encontraremos os problemas de articulação dos objetivos metafísicos. Se o conceito de paradigma, (como parece ocorrer, sobretudo em Kuhn, menos em Feyerabend) não tocar neste terceiro nível de análise, ou se a ciência atual não se preocupar com isto , as possibilidades de alargamento dos conhecimentos serão desde o princípio drasticamente reduzidas. Os problemas teóricos surgem precisamente, - porque as teorias aceitas não são capazes de articular o pressuposto metafísico, pois, minimamente, Para realizarem esta articulação não podem ser incomensuráveis. Assim, do mesmo modo como são rejeitadas leis empíricas, as teorias incompatíveis com o propósito metafísico devem ser rejeitadas.

Vemos que Maxwell está na realidade situando o problema de demarcação na solução dos problemas teóricos e dos problemas do objetivo da ciência, como veremos, - tal postura é análoga as proposições de Habermas. Ao suprimir os pressupostos metafísicos, o modelo ortodoxo da

da metodologia suprimiu toda a esperança de racionalidade, e talvez mesmo, toda a possibilidade do desenvolvimento de novas teorias através da articulação axiomática.

Maxwell sugere que uma ciência madura procede modificando progressivamente, seu objetivo metafísico de forma consciente, articulada, pública, respondendo as pressões empíricas, dentro de uma postura crítica - que pode conduzir a modificações dramáticas ao nível de teoria científica. Neste sentido, a ciência é a 'revolution in permanence' de Popper. Ou, como diz Maxwell, um desenvolvimento contínuo e racional ao nível dos axiomas pode ser distinguido na ciência, quando ao nível teórico, tudo é descontinuidade e revolução.

Tocar e apreender este terceiro nível paradigmático, eis o problema. Para este nível as regras metodológicas são de modificação, de descontinuidade, mas, produzem o efeito oposto de fluxo contínuo. Ao nível teórico, as regras são de continuidade de elaboração do paradigma, e produzem crises científicas.

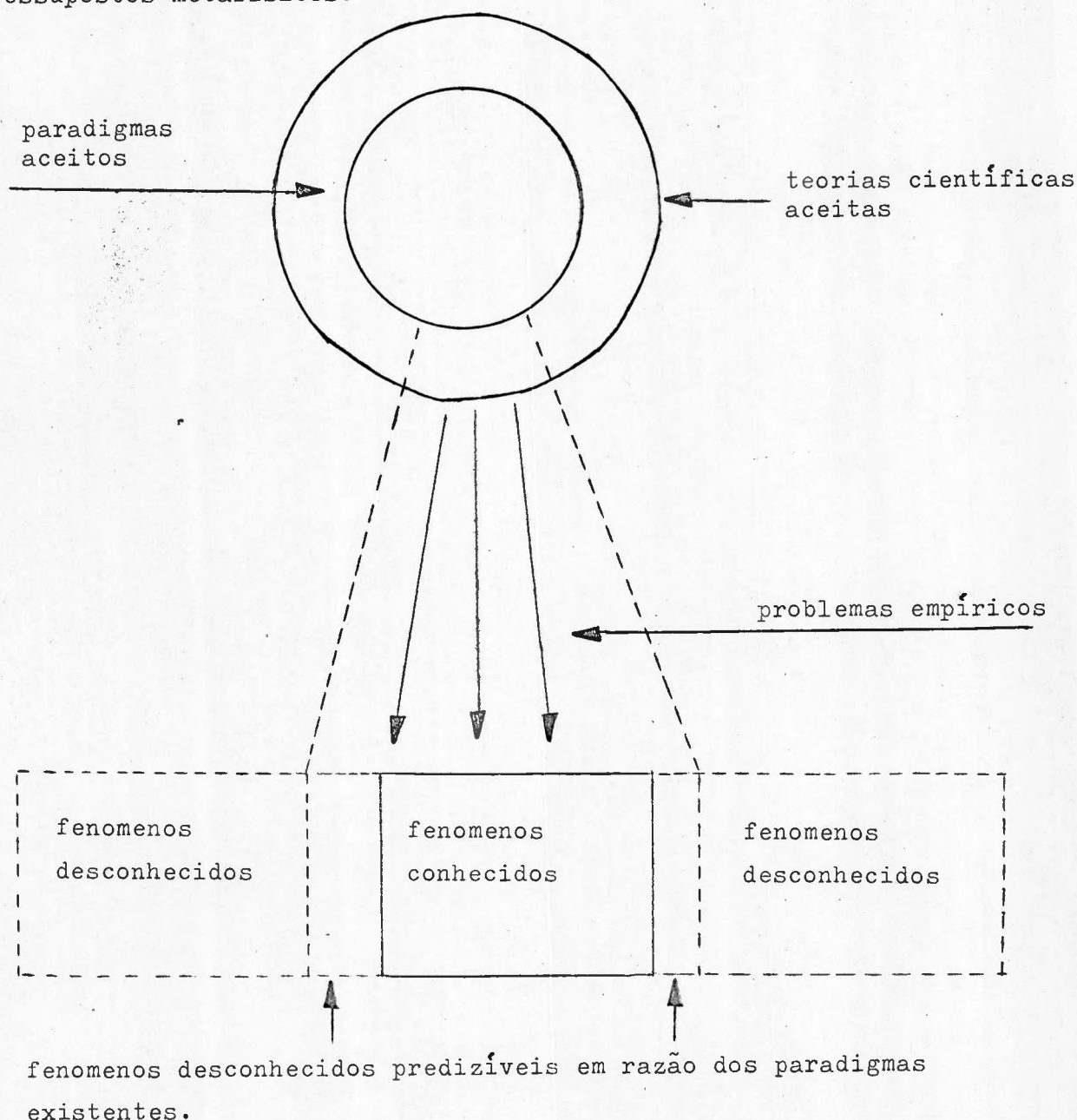
Maxwell propõe algumas regras para o trabalho neste terceiro nível. 'Ceteris paribus' a escolha deve recair em propósitos inteligíveis, simples, coerentes, harmoniosos, explanatórios, unificados, estéticos. Se a partir daí obtivermos sucesso empírico, devemos de modo não arbitrário, estreitar nosso propósito metafísico. Se, ao contrário, enfrentarmos dificuldades empíricas devemos ampliá-lo. Depois, deve-se escolher propósitos - que mais facilmente se prestem ao desdobramento empírico. Dai, passar a escolha de regras de aceitação que racionalmente possam alterar-se com a alteração dos propósitos. Tais regras determinam como as regras metodológicas - do segundo nível devem ser escolhidas. Recorda-se aqui, que até agora, todas as preocupações com o método científico, tem tratado o problema em termos - do nível um (como subsumir leis) e nível dois (como entender e analisar semanticamente as teorias científicas). Entretanto, o problema do método científico é um problema de nível três (ou seja como diferentes propósitos dão lugar a diferentes regras racionais de aceitação).

Em ciência social, os propósitos, a partir dos quais foram formuladas as teorias de sociedade, devem ser detectados. Habermas, claramente, tenta detectá-los através da noção de interesse. Que pode ser entendido como seu critério demarcatório.

As regras fundamentais da ciência são as regras de seleção racional dos axiomas básicos, delas decorrem as regras de aceitabilidade ou rejeição, e se a racionalidade exige a constante mudança intrínseca - dos axiomas temos como decorrência lógica a mudança das regras de nível - dois à medida que prossegue a articulação axiomática. Algumas das regras metodológicas de terceiro nível são apriorísticas, como a necessidade de inte

ligibilidade e estética e a necessidade de escolha de propósitos mais suscetíveis de desdobramento empírico. Outras são empíricas, isto pode constituir-se na explicação do porque a ciência é um empreendimento problemático. Pois, na raiz do método reside o dilema de privilegiamente de uma postura. - Identificar e resolver problemas teóricos ou de compatibilidade dá ensejo à formulação do método racional de descoberta.

Versão mais sofisticada do modelo ortodoxo (pg.120). Neste modelo os problemas provavelmente mais importante do ponto-de-vista do desenvolvimento do conhecimento, a saber, os problemas teóricos e os problemas filosóficos foram suprimidos, extinguindo toda a possibilidade de ampliação racional destas pressuposições, suprimindo-se, igualmente, qualquer possibilidade de desenvolvimento de novas teorias, através da articulação dos pressupostos metafísicos.



Os problemas empíricos só adquirem relevância, neste contexto metodológico se forem importantes na articulação dos problemas de compatibilidade teórica ou ampliação do conteúdo proposicional axiomático. Desta forma o progresso científico não se dá meramente pela ampliação do conteúdo empírico das teorias, mas e sobretudo pela exigência de maior inteligibilidade axiomática. As teorias (nível dois) devem ser portanto mais e mais inteligíveis, ou seja a ciência busca descobrir a inteligibilidade inerente nos fenomenos. Isto significa um afastamento das posições convencionalistas e nominalistas que reduzem a explanação ao nível de uma conveniente sistematização do conteúdo empírico da ciência, numa série de leis. No empirismo tradicional a noção de explanação é altamente problemática, mas deixa de ser problemática se a ciência possuir um propósito racional. A objetividade problemática para o empirismo convencional, passa a ser dotada de valores, pois a ciência desvestida de valores não pode ser racional. A demanda da objetividade é uma exigência da inteligibilidade que, por sua vez, é mais fundamental na ciência que a objetividade 'per se'. A idéia de que a objetividade é uma exigência da inteligibilidade possui uma consequência extremamente importante. Tornar a realidade empírica objetivamente inteligível tem como consequência necessária desvendar um universo muito, muito estranho, e não familiar, e simples. A racionalidade é o critério supremo deste universo empírico. Tal racionalidade deve ser apreendida pelo método científico dentro do dilema da extrema flexibilidade e da extrema precisão.

Não é possível, nesta postura desenvolver uma metodologia científica fixa, imutável, pois decorre da necessidade racional modificar os critérios de captação da inteligibilidade. E a idéia de que as posturas metafísicas estão 'firmemente estabelecidas' e são 'imutáveis' no interior de um paradigma científico institucionalizado é um erro que a postura empírica convencional comete. Na realidade, fazer ciência é dispor-se a escolher propósitos sob uma constante crítica racional. O grande problema, não é o problema técnico, mas seguramente, como a partir do desenvolvimento teórico reajustar o propósito, o método.

A racionalidade entra em crise, se as teorias não se podem resolver num terceiro nível de inteligibilidade, pela incapacidade de articular o propósito, o método científico. Pela impossibilidade de encontrar um critério de demarcação. Pois este só é dado pela mudança no terceiro nível que permitirá o ajustamento do segundo nível teórico, de aceitabilidade e rejeição. Como diz Maxwell, (ob. cit. 1974:293) 'Science pursued in accordance with aim oriented empiricism takes us beyond the Kuhnian dichotomy of normal and revolutionary science'.

Nas ciências sociais a dicotomia de Kunn é desastrosa e a nível de pratica científica e real, a própria sociologia surge como uma proposta de liberação dos propósitos metafísicos, e se encaminha para o debate quase esteril da objetividade.

Entretanto, sem um acordo de propósito, não se tem ciência. Pois, é a partir deste acordo que se constitui o nível dois de aceitação ou rejeição de teorias. Talvez, isto implique na rejeição dos modelos analógicos que a ciência social tem sido pródiga em usar. Sobretudo o modelo natural.

Toda esta problemática está em Habermas, quando adverte que uma ciência formal dissociada da reflexão transcendental torna-se cega à sua genese. O que aconteceu ao positivismo, que se tornou irracional em nome do rigoroso conhecimento, num objetivismo que iludiu a ciência - com a imagem de um mundo auto-subsistente de fatos estruturados por leis. Habermas localiza o momento de auto-reflexão, primeira da ciência, em Peirce e Dilthey. Nas críticas pragmáticas e históricas do sentido, investigando os interesses constitutivos do conhecimento, que a epistemologia reduzida à metodologia deixara de pensar.

O conceito de interesse procura evitar a redução das propriedades lógico-transcendentais às empíricas.

Para Habermas, as ciências empírico analíticas, nomológicas permanecem ao nível de construção de teorias e de seu teste a partir de conexões hipotético-dedutivas de proposições que permitem a dedução de leis com conteúdo empírico. E que não se dá conta do status epistemológico do qual partem.

O critério de demarcação, para Habermas, se dá a partir da junção de duas noções fundamentais, conhecimento e interesse. É a auto-reflexão sobre estes interesses que permite a emergência da teoria crítica, que examina a relação entre interesses técnicos e práticos e suas respectivas formas de conhecimento e determina os critérios de validade apropriados aos diversos tipos de ciência. Este nível está, portanto, preocupado com valores e preocupado em mudar padrões de avaliação. Tanto Habermas, como Maxwell, partindo do interior de ciências distintas veem a problemática metodológica incorporando a auto-reflexão pública de seus axiomas. Habermas, denunciou, corretamente, que a ilusão da objetividade 'per se' escondeu a conexão entre conhecimento e interesse. Entre conhecimento e propósito. 'From knowing not what they do methodologically they (the sciences) are that much surer of their discipline, that is of methodical progress within an unproblematic framework. False consciousness has a protective function. For sciences lack the means of dealing with the

risks that appear once the connection of Knowledge and human interest has been comprehended on the level of self-reflection'. Habermas (Knowledge - and Human Interests, 1971: 315).*

As ciências retiveram da filosofia, justamente, sua característica mais empobrecida, a ilusão da teoria pura.

Habermas propõem três categorias de processo de investigação para demonstrar a conexão específica entre as regras lógico-metodológicas e o interesse constitutivo do conhecimento. Esta demonstração é a tarefa de uma filosofia da ciência crítica.

Há duas décadas atrás, Richard Rudner (The Scientist Qua Scientist Makes Value Judgments - Philosophy of Science, vol. 20, nº 1, - 1953) afirmou que a racionalidade científica deve dar-se conta das utilidades envolvidas na pesquisa científica. Pois, para aceitar qualquer hipótese o cientista deve decidir qual a probabilidade requerida para fazer a hipótese aceitável, o que equivale a calcular os possíveis resultados associados com a rejeição ou aceitação da hipótese. Isto significa afirmar que valores estão envolvidos na pesquisa científica. O problema metodológico crucial é determinar que valores devem estar envolvidos, na ciência racional. Assim, é possível concluir que a soma de evidências ótima é aquele - que maximiza a utilidade epistêmica.

Credibilidade racional e propósito constituem o critério demarcatório. Credibilidade e propósito voltados para a busca de evidências. Isto é tão verdadeiro para Habermas quanto é para Maxwell. Popper ao dar maior relevância ao problema das evidências tornou impreciso o critério de demarcação que procurava encontrar contornando o problema da indução.

* - Obs. Título Original: Erkenntnis und Interesse (1968)

Tradução para o inglês de J. J. Shapiro (1971).

Tema VIII :

Críticas à pretensão positivista de constituir a experiência sensorial como nível último da evidência.

Demorou largo tempo, até que o movimento hegeliano penetrasse nos países de língua inglesa de sólida tradição empírica. No início do século, entretanto, os neo-hegelianos Bradley, Green, McTaggart e Royce, pareceram a William James formidáveis antagonistas. O mundo hegeliano é rejeitado por William James, desde raízes emocionais e morais. Mundo que o - sufocava, 'with its infallible impeccable all-pervasiveness', um mundo que não permitia o refugio individual, diante da sociedade.

A repulsa de James é tão grande que ele dirá, 'Certainly, to my personal knowledge, all Hegelians are not prigs, but I somehow feel as if all prigs ought, if developed, by becoming Hegelians'.
(Essays in Radical Empiricism : 276)

Mas, as objeções de William James, também eram intelectuais, pois via claramente, que se as aparencias realmente são contraditórias, como afirmam os hegelianos, então, nem o mais alto poder sintetizador poderá salva-las. As contradições reaparecerão na síntese e o Absoluto terá que ser trazido como um deus 'ex machina' para conjurar as dificuldades que esta lógica prepóstera criar. As necessidades satisfeitas pela dialética hegeliana são aquelas de um espectador numa pantomima que longe de produzir perplexidade causam o arrebatamento do pensamento. Para James na verdade estamos diante da falácia de supor que cada relação faz uma diferença na identidade do objeto, e que a existencia individual é inseparável das demais existencias.

James contrapõe a Hegel e seus seguidores, Hume e Mill e vê a filosofia dividida entre racionalistas e empiristas, intelectualistas e sensacionalistas, idealistas e materialistas, monistas e pluralistas, dogmáticos e céticos. Interessante, contudo, é observar que James procurou combinar algumas destas tendencias.

James, tanto quanto Pierre não se preocupou com a definição formal de verdade, admitindo que a verdade consiste num acordo entre idéia, crença ou proposição e a realidade. O que devemos indagar é, em que consiste, este 'acordo com a realidade'. A resposta de James é a de que uma proposição deve ser aceita, em virtude, de suas conseqüências inferidas a partir de um método que lhes capta o sentido. Quando nós verificamos uma proposição descobrimos que é verdadeira, mas nós não lhe conferimos verdade. A verdade ou a falsidade pertencem a ela independentemente de nosso conhecimento e em virtude de sua relação com os fatos objetivos.

Contudo a verdade está apenas implícita no objeto e pode ser ou não explicitada.

Quanto, às crenças não-factuais, sua verdade repousa numa convenção que declina da verificação e diante das quais que se pode a-

firmar é que esperamos encontrar realidades exteriores que permitem ao real e ideal coincidirem.

A experiência na extensão em que é feita de operações refere-se a atos desempenhados por um indivíduo num dado tempo e lugar. Esta ênfase representa uma importante característica do pensamento empírico. Para o empirismo o conhecimento é primariamente conhecimento de objetos concretos e individuados de tal forma que dois objetos não podem ocupar o mesmo espaço e ao mesmo tempo. Espaço e tempo são os princípios da individuação, segue-se daí, que só existem homens particulares e fatos particulares. Esta ênfase nos particulares, na singularidade associa o empirismo a todas as formas de nominalismo e conceptualismo. Isto é, consequência de uma longa tradição de pensamento que vem de Aristoteles, Occam, Hobbes, Locke e Hume. Para quem os universais tem apenas a realidade das idéias ou de nomes, sendo necessária uma teoria de operações abstratas cujos conceitos derivam dos objetos concretos individuais. Entretanto, desde Platão e Aristoteles, o empirismo se debate entre o objetivismo e o relativismo. Muitos empiricistas se acreditaram realistas, mesmo materialistas. Nesta postura o conhecer é uma atividade passiva que apenas capta as impressões recebidas do objeto. Bacon e Locke claramente, subscrevem esta interpretação. Por sua vez, uma outra corrente no empirismo reconheceu a complexidade da relação - sujeito objeto do conhecimento, aceitando que o ato mesmo de percepção não apenas conhece, mas realmente cria o objeto. Nosso conhecimento não é função apenas objeto conhecido, mas de nossas operações de conhecimento. A tradição positivista pode ser agora examinada como uma versão estreita do empirismo, para a qual todas as operações devem ser físicas e se possível métricas. O pragmatismo é bem mais recente que o empirismo. C.S. Pierce, considerado seu fundador colocou em dúvida a faculdade da razão, assumindo, portanto, a postura empírica da ênfase no particular. Mas, sua demanda pela clareza das idéias deixou bem clara a noção de que a experiência é em si mesma uma interação entre o conhecedor e seu ambiente. O segundo princípio básico do pragmatismo é a forte crença na instrumentalidade por oposição à correspondência no teste das idéias. Dewey já afirmara que a ciência, a linguagem, o pensamento racional são instrumentos através dos quais fazemos ajustamentos buscando captar a realidade, 'The ultimately important thing about any theory is what it actually does, not what it says it does or what it author thinks it does, for these are often very different things indeed'. (The Nature of Physical Theory, 1936:5). Para o pragmatismo, em oposição ao positivismo, os significados são operacionais, e não existem regras de correspondência entre o mundo teórico e o mundo factual.

Testamos nossas idéias, em termos de saber, se estas idéias, em termos de saber, se estas idéias realmente fazem o que pensamos podem fazer. O operacionismo possui as mesmas raízes do positivismo lógico,

mas segundo, A.C. Benjamin (ob. cit. 1955 : 66), 'through revisions and reformulations it achieved a greater generality with an ever increasing ambiguity'.

Resta ao pragmatismo não a certeza sobre o mundo exterior, mas apenas a perspectiva operacional de que não tem significados separar a natureza do conhecimento da natureza. Todas as construções teóricas são indistinguíveis dos dados e não é possível a distinção behaviorista entre o que produz a reação e a reação em si mesma.

Ayer notou que uma das principais características do pragmatismo de Pierce, James e Dewey é seu dinamismo que coloca o pesquisador na posição de um inquiridor que se adapta e ajuda a modificar um modo cambiante.

O primeiro dos trabalhos de Pierce é 'The Fixation of Belief', no qual declara que há quatro métodos de estabilização de opiniões - o método da tenacidade, o método da autoridade, o método a priori e o método científico que é o único a fixar um conjunto de 'verdades' independente das crenças individuais, possibilitando às opiniões coincidirem com os fatos, cuja realidade não pode absolutamente ser negada.

Não existe, entretanto, a necessidade de um consenso unânime quanto à verdade científica, enquanto as teorias são testadas pela observação e constantemente ajustadas aos fatos empíricos. A razão para se confiar no método científico advém, para Pierce, de que este método corresponde à realidade mais que seus rivais. A natureza do mundo é tal que não esconde seus segredos da pesquisa científica. A experiência possui uma lógica própria diante da qual nossa razão deve ser treinada a se conformar mais e mais.

A hipótese fundamental, sobre a qual o método científico repousa, é de que existem objetos reais, cujo caráter é inteiramente independente de nossas opiniões. Estes objetos afetam nossos sentidos de acordo com leis regulares, e embora as nossas sensações sejam tão diferentes quanto as nossas relações com os objetos, através das leis de percepção podemos entender como os objetos são verdadeiramente. O que Pierce deseja não é a justificação da hipótese de que existem objetos reais, mas a justificação do esquema conceitual que tem como postulado a existência dos objetos independente de nosso pensamento ou percepção.

Em última instância, a ciência existe, tem sido feita e tem estabelecido verdades comuns. Contudo, a interpretação destas experiências, as teorias ou os sistemas conceituais advindos do mundo real permanecem abertas a críticas, 'What this comes to, in short is that the

method of science is victor in its own cause. We can safely conclude that the scientific method is the only one that gives us a good chance of having our opinions coincide with fact, provided that we already accepted the scientific point of view, which means, among other things, that we are using scientific method to determine what are the facts with which our opinions have to coincide. But then the acceptance of the scientific point of view is itself a decision. In the broad sense, in which any fundamental decision which affects the conduct of our lives can be said to come within the sphere of morals, it is a moral choice.' A.J. Ayer (ob. cit. 1968:35).

O fato de não existirem no corpo de conhecimentos científicos, senão hipóteses geralmente aceitas e de acordo com os fatos experimentais torna a verdade científica uma necessidade lógica. Por esta razão, a verdade será definida como aquela que prevalecer e a realidade como seu correlato. Assim, a opinião que detem a generalidade das aceitações é para Pierce a verdade e o objeto representado nesta opinião é o real.

Contudo, não é possível afirmar que a comunidade científica chegará jamais à unanimidade de opiniões. Portanto, para Pierce, em 'Survey of Pragmatism' a verdade independente da opinião individual é devida ao mero fato de ser o resultado predestinado, ao qual a pesquisa deveria conduzir.

Os julgamentos de percepção forçam sua passagem e apenas sua interpretação é que pode ser objeto de revisão, ou seja, quais as inferências que podem ser retiradas deles. Portanto, a questão da verdade resolve-se na questão do método. E, o único método capaz de ser aplicado, coletivamente, as experiências similares e conduzir a resultados similares é o método científico. Em suma, o mundo é constituído de tal forma que apenas na base de fenomenos que são publicamente testados, apoiados em leis que são válidas para as experiências de todos, que as predições podem alcançar um moderado grau de sucesso. A definição formal de verdade é um conceito ocioso. E uma teoria da verdade nos deve devolver à teoria do método científico.

Pierce leva a abordagem operacionalista a excluir de modo restritivo da categoria de termos factuais não apenas aqueles fatos não diretamente perceptíveis, mas também, os que se referem a disposições e não a ocorrências. Para Ayer as afirmativas observacionais devem confirmar uma teoria, mas não podem ser encaradas como expressão de condições necessárias e suficientes da veracidade das afirmativas teóricas com as quais estão correlacionadas. Devendo ser rejeitada a tese do operacionalismo sempre que significar a redução de todas as afirmativas empíricas a afirmativas observacionais. Pois, o significado de uma expressão e seu conteúdo factual não devem se confundir. Se o conteúdo factual possui a dimensão da teoria, então não será possível predizer além das predições já feitas.

A posição de Pierce é fruto de uma decisão ontológica de contar apenas com o que é diretamente observável. Deste modo, as afirmativas teóricas que não estiverem construídas de forma a possuir um referente empírico direto servirão apenas para ligar uma afirmativa observacional a outra e predizer o que será observado com base no que foi observado.

Porém, o conceito de realidade para Pierce está bastante - distanciado do conceito transcendental da natureza, Kantiano, e também não se confunde com o conceito positivista kantiano de um mundo de fatos.

O sistema de referencia é um processo de inquirição que se inicia, quando as visões prevalescentes se tornam problemáticas e termina por suprir uma estratégia para se chegar a eliminar as dúvidas emergentes por novas certezas. Sendo falso o raciocínio fundado em princípios primeiros (racionalismo), ou em fatos últimos (empirismo). Desta forma, não existe conhecimento que não esteja mediado por conhecimento anterior. Mesmo a mais simples percepção é o produto de um julgamento, ou seja, de uma inferência implícita. Não existem fatos não interpretados, como também os fatos não podem ser reduzidos às nossas interpretações. Toda a base empírica é mediada por interpretações inferenciais implícitas ligadas a sinais representacionais. Assim, mesmo as percepções ocorrem numa dimensão de representação semiótica. Por outro lado, a base empírica não pode ser totalmente mediada pelo pensamento, o que afasta Pierce da corrente idealista. - Pierce entende a realidade como formada de proposições verdadeiras, da totalidade destas proposições, sendo verdadeiras porque subsistiram a testes e são intersubjetivamente reconhecidas. Para Pierce, o que a realidade é coincide com o que podemos dizer, verdadeiramente, sobre ela. Lembrando, - portanto, a identidade sujeito-objeto de Hegel.

Para o pragmatismo crenças são conceitos e o que separa o pragmatismo do positivismo é o entendimento de que a tarefa da metodologia não é clarificar a estrutura lógica das teorias científicas, mas a lógica dos procedimentos pelos quais se obtém teorias científicas. Ou seja, chamadas de informações científicas aquelas que obtiveram o consenso, quanto a sua validade. Pierce procurou demonstrar a indisputabilidade do conhecimento científico, demonstrando a possibilidade de institucionalização do progresso cognitivo. Neste sentido, a filosofia da ciência pode ser entendida como uma tentativa de elucidar a lógica do progresso científico. Pierce, apoiado em Berkeley e Kant, não sucumbe à atitude objetivista do positivismo. E empregando o conceito de lógica de uma maneira incomum, não se restringiu à análise das relações formais entre os símbolos, à forma lógica das proposições e dos sistemas de proposições, situando a lógica da inquirição entre a lógica formal e a lógica transcendental. Isto o conduziu para além das condições de validade das proposições, sem contudo chegar a

preocupar-se com as determinações constitutivas cognitivas de uma consciência transcendental. Mas tal como a lógica transcendental, a lógica da inquirição se estende à estrutura da constituição do conhecimento. Entretanto, - como um processo de inquirição a estrutura se materializa em condições empíricas, e o processo de inquirição significa a integração das conexões lógicas dos símbolos às conexões empíricas da ação num 'modo de vida' de uma comunidade de investigadores. O conhecimento deixa de ser simples descrição da realidade, mas não implica numa consciência transcendental, e sim num processo de aprendizado cumulativo. A realidade é um conceito transcendental. Pois, não existe uma única crença que possamos identificar 'a priori' como sendo, em princípio, certa e tendo validade definitiva. Assim, o pensamento de que a realidade corresponde à possibilidade de conhecimento não repousa numa fundação absoluta.

Se a realidade é definida pela totalidade das possíveis afirmações verdadeiras e se estas afirmações são representações simbólicas, as estruturas da realidade podem ser elucidadas a partir da estrutura da linguagem. O objetivismo positivista tornou qualquer epistemologia que transcendesse à metodologia extravagante e destituída de sentido. Em oposição a esta tendencia, então, seguramente, as obras de Pierce e de Dilthey, pois - na realidade tanto o pragmatismo como o historicismo significaram uma auto-reflexão sobre a ciência, embora nenhum destes autores conseguisse uma emancipação completa do positivismo que reifica o ser que conhece, como um fato entre outros fatos. Pierce demonstrou que a aplicação de proposições teóricas a uma realidade, só é possível dentro de um quadro transcendental que preforma a experiencia de um modo específico. Dilthey liga a possibilidade do conhecimento objetivo à condição de virtual simultaneidade entre o interprete e seu objeto. A simultaneidade desempenha para as ciências culturais o mesmo papel da repetibilidade da experiência no mundo físico. A irracionalidade da vida permite a existência do interprete no papel de observador não envolvido, mas simultaneo a seu objeto.

Habermas apontaria que tanto Pierce como Dilthey descobriram as raízes do conceito de interesses constitutivos do conhecimentos, mas não compreenderam o que isto significava pois influenciados pelo positivismo não viram a metodologia que descreviam como uma auto-reflexão da ciência.

A pretensão da experiência sensorial em constituir-se, como nível último de evidência, tem sido, duramente, atacada. As principais críticas partiram de Kant de Pierce, Husserl e Adorno, derivando, portanto, de correntes de pensamento bem diversas. Popper aceita estas críticas, quando diz que as observações implicam sempre interpretações à luz de experiências já feitas e de conhecimentos já aprendidos. Ou seja, os dados da experiência são interpretações no marco de teorias precedentes com as quais compar-

tem o caráter hipotético. A teoria das organizações desenvolve-se dentro do ideal positivista de ciência que assimila as ciências sociais às ciências da natureza. Em virtude desta assimilação domina nesta ciência um interesse cognitivo de caráter puramente técnico, e em consequência a teoria torna-se, para Habermas, incapaz de procurar pontos de vista normativos e idéias úteis para a orientação prática, assumindo uma atitude técnica.

Hans Albert em 'O mito da Razão Total' (La Disputa del Positivismo en la Sociologia Alemana, Adorno e outros, 1973:183) afirmaria que a utilidade de uma ciência social, assim concebida, não é negada de modo algum por Habermas, contudo, existe sempre o perigo do não reconhecimento de suas limitações, nascidas da tentativa de identificar a problemática prática muito mais global à aplicação técnica, muito mais restrita. A restrição da racionalidade à mera aplicação de meios tal como é postulada por esta concepção, obscurece a problemática dos fins num decisionismo ou na arbitrariedade de algumas decisões não sujeitas a uma elaboração reflexiva. Habermas propõe a superação dos limites do positivismo, dialéticamente, por uma razão, na qual é conatural a unidade entre teoria e 'praxis'. Habermas acredita que a herança hegeliana foi preservada pelo marxismo como filosofia da história orientada praticamente. Entretanto, como bem lembrou Albert o culto dialético da razão total é demasiado ambicioso para contentar-se com soluções 'particulares' e dificilmente seria possível superar, dialéticamente, as distinções entre fatos e decisões, entre enunciados nomológicos e normativos, entre teoria e estado factual, dissolvendo os diversos aspectos dos problemas e planos de argumentação em uma totalidade de razão e decisão postulada 'ad hoc'. Contentando-se a dialética com indicações, alusões e metáforas. Ora, as ciências positivas não se vêem, simplesmente, como um modo auxiliar de racionalização técnica, mas sobre tudo como um paradigma de racionalidade crítica que diante da dialética propugnada por Habermas reage com ceticismo, enquanto procura desvendar as conexões existentes entre teoria e prática.

Mas, é forçoso discordar de Albert, quando afirma que a hipertensão conceitual hegeliana não dá lugar senão a fetichização, a uma magia verbal. Na teoria da organização só a análise dialética pode pretender a justificativa objetiva da ação, enquanto totalidade determinante.

O pragmatismo, como Durkheim observou numa série de conferências na Sorbonne em 1913/14, constituiu-se numa reação às idéias do racionalismo tradicional. E num primeiro passo para a investigação da noção de interesses. De acordo com Kaplan (The Conduct of Inquiry, 1964:36) o pragmatismo é uma variante semântica do empirismo que se desenvolveu a partir do empirismo epistemico de Locke e Kant que julgavam a experiência como condição necessária do conhecimento. O empirismo semântico afirma -

que não só o conhecimento, mas também, o significado compõe a experiência. Duas das três principais variantes do empirismo semântico, o positivismo lógico e o operacionalismo preocupam-se com a possibilidade do significado ser estabelecido e com os modos de verificabilidade das proposições. Para o pragmatismo, o significado de um objeto é o efeito que este produz, - Dewey em 'Essays in Experimental Logic' (1916) afirmou que o que conta não é origem de uma proposição, mas seu resultado. Não são as conexões com a experiência anterior, mas com a experiência a ser instituída. A verdade - torna-se, de uma forma muito peculiar, dependente da ação humana. E se a ciência, sempre, admitiu que os fatos não falam por si mesmo, com o pragmatismo a função do componente lógico-teórico necessário ao conhecimento científico se tornou ambígua, justamente em virtude da influência hegeliana. Pois, para Hegel a dialética era uma nova lógica para a qual apenas o todo é realidade e, onde as entidades se fundem, umas nas outras, não sendo possível falar em verdade e falsidade como oposições agudas. Acreditamos, que é apenas com o pragmatismo, que surge um contraste paradigmático ao behaviorismo na tradição anglo-americana. A obra de Mead pode confirmar esta afirmação.

Mead, obviamente, postula a existência de uma realidade externa e relevante. Mas, como Cassirer, torna esta realidade conceptualmente irrelevante na formulação de sua epistemologia, negando a possibilidade de conhecimento ou presunção sobre quaisquer qualidades determinantes da realidade.

A plausibilidade da noção de perspectiva de Mead é inegável - e sem dúvida ocupa a posição de um axioma epistemológico. A idéia de perspectiva é crucial para qualquer abordagem teórica de uma realidade de mais de duas dimensões, uma realidade que incorpore uma terceira dimensão, o espaço, uma quarta, o tempo, e uma quinta dimensão psico-sociológica. Devemos andar ao redor de um objeto antes de conhecê-lo, e a simbolização torna isto possível. Mas, a consequência destas interações simbólicas é a de que o conhecimento é apenas o que pensamos que seja, sendo, portanto, um consenso derivado de uma síntese de experiências interacionais. Um universo de discurso é, simplesmente, um sistema de significados comuns, a própria universalidade e impessoalidade do pensamento é, de um ponto de vista interacionista, o resultado da cristalização no indivíduo de atitudes particulares de outros, formando um modo de ver, uma atitude, conhecida como 'the generalized other'.

O interacionismo simbólico explica como a integração das várias perspectivas é possível, mas não dá conta do ato real de integração ou não-integração de uma perspectiva no quadro de referência de um indivíduo.

É neste ponto, que a contribuição de Mead se afasta do behaviorismo e do positivismo. A influência hegeliana no pragmatismo é inegável conduzindo a que suas conclusões epistemológicas repilam o marxismo que postula a existência de uma realidade externa e determinante, passível de erros, de uma falsa consciência e de uma interpretação cultural construtiva. O pragmatismo assume que sistemas de símbolos determinam a forma pela qual percebemos a realidade, ou, que, a realidade percebida é a força causal por traz do emprego de símbolos.

Esta concepção sugere que a interação humana pode não ser tão racional e cognitivamente, dirigida, quanto certa teorias supõe.

Com Hume culmina o ceticismo originado por Descartes, destruindo a noção de que o indivíduo, apenas, registrava as imagens de um universo exterior real e ordenado. Kant tornou a possibilidade do conhecimento uma característica da mente, insistindo na distinção entre o que é conhecido cientificamente e o que não é passível de tal conhecimento. O primeiro envolve o mundo empírico e a razão pura, o segundo, o mundo moral e seu modo de inquirição é a razão prática. Hegel negou esta distinção Kantiana e insistiu na natureza factual do ideal. A história, as idéias, a cultura e os costumes tornam-se assim objetos da ciência. Contudo, estes significados derivam do conteúdo da mente. Este relativismo histórico é a parente na obra de Max Weber e de Talcott Parsons, quando se referem à internalização das pautas culturais e orientações culturalmente derivadas

George Herbert Mead rebelou-se contra esquemas que assumiam antecipadamente o conteúdo da mente e seu principal trabalho dedicou-se a pensar como a mente pode ter conteúdo, rejeitando qualquer realidade determinante, rejeitando a dicotomia 'interno' e 'externo' e tornando a noção de experiência. não apenas, os dados da ciência social, mas seu conteúdo teórico. Aparentemente, mas só aparentemente, Mead é mais behaviorista que os teóricos do acionismo social. Pois, em 'Mind, Self and Society' advertiu que mesmo o behaviorismo idealmente refinado explica, apenas, o comportamento do observado e não do behaviorista que observa.

Filósofos, tão diferentes, como James, Bergson, Dewey, Husserl e Whitehead concordam, que é o conhecimento de senso comum a origem de todo conhecimento de todo conceito científico e mesmo lógico e que todo conhecimento envolve construções mentais, sínteses, generalizações, formalizações, idealizações. Ora, o behaviorismo, altamente abstrato e adotando os princípios conceituais e teóricos das ciências naturais é incapaz de esclarecer certos problemas metodológicos das ciências sociais, sobretudo o problema do distanciamento do pesquisador. Neste ponto,

vale lembrar a advertência de Max Weber de que toda explanação científica do mundo social pode e para certos propósitos necessita referir-se ao significado das ações.

Peter Berger (ob. cit. 1966:105) considera a contribuição de G.H.Mead para a psicologia social como a mais importante teorização no campo das ciências sociais na América. A tradição do interacionismo simbólico permeou, rapidamente, diferentes perspectivas científicas, a sociologia do conhecimento, entretanto, permaneceu como tradição não-assimilada, embora seja flagrante a afinidade entre as posturas metodológicas do interacionismo e algumas das questões mais candentes da sociologia do conhecimento.

Historicamente, este fenômeno pode ser explicado, através, da dominância do paradigma behaviorista, o qual rejeitava explicitamente o principal axioma do interacionismo, ou seja, o reconhecimento de que a esfera dos fenômenos psicológicos é, continuamente, permeada por forças - sociais que, decididamente, moldam o comportamento.

Para o interacionismo, a realidade psicológica está em relação dialética com a estrutura social, pois o 'self' e a sociedade são entidades inextrincavelmente relacionadas. O behaviorismo, como sabemos, - está interessado em proposições sobre os fenômenos psicológicos, proposições que constituem a base de suas teorias sociais.

A relação dialética no interacionismo foi expressada por Mead nas relações entre 'I' e 'Me'. Em outras palavras, a socialização - produz a simetria entre a realidade objetiva e a realidade subjetiva, entre a identidade subjetiva e a identidade objetiva, porque cada sociedade contém um repertório de identidades que faz parte do 'conhecimento objetivo' dos seus membros. A psicologia, na tradição de Mead, admite que a sociedade não somente define, mas cria a realidade psicológica. A linguagem é tanto fundamento, quanto instrumental da construção da realidade social, porque constitui o principal meio de socialização do indivíduo. Sobre a base linguística se constroem os esquemas interpretativos, cognitivos e as normas morais, bem como os sistemas de valores e as visões teóricas articuladas do 'mundo'.

A sociedade ordena a experiência, pois a linguagem é inevitavelmente uma invenção social, dotada de facticidade, externalidade e - coercitividade. Indispensável se torna acrescentar, que os modelos psicológicos do behaviorismo são analisados, de uma perspectiva interacionista, como permeados numa formulação teórica mais ampla da realidade social. Os modelos psicológicos tornam-se parte de um 'conhecimento social do mundo', partes significativas da construção social da realidade.

Tema IX:

Ideologia e Ciência - Conclusões

A sociologia do conhecimento realizou a crítica ao empirismo positivista, mas não colocou nenhuma objeção à validade objetiva do conteúdo do conhecimento. Validade que é decidida por critérios epistemológicos. Apenas a seleção dos objetos do conhecimento é feita, através de critérios e perspectivas do interesse social. Parece ser indiscutível que a sociologia do conhecimento aspira um status científico, pela constituição de seu objeto. Entretanto, este mesmo objeto já é tratado por campos do conhecimento firmemente estabelecidos, como a epistemologia, a lógica e mesmo a psicologia. O objeto da sociologia do conhecimento é determinado pela reflexão sobre as tarefas e problemas da sociologia. Mas, também é verdade que não se construiu neste campo, uma teoria geral da sociedade e uma teoria geral das ideologias. Em qualquer caso, parece evidente que os 'insights' da sociologia do conhecimento, de modo algum obrigam a revisão dos pressupostos da epistemologia contemporânea. De fato, a sociologia do conhecimento não enriqueceu ou alterou o conjunto de problemas filosóficos do contexto de validação científica. Tudo o que a sociologia do conhecimento construiu está fundado numa tese fundamental que afirma a vinculação de cada proposição, de cada sistema de proposições aos interesses de uma classe particular. Como não é possível falsear esta afirmação, a sociologia do conhecimento permanece apenas um esquema interpretativo.

Como sabemos a epistemologia, afóra alguns princípios gerais, é interna a cada campo particular do conhecimento. E o que a sociologia do conhecimento propõe é justamente a primazia da visão externa. Ao discutir a igualdade das duas interpretações, parece-nos que a absoluta primazia deve ser dada à visão interna, pois apenas esta possui o fenómeno cultural como tema. A visão externa possui, somente, uma validade hipotética. Assim sendo, a própria definição do campo de interesses de uma sociologia do conhecimento surge do trabalho científico realizado em campos específicos de estudo. Na epistemologia contemporânea, o 'sociologismo' de Kuhn, Toulmin e Feyerabend é considerado degradante por demarcacionistas como Popper e Lukatos. Os temas centrais de Kuhn já se encontravam presentes na obra de Mannheim. Entretanto, Kuhn é mais radical que Mannheim, pois este acreditava que os 'fatos' possuíam uma existencia externa aos atores humanos, e que poderiam ser usados como uma fonte de referencia na determinação social do pensamento. Além disto, Mannheim acreditava que as ciências naturais seriam imunes às influências dos fatores sociais. Esta visão, sem dúvida, poderia favorecer algumas conclusões do positivismo. O trabalho de Kuhn demonstrou que a atividade científica é uma atividade social, e deste modo, sempre sujeita a influências sociais.

Mannheim está mais próximo às concepções de Popper e Lakatos sobre a ciência moderna, porque as duas direções de sua epistemologia enfatizam a 'compreensividade' e a 'função de neutralização', - desabsolutizando o conceito de determinação situacional do pensamento. A própria recusa em aceitar o relativismo aproxima Mannheim de Popper e o afasta de Kuhn e Feysabend relativistas radicais.

É inegável que a sociologia do conhecimento não possui fundamentação empírica porque não pode escapar ao dualismo entre os pres supostos históricos e a indispensabilidade de uma teoria psicológica do comportamento. A tese de Mannheim sobre a necessidade de ultrapassar o conceito particular de ideologia em favor da concepção de ideologia total não impugnou totalmente a base positivista do conhecimento, que con trasta a noção de interesses à concepção de ideologia. A noção de interesses é sobremaneira mais real. Diante desta noção a ideologia comporta-se como um conceito derivado, menos real, infinitamente, - mais abstrato.

Habermas procurou destacar a distinção entre a noção - psicológica de interesse de seu significado epistemológico. O conceito de 'Erkenntnis Interesse' se apoia na convicção de que as estruturas lô gicas e meta-teóricas das teorias e das informações científicas prede - terminam suas possíveis aplicações. Desta forma o conhecimento nomoló - gico pode, apenas, servir a interesses e aplicações técnicas. O conheci - mento histórico, por seu turno, pode apenas realizar uma auto-crítica da interação humana. A noção de interesse auxilia o estabelecimento das conecções entre a estrutura formal do conhecimento e a estrutura dos - possíveis contextos de uso. Interesses epistemológicos particulares man - tem a intersubjetividade capaz de articular as proposições científicas garantindo um consenso fundamental quanto a uma interpretação do mundo.

A noção de interesse torna a crítica epistemológica ne - cessária e mesmo crucial. Enquanto a noção de ideologia não consegue do - tar a sociologia do conhecimento de uma posição científica própria.

A teoria psicológica subjacente à posição de Mannheim - força a validade de suas proposições condicionando-as aos interesses - sociais. Isto leva ao relativismo extremo, cancelando, portanto, qual - quer pretensão de verificabilidade. Torna-se necessária a separação en - tre ideologia e interesses para que seja possível a construção de uma - epistemologia. Se a noção de ideologia for explicada pela noção de in - teresse, forma-se uma tautologia impossível de falsear.

O princípio de falseabilidade exige que uma teoria do -

conhecimento enuncie sob uma forma lógica e de uma maneira inequívoca um conjunto de proposições logicamente possíveis e não auto-contraditórias - em duas classes complementares. Uma compreendendo todas as proposições - que confirmam a teoria, e que são, portanto, compatíveis, e outra classe de proposições que contradizem a teoria. A primeira destas classes não pode ser vazia. A sociologia do conhecimento pretendeu construir sua ciência sobre a evidência empírica e a necessidade lógica, mas a lógica indutiva que invoca para unir estes extremos, provou-se inexistente enquanto lógica, não ultrapassando o significado de uma simples convenção. A indução proposta por Mannheim apenas efetua, em sentido inverso, o trajeto - das projeções ideológicas das formas de atividade práticas ou discursivas. A indução reencontra as formas de atividade que já receberam da experiência empírica a sua significação.

O problema da interrelação entre ideologia e ciência só - pode ser resolvido e mesmo, discutido, no interior das epistemologias particulares de cada um dos campos do conhecimento científico. A melhor visão global que podemos ter do 'problema ideológico' não está, provavelmente, nem em Mannheim, ou Kuhn, mas em 'Knowledge and Human Interests' de Habermas. Na teoria das organizações a questão ideológica pode, assim, - ser colocada em três níveis.

Poderemos ter uma ciência organizacional nomológica, voltada para as aplicações técnicas, de caráter puramente 'administrativo'. Dotando o estudioso de informações necessária para o desenvolvimento de uma atividade técnica, instrumental, racional e controlada. As organizações podem, também, ser incorporadas no interior de uma ciência histórico-hermeneutica, constituída por interesses práticos, destinados a estabelecer uma intersubjetividade de significados. E dotada de modos específicos de definição do objeto e de condições de validade que nada tem a ver com os critérios e definições das ciências empírico-analíticas. Por fim, poderá haver uma teoria organizacional interessada numa autonomia e responsabilidade que envolvem uma auto-crítica e uma reflexão sobre a sociedade.

III - O individualismo metodológico nas ciências sociais

Tema I :

Problemas de formação conceptual nas ciências sociais.

Um princípio metodológico tem sido defendido por proeminentes cientistas sociais e filósofos - o individualismo metodológico -. A aceitação ou rejeição deste princípio se encontra na raiz das mais sérias - tentativas de avaliação das tarefas, sucessos e fracassos das ciências so ciais. A controversia entre Kingsley Davis, - 'The Myth of Functional Analysis as a Special Method in Sociology and Anthropology' - e George Homans, - 'Bringing Men Back In' - não explicita os fundamentos filosóficos das posições dos dois professores americanos. C. A. Vapnarsky (ob. cit.

:1), procura a exposição filosófica do individualismo, metodológico, na obra de dois filósofos profissionais K. R. Popper e J.W.N. Watkins, de um historiador I. Berlin e um economista F.A. Hayek.

O individualismo metodológico, quanto a problemas de formação conceptual requer a explicação de termos coletivos, organizações, sociedade, etc. através de atributos individuais dos componentes desta coletividades. Esta é, claramente, a posição de Hayek. Já, Watkins insiste na importância da explanação dos fenomenos sociais, através de ação individual. Assim as discussões sobre o individualismo enfrentam os problemas da natureza dos conceitos sociológicos e das explanações sociológicas. Para Popper, o coletivismo metodológico não é o único caminho do historicismo, de fato o psicologismo também pode conduzir ao historicismo, sendo um subtipo de individualismo metodológico. Popper, ao atacar a versão historicista marxista, aplaude a rejeição que Marx apresentou contra o psicologismo, em sua crítica à postura de John Stuart Mill. Hayek ofereceu a mais veemente defesa do individualismo metodológico, ao atacar duas características - tradicionais do pensamento social, o objetivismo e o coletivismo, ambos negativos para o desenvolvimento da ciência social e o liberalismo político.

Ao objetivismo Hayek opõe a abordagem subjetiva. O cientista social, a seu ver, não estuda fatos ou coisas, mas ideias e cabe à ciência oferecer as generalizações de segunda ordem das idéias de senso comum. Como as idéias, só existem na mente dos indivíduos, não serão os métodos - das ciências naturais os mais eficazes para captá-las.

May Brodbeck, ('Philosophy of Science', 1954, 21:140) critica a posição de Hayek, por desconhecer que o comportamento, no interior de uma estrutura de relações, é diferente do comportamento individual. Uma coisa é afirmar como Popper, que a matéria-prima da ciência social são indivíduos e situações, outra bem diferente, é a afirmação de Hayek de que a penas os indivíduos são observáveis e que as relações entre indivíduos são observáveis, indiretamente. Hayek parece esquecer que as consequências inesperadas do comportamento de indivíduos podem ser explicadas pelas estruturas de relacionamento. Sua teoria dá total relevo ao trabalho de constru

ção científica a partir dos dados provisionais oferecidos pelas ações e pensamentos humanos. O abandono no antropofornismo não significa abandonar a crença em unidades naturais de análise, obtidas da 'mesma' entidade, em diferentes circunstâncias as quais alteram seus atributos perceptíveis. (1)

Hayek é enfático ao afirmar que o erro envolvido nas abordagens coletivistas reside em tomar como fatos, modelos construídos - pelo senso comum e que não passam de meras teorias provisionais. (2) Isso conduz à falácia da concretude mal colocada.

Os termos coletivos que usamos, diz Hayek, não designam entidades definidas, mas relações. Não significam uma coleção estável de atributos reconhecíveis, cientificamente, e as conexões supostas podem, efetivamente, não existir, pois, entre si, tais eventos individuais, por nós agrupados, podem diferir grandemente. São meras seleções teóricas, o que exige o teste das teorias para validarmos as conexões entre as partes, conexões que para Hayek derivam sempre de mentes individuais. (3)

-
- (1) To return to our more general conclusion : the world in which Science is interested is not that of our given concepts or even sensations. Its aim is to produce a new organization of all our experience of the external world, and is doing so it has not only to remodel our concepts but also to get away from the sense qualities and to replace them by a different classification of events.
F. A. Hayek (1955:23)
- (2) The paradoxical aspect of it, however, is, as we have seen before - that those by the scientific prejudice are led to approach social phenomena in this manner are induced, by their very anxiety to avoid all merely subjective elements and to confine themselves to "objective facts" - to commit the mistake they are most anxious to avoid namely, that of treating as facts what are no more than vague popular theories. They thus become, when they least suspect it, the victims of the fallacy of conceptual realism (made familiar by A. N. Whitehead as - the fallacy of misplaced concreteness.
F. A. Hayek (1955:54)
- (3) What we group together as instances of the same collective or whole are different complexes of individual events, by themselves perhaps quite dissimilar, but believed by us to be related to each other in a similar manner; they are selections of certain elements of a complex picture on the basis of a theory about their coherence.
F. A. Hayek (1955:55)

A crença de que o distanciamento e a visão compreen-
siva possam permitir a visão de totalidades, através de critérios objetivos,
é para Hayek uma ilusão. Quando um historiador fala do Estado, de uma ba-
talha, uma cidade um mercado, suas palavras cobrem coerentes estruturas de
fenômenos individuais, que compreendemos, somente, através da análise das
intenções dos atores individuais. (4)

A crítica de Hayek é incisiva e cobre todos os mo-
vimentos positivistas e historicistas. Isto o coloca contra Saint-Simon, 'Comte, Hegel e Marx, pela inabilidade que vê, nestes autores, para desen-
volverem uma teoria complexa dos fenômenos sociais. Pois, são incapazes 'de perceber como as ações independentes de muitos homens podem produzir to-
dos coerentes e persistentes estruturas de relacionamento 'Which serve
important human purposes without having been designed for that end'. (ob.'
cit. 1955:80). Creem os positivistas que nenhum resultado da ação humana -
pode demonstrar ordem ou servir a um propósito, a menos que, sejam o resul-
tado de uma deliberação racional, esquecendo-se o caráter propositado da
ação humana espontânea. As instituições humanas, embora sejam feitas pe-
lo homem podem não ser o produto intencionado de sua ação. O caráter das '
totalidades e o seu modo de interação não pode, ser dado pelas intera-
ções dos esforços individuais. A grande contradição das teorias cole-
tivististas está, em manter a afirmação, de que o todo é maior do que a me-
ra soma das partes, mas vincular a sobrevivência da sociedade ao controle
consciente das mentes individuais. Isto é tão verdadeiro, no caso de '
Durkheim, como o é no de Marx ou Hegel. (5)

(4) Theoretical and historical work are thus logically distinct but
complementary activities. If their task is rightly understood, there
can be no conflict between them. And though they have distinct
tasks neither is of much use without the other. But this does not
alter the fact that neither can theory be historical nor
history theoretical
E. A. Hayek (1955:73)

(5) "Philosophies or theories" of history (or "historical theories")
have indeed become the characteristic feature, the darling vice
of the 19th. century. From Hegel and Comte, and particularly Marx
down to Sombart and Spengler these spurious theories came to be
regarded as representative results of social sciences.
E. A. Hayek (1955:74)

Para Hayek, o campo da ciência social deve muitas das suas características ao acordo entre dois pensadores considerados como antípodas tradicionais, o idealista Hegel e o positivista Comte. Em muitos pontos, o pensamento destes dois homens apresenta curiosas semelhanças que levaram inúmeros autores a derivar suas próprias idéias de Hegel e de Comte. Esta longa lista inclui o próprio Marx, Engels, Feuerbach, Renan, Taine, Durkheim, Mazzini, Croce e Dewey.

Hegel havia colocado a pesquisa empírica fora do campo científico, Comte a constituiria, na totalidade da ciência. Porém, ambos acreditavam que a ciência empírica deveria ser puramente descritiva, confinada ao estabelecimento de regularidades entre os fenômenos empíricos observados. Ambos eram, portanto, fenomenalistas estritos, negando a possibilidade da ciência empírica transcender o momento da descrição na explanação propriamente dita. Explanações para Comte eram fútil metafísica, enquanto Hegel guardava as explanações para a sua filosofia idealística da natureza. Este fenomenalismo é, em última instância, cartesiano. Descartes acreditava que a mente é capaz de uma racionalidade compreensiva e as raízes desta racionalidade espalharam-se, por todas as correntes do pensamento moderno, obscurecendo a emergência das teorias de comportamento individual, porque tais correntes deram primazia à 'direção consciente' de todas as forças na sociedade

J. W. N. Watkins (ob. cit, 1953:725) vê em Max Weber alguma preocupação com os pressupostos do individualismo metodológico. Pois, a construção do tipo ideal holístico visava, apenas, uma compreensão superficial das principais características de uma situação social, enquanto o tipo ideal individualístico é construído pela observação de situações reais ocorridas com indivíduos, abstraindo-se os esquemas genéricos das preferências individuais, as diferentes espécies de conhecimento da situação que o indivíduo possa possuir e as diversas relações típicas entre indivíduos e entre indivíduos e seus recursos.

A concepção inicial de Weber pressupunha a possibilidade de captação dos traços essenciais de uma realidade histórica, através da completa abstração dos detalhes do comportamento individual. Watkins (ob. cit. 1953:727) procura demonstrar que o próprio Weber, tacitamente, abandonou os tipos idéias holísticos considerados, metodologicamente, impossíveis, favorecendo os tipos ideais individualísticos, como método de reconstrução dos fenômenos históricos. Weber descreveu os tipos ideais individualísticos, na primeira parte, de seu trabalho póstumo 'Wirtschaft und Gesellschaft'.

Neste trabalho, estabelece que processos sociais e eventos devem ser explanados por dedução dos princípios que governam a ação dos participantes individuais e com o auxílio de descrições das situações reais. O princípio contrário, o holismo metodológico, estabelecia que o comportamento individual deveria ser explanado, por dedução de leis macroscópicas aplicáveis ao sistema social como um todo e pela descrição das posições ou funções que os indivíduos exercem no sistema.

As afirmações de Watkins parecem indicar que a dificuldade em encontrar ou formular leis de caráter geral para a sociedade teriam conduzido Weber ao individualismo metodológico, ou pelo menos, à tentativa de formulação de hipóteses científicas a nível individual.

Não devemos esquecer, que Max Weber recebera as influências da segunda metade do século XIX, que na Alemanha desfecharam um violento ataque ao individualismo e à sociedade liberal. Ataque que conduziu ao fatalismo histórico e ao relativismo ético, tradições dominantes que se incorporaram ao pensamento weberiano, de modo a tornar posturas metodológicas holísticas, extremamente fascinantes.

As idéias de Hume, Voltaire, Adam Smith e Kant produziram o liberalismo do século XIX. Mas, ao findar deste século e no início do século XX predominavam as idéias anti-individualistas de Hegel, Comte, Feurbach e Marx e não há dúvida da influência destas idéias sobre o pensamento de Weber. Daí, decorrem as ambiguidades de sua metodologia submetida ao dilema de seu tempo, que se debatia entre privilegiar o indivíduo ou a sociedade.

A demanda universal pela ação consciente e/ou racional nos processos sociais torna-se a característica marcante da geração a que Weber pertence, geração que procura esquecer que consciência ou ação deliberada são o produto da mente individual. Hayek, a este respeito, lembraria a advertência de Whitehead, em 'An Introduction to Mathematics', 1911, - civilization advances by extending the number of important operations we can perform without thinking about them'.

Na realidade, Hayek lembraria que qualquer processo social, que mereça este nome, diferentemente, da ação dos indivíduos, é quase por definição não-consciente. O relacionamento espontâneo das forças sociais, constroi a estrutura social, a qual não poderia se produzida, apenas pela direção consciente de seus participantes. Por isto, Hayek enfatiza a importância do estudo do comportamento individual, como fonte de conhecimento do 'comportamento inconsciente' que, tanto o hegelianismo, quanto o positivismo desprezaram. E que, por consequência, não é objeto dos estudos de Mannheim ou de Weber, e mesmo do positivismo behaviorista

Nagel distingue dois casos de uso de termos coletivos nas ciências sociais. No primeiro caso, o termo, inequivocamente, se refere a uma classe de indivíduo, no segundo, não é possível enunciar, exaustivamente, os indivíduos que compõem o termo coletivo. Em outras palavras, a extensão do termo não pode ser especificada, donde a tentação de negar-lhe realidade. Nagel concorda com a posição de Watkins e propõe que o termo coletivo não necessite ser reduzido aos indivíduos, traduzido em termos individuais.

Kaplan, também rejeita o individualismo metodológico, se por isto, se entende, redução dos termos coletivos a termos individuais, 'What is true is that individuals and their properties and relations are the indications and references for collective terms; there is no other way by which meanings can be empirically specified'. ('The Conduct of Inquiry', 1964:81)

Nagel aponta duas falácias no pensamento de Hayek. A primeira faz a ciência social partir de observações de indivíduos e seu comportamento, entendendo que os termos coletivos são construções teóricas. A segunda falácia consiste em acreditar que as ciências físicas partem da observação de totalidades. Nagel procura, com isto, consolidar sua posição sobre a igualdade metodológica das ciências físicas e sociais.

Portanto, para Nagel não há necessidade de que os termos coletivos sejam, em princípio, definíveis, através de indivíduos.

Maurice Mandelbaum atacou o individualismo metodológico de forma diferente de Nagel, Brodbeck e Kaplan. Afirmou que não só podemos usar os termos coletivos, mesmo não definidos e sem extensão, como de vemos deixar alguns termos coletivos indefinidos no discurso científico sobre o comportamento de indivíduos. A argumentação de Mandelbaum foi rebatida por Watkins que afirmou que o conhecimento da irredutibilidade ou não dos fatos sociais é irrelevante, e o que importa é o problema de irredutibilidade ou não das leis sociológicas. O primeiro problema não ilumina o segundo. No seu modo de ver, ainda é possível afirmar a irredutibilidade dos fatos sociais, como faz Mandelbaum, e ser adepto da validade do individualismo metodológico.

Mas, o ponto forte das discussões sobre o individualismo metodológico, centra-se, em que a explanação dos fenomenos sociais deve ser feita em termos das ações dos seres humanos. Tal é a posição de Watkins que não ve a si mesmo como um reducionista, já que os indivíduos não necessariamente devem ser vistos do prisma psicológico, mas pode, permanecer anônimos. Apenas se lhes atribuindo, disposições típicas.

Para Watkins, existem somente duas alternativas exaustivas. Ou bem, os seres humanos são os únicos agentes da história, ou bem temos o holismo que acredita em agentes ou fatores superhumanos, o que conduz a explicar os eventos sociais, em termos não-humanos.

Para Nagel, não é possível a redução das teorias sociais a teorias psicológicas.

Pois, para que uma teoria seja redutível a outra duas condições formais precisam ser preenchidas, a condição de conectabilidade e a condição de derivabilidade. Desta forma, a redução, apenas opera se as leis experimentais ou teoria da ciência secundária forem uma consequência lógica das premissas teóricas da ciência primária. A derivação lógica é impossível, a menos que, as leis da ciência secundária contenham nenhum termo que não ocorra nas premissas teóricas da ciência primária.

Ora, a condição de conectabilidade não pode ser preenchida - porque nem todos os termos coletivos da ciência social são redutíveis a indivíduos. Quanto à condição de derivabilidade as leis aplicáveis a indivíduos não são suficientes para a dedução de afirmativas sobre grupos de indivíduos. Nagel oferece exemplos de tentativas não bem sucedidas de redução da macro e micro economias. Embora, tal redução não se tenha operado, isto não impediu a formulação de considerações metodológicas seguras na ciência econômica, o mesmo deve ser verdade para a ciência social.

A posição de Nagel deixa bem claro que o compromisso com a tese ontológica do individualismo metodológico não implica um compromisso com sua tese metodológica. Portanto, se está errado ao concluir que existe uma necessidade lógica de aceitação da tese metodológica, uma vez aceita a ontológica e as duas alternativas excludentes encontram sua origem na falácia da falsa disjunção. Mandelbaum afirmou que leis sociais não redutíveis a leis sobre o comportamento individual podem existir, embora não ofereça exemplos concretos. Nagel admite sua existência necessária.

A principal conclusão destes debates é a de que o individualismo metodológico e o holismo metodológico não são mutuamente exclusivos.

Popper apontou o perigo do abandono ou rejeição do individualismo, tanto para os propósitos científicos, como políticos. Neste sentido, é possível sugerir que o individualismo metodológico possui um 'status' epistemológico similar ao do behaviorismo, podendo ser extremamente útil como guia de pesquisa, ou um mal se exclui outras orientações.

Mas, é francamente possível entender as razões para a utilização do paradigma behaviorista nas ciências sociais, a partir da aceitação, 'Do preenchimento' das condições de conectabilidade e derivabilidade.

O princípio de Dewey sobre a autonomia da inquirição científica, nas palavras de Kaplan, estabelece que, - 'the pursuit of truth - is accountable to nothing and to no one not a part of that pursuit itself! (ob. cit. 1964:3), e justifica o posicionamento contrário à radicalização de posturas metodológicas. Vemos assim, na posição de Homans e na posição de Davies, uma contrapartida sociológica, semelhante ao posicionamento epistemológico que está subjacente às posturas de Argyris e Blau, por exemplo, na teoria das organizações. Homans e Argyris defendem o individualismo metodológico alicerçado numa teoria de comportamento humano. Enquanto Davies e Blau procuram excluir a necessidade de uma teoria de comportamento que fornecesse as explicações últimas, embora aceitem implicitamente as premissas do individualismo metodológico, e mesmo as exigências de uma teoria de comportamento humano positivista.

Não nos parece difícil aceitar que os conhecimentos sociológicos empíricos possam se reduzir, em última instância, às proposições da psicologia. Para tanto, não é necessária a dedução das proposições sociológicas da teoria psicológica, como propõem Homans e Argyris. Basta que os resultados empíricos das pesquisas sociológicas incorporem pressupostos comportamentais, tal como acontece nas obras de Davies e Blau. As condições para a redução não excluem a possibilidade de leis sociológicas. Exigem apenas a existência de dois campos de conhecimento com conjuntos observacionais distintos. Assim, as condições de conectabilidade e derivabilidade não necessitam utilizar um método direto de redução que exigiria a dedução de T_2 a partir de T_1 implicando complexidades intransponíveis, mas podem efetivar-se apenas e, simplesmente, pela redução empírica, uma vez que fique demonstrada a superioridade das explanações psicológicas sobre as sociológicas a respeito de um mesmo fenómeno

Tema II :

A controvérsia entre Nagel e Popper.

A rivalidade entre o individualismo metodológico e o
reducionismo psicológico.

Nagel, ao analisar os problemas metodológicos das ciências sociais, conclui que nenhum domínio da investigação social estabeleceu um corpo de leis gerais e foi, apenas, sob a inspiração das realizações teóricas da ciência natural que se construíram vastos sistemas de 'física social', que, entretanto, não resistem a uma análise cuidadosa. A própria construção das teorias de alcance médio, quanto a seu valor empírico é, ainda, um problema não resolvido.

A quase completa unanimidade que prevalece entre os cientistas naturais, também, não caracteriza os investigadores sociais. Portanto, torna-se importante, para Nagel, discutir os problemas fundamentais da estrutura de explicações das ciências sociais.

As primeiras questões importantes referem-se à investigação do alcance dos experimentos controlados, como uma condição 'sine qua non' da obtenção do conhecimento empírico e, em particular, do estabelecimento de leis gerais. E, a análise das afirmações, de que a possibilidade de dispor de procedimentos empíricos controlados é desprezível nas ciências sociais. O conceito de experimentação controlada deve ser entendido, menos em seu sentido estrito, e mais em seu sentido amplo de investigação controlada, onde se torna possível buscar deliberadamente situações diferentes que permitam observar o comportamento de um mesmo fenómeno, discernindo-se a variação de certos fatores e suas relações com as mudanças do comportamento do fenómeno observado. Importando pouco, se estas variações foram introduzidas pelo cientista ou não, considerando-se a experimentação como uma forma extrema de investigação controlada.

John Stuart Mill estava convencido que era impossível aplicar o experimento para o fim de estabelecer leis gerais nas ciências sociais, pois dois de seus cinco Métodos de Investigação Experimental, o Método da Concordância e o Método da Diferença eram inexplicáveis. O primeiro requeria duas situações para um dado fenómeno, que fossem, em tudo, diferentes, exceto por um aspecto que poderia ser identificado como causa ou efeito do fenómeno. O segundo, requeria que houvessem duas situações tais, de forma que o fenómeno estivesse presente em uma, mas não em outra, sendo semelhantes todos os aspectos, menos um, identificado, novamente, como a causa ou efeito do fenómeno.

A objeção de Mill funda-se no caráter, historicamente, condicionado e culturalmente determinado dos fenómenos sociais.

Nagel adverte, contudo, os críticos das leis gerais na ciência social admitindo sua possibilidade lógica, embora, não realizada.

As ciências naturais, frequentemente, formulam leis para 'casos ideais' de tal forma, que estas leis enunciam relações de dependência para casos limites, nos quais as leis se realizam, raramente, e por vezes, nunca. Em consequência, a análise de uma situação concreta - com a ajuda de uma lei, assim formulada, introduz suposições ou postulados adicionais para cobrir o abismo entre a lei geral e o caso concreto. Além disto, tais suposições e postulados são complexos e não se dá a menção explícita de todas as suas condições.

Portanto, o caráter, historicamente, condicionado dos fenômenos sociais não constitui obstáculo à formulação de leis transculturais de grande generalidade. A economia serve como exemplo de ciência social que tem formulado tais leis.

Quanto à objeção relativa às mudanças de comportamento - dos seres humanos, no interior das sociedades de que participam, a ciência deve estar acompanhada de noções, ainda que gerais, da proporção em que as propriedades investigadas podem ser alteradas devido à sua interação com o instrumento de medida.

Quanto à objeção de que o cientista social possui uma identificação empática com os fenômenos que investiga, Nagel lembra que tal identificação concerne às origens das hipóteses explicativas, mas - não, à sua validade. Pois, identificação não é conhecimento e não anula a necessidade dos juízos objetivos, avaliados de acordo com princípios - lógicos comuns a todas as investigações controladas.

Em resumo, nenhuma das dificuldades metodológicas que se consideram como obstáculos às explicações sistemáticas dos fenômenos sociais, é exclusiva destas ciências ou, intrinsecamente, insuperáveis. Importa realizar o exame das várias características estruturais ou formais que se apresentam nas diversas formas de explicação prevalescentes na investigação social.

Embora, os fenômenos sociais possam ser muito complexos, não se pode afirmar, que sejam, em geral, mais complexos que os fenômenos físicos ou biológicos, para os quais foram formuladas leis gerais, essencialmente universais. Igualmente criticável, para Nagel, é a postura do individualismo metodológico. Pois, embora, seja correta a suposição metodológica da interpretação dos termos coletivos da ciência social como designações de grupos e de seus comportamentos, tais termos não se definem, invariavelmente, a partir de tais indivíduos ou grupos, nem a suposição exige que os termos coletivos sejam, em princípio, definíveis deste modo.

Para Popper, os esforços metodológicos nas ciências sociais não conduziram, exceção feita, à economia, senão a grandes decepções. Popper classifica os cientistas sociais, quanto à sua atitude, em relação aos métodos das ciências físicas, em pro-naturalista e anti-naturalista, sendo que para Popper, nenhuma das duas correntes compreende os métodos da física. O historicismo apresenta-se como a teoria que tentou combinar estes dois tipos de atitudes. E as teses historicistas são, fundamentalmente, responsáveis pelo estado pouco satisfatório das ciências sociais.

As teses anti-naturalista do historicismo exaltam o papel da situação histórica. Qualquer método que admitisse as regularidades sociais estaria admitindo a noção de permanência e de finalidade que a história recusa. Nesta versão do historicismo, as leis sociais são produzidas pelo homem, por sua ação interveniente na história. A repetição real de uma experiência é tão impossível na sociedade, quanto o é num organismo biológico. Uma concepção deste gênero pode argumentar que é impossível analisar e explicar as diferenças entre as teorias sociais, a partir de suas conexões com as preferências e interesses prevalescentes num dado período histórico. A novidade social não é, como na física, uma novidade surgida da reorganização dos fatores. Na sociedade a novidade é real. Um fato social pode ser compreendido através da análise das forças que o produziram, através de sua significação, através de sua genese. Tal método ultrapassa a explicação causal, dando surgimento à uma metodologia essencialista, - contrária ao nominalismo, posição dominante nas ciências físicas.

As teses pro-naturalistas do historicismo admitem a existência de leis universais, e distinguem estas leis de suas verificações empíricas. Nesta versão do historicismo, as verdadeiras leis sociais são as leis históricas. A partir deste ponto, toda a construção racional de uma tecnologia social dependerá para o historicista de sua conveniência histórica.

A tecnologia social apresenta-se para o historicista de dois modos, a tecnologia totalista ou utópica, e a tecnologia oportunista. A primeira possui um caráter público, tendendo a remodelar a sociedade global, enquanto a tecnologia oportunista realiza ajustes limitados e que são continuamente aperfeiçoados. Na prática, o modelo utópico resulta inviável, pois ao rejeitar, apriori, as limitações do controle institucional, o utopista viola os princípios do método científico e, ao invés, de construir uma sociedade nova, o utopista vê-se obrigado a remodelar os homens. As totalidades não podem ser objeto do estudo científico, a não ser, através do privilegiamento de certas propriedades que conferem a algo uma estrutura

organizada, pois a ciência é seletiva, sendo impossível capturar a estrutura 'concreta' da realidade social. Isto faz com que o método totalista permaneça necessariamente um programa. A evolução da vida sobre a terra ou a evolução da sociedade humana não são susceptíveis de serem captadas por uma lei científica. Uma lei universal não enuncia uma existência, uma tendência existencial. Ao contrário, uma lei científica enuncia a impossibilidade de tal ou tal evento. Platão, Maquiavel, Vico, Spengler, Toynbee e outros filósofos e cientistas sociais, apresentaram 'leis' de evolução histórica. Comte e Mill apresentaram tendências absolutas de sucessão evolutiva, profecias incondicionais tão diferentes das previsões científicas condicionais. Segundo a posição popperiana, é impossível, por exemplo, que a tendência à acumulação dos meios de produção, apresentada por Marx, seja uma lei científica. Metodologicamente, o essencialismo histórico, dogmático, destrói-se a si mesmo, ao buscar as bases de suas explicações, através da construção de modelos nominalistas, meramente descritivos, apoiados nas concepções do individualismo metodológico, buscando atitudes individuais, antecipações, relações, para explicar os complexos fenômenos sociais. Como sabemos, Popper rejeita o historicismo, na sua vertente dialética materialista, como nas correntes idealistas utópicas. Para Popper, não existe nenhuma razão que justifique a impossibilidade de uma teoria sociológica que alcance diversos períodos sociais, de leis cujo domínio de validade não seja limitado. Mas para tanto, tais leis devem apoiar-se no postulado da racionalidade total, prevendo-se a posse de informações completas por todos os indivíduos. Neste caso, a novidade que pode ser racionalmente analisada e predita não pode absolutamente ser intrínseca, pois a distinção entre novidade de arranjo e novidade intrínseca corresponde à distinção entre explicação causal e apreciação de evento único.

Para Popper, a pretensão científica das ciências sociais só é legítima uma vez aceito o nominalismo e abandonado para sempre o essencialismo e o holismo metodológico.

O individualismo metodológico partilha alguns elementos com o reducionismo psicológico, mas não se confunde com esta postura. Entretanto, frequentemente, estas duas posições metodológicas distintas e por vezes rivais são confundidas. O individualismo metodológico utiliza indivíduos como unidade básica de construção das teorias científicas. O reducionismo psicológico supõe uma teoria do comportamento individual como base para outras construções teóricas. A redução se dá sempre que a teoria redutora contém termos não incluídos no vocabulário da teoria reduzida e se os fatos explicados por uma teoria são também explicados pela outra e se a teoria redutora possuir o mesmo grau de sistematização da teoria reduzida.

A publicação, em 1958, de 'Social Behavior as Exchange', por Homans, reorientou a sociologia americana preocupada com o paradigma funcionalista. Surgem, a partir daí, as 'exchange theories' preocupadas com a análise dos fenômenos a nível individual. A esta estratégia de construção teórica denominamos individualismo metodológico, pois procura explicar qualquer instituição social - ou fenômeno, através dos indivíduos como unidade básica de análise, (M. Brodbeck, 1968, in "Readings in the Philosophy of the Social sciences:280) . Desta forma, uma teoria construída, sob tal pressuposto, contem afirmativas sobre indivíduos e seu comportamento. Além desta estratégia epistemológica, existe pouco acordo entre os seguidores desta postura, entre estes, Berger, Blau, Coleman, Davis, Homans, Newcombe, Stinchcombe e Zetterberg. Os individualistas metodológicos negam que o todo seja maior que a soma de seus componentes.

A doutrina oposta, o holismo metodológico é tida como impraticável pelos seus opositores. E ambos os contendores buscam suas razões nas práticas de seu oponente.

É inegável que o individualismo metodológico degenerado no que se costuma chamar monadismo resulta na desesperada incorporação de relações complexas e difusas em termos relacionais ou individuais. E as duas alternativas tendem a ser exaustivas, na medida em que, alegam que o ser humano é o único agente da história, ou que alegam que existem leis ou fatores supra-humanos no contexto histórico. O marxismo é, provavelmente, uma tentativa ambivalente de conciliação destas posturas. Aliás, o dilema entre total liberdade individual e a sociedade que assegura os meios desta liberdade permeia todo o pensamento ocidental, tornando o liberalismo, o marxismo e outras filosofias políticas uma seara de controvérsias.

A posição popperiana considera impossível que exista uma tendência social que não possa ser alterada por indivíduos possuidores de informação apropriada. E, é interessante notar, que isto o liberalismo e o marxismo tem em comum.

Laird Addis, (The Individual and the Marxist Philosophy, in Brodbeck, ob. cit. 1968:317), pergunta se ao assumirmos que a visão de Marx está preocupada com as macrovariáveis e que isto não afeta a liberdade da ação humana, podemos, ainda afirmar que Marx é um holista. E se isto é verdade, Marx chegou a propor ou não propos as leis que asseguram esta liberdade. Em suma, não há tão boas razões para considerar Marx um holista metodológico, e mais ainda, seguramente, não há razão para entendermos que Marx decidiu-se por um holismo, sem leis paralelísticas que asseguram a liberdade do homem, enquanto indivíduo. E, é até mesmo possível, sustentar que Marx poderia ter defendido a posição individualística, em termos da definição psicológica da liberdade.

A filosofia marxista foi acusada de excluir a escolha e o comportamento na história, pois as regras do materialismo excluem o arbítrio, o que tornaria Marx um holista, preso a um determinismo econômico de tipo fatalista.

O que Marx exclui, não é comportamento. Mas, a livre vontade. Escolhas são eventos mentais e para Marx toda a explanação deve ser feita em termos de eventos materiais ou físicos. A história é independente da vontade dos homens e os componentes sociais formam um sistema fechado. O determinismo econômico não deixa lugar para a eficácia causal do comportamento. Torna-se, portanto, extremamente importante, mesmo crucial, analisar a concepção de Marx da conexão entre mentes e mundo material, sua visão do relacionamento da teoria psicológica e da sociologia, a importância da economia na sociedade e, finalmente, sua versão do determinismo.

A postura de Marx é dualista. Não há processo entre as variáveis sociais por si só, todas as variáveis são definidas em termos de propriedades dos indivíduos, e dadas estas definições, as leis do grupo são dedutíveis das leis individuais. Doutra forma, não é possível explicar a liberdade do homem e mais, basicamente, de uma classe social para mudar a história.

Para Marx, a visão do processo social se dá, através do interacionismo social total e isto é formalmente incompatível com o determinismo econômico. Como entender, então, uma doutrina do interacionismo social em que o elemento econômico se torna necessário? Isto é possível privilegiando algumas variáveis econômicas, sobretudo, a luta de classes, desta forma nem todas as variáveis interacionais tem igual peso.

Em suma, Marx não é um holista metodológico consumado e sua teoria insiste na liberdade do homem. Mesmo se nós o considerarmos holista teremos de admitir que sua teoria contém leis paralelísticas que dão conta da liberdade humana. Desta forma, não é necessário levar em conta os eventos mentais na explanação e predição dos eventos físicos, e as variáveis físicas constituem um sistema de causalidade fechado que compõe o materialismo marxista.

Assim, o arbítrio, a escolha, desempenham papel fundamental desde que interajam com o mundo material. E o marxismo não pode ser tido como assertiva de que a ordem social é causalmente independente da ordem individual, donde segue a conclusão sobre a impossibilidade de contrastar como opostos os paradigmas behaviorista e marxista, duma vez que

vencida a falsa consciência e o domínio do econômico, teremos comportamento regulado por suas próprias leis. A inversão do hegelianismo é uma volta ao behaviorismo, porque desequilibra a totalidade interacional, e o valor dos mitos e simbolismos da sociedade humana.

O sentido de liberdade no marxismo é, essencialmente, behaviorista e, igualmente clássico, porque se refere à responsabilidade moral. Isto ultrapassa a tradição de Spinoza e Hegel, para quem o sentido de liberdade significa a consciência da necessidade. Marx não afirmou jamais que as mentes fossem um epifenomeno. Apenas efeitos e não causas.